

Baptista Cepellos

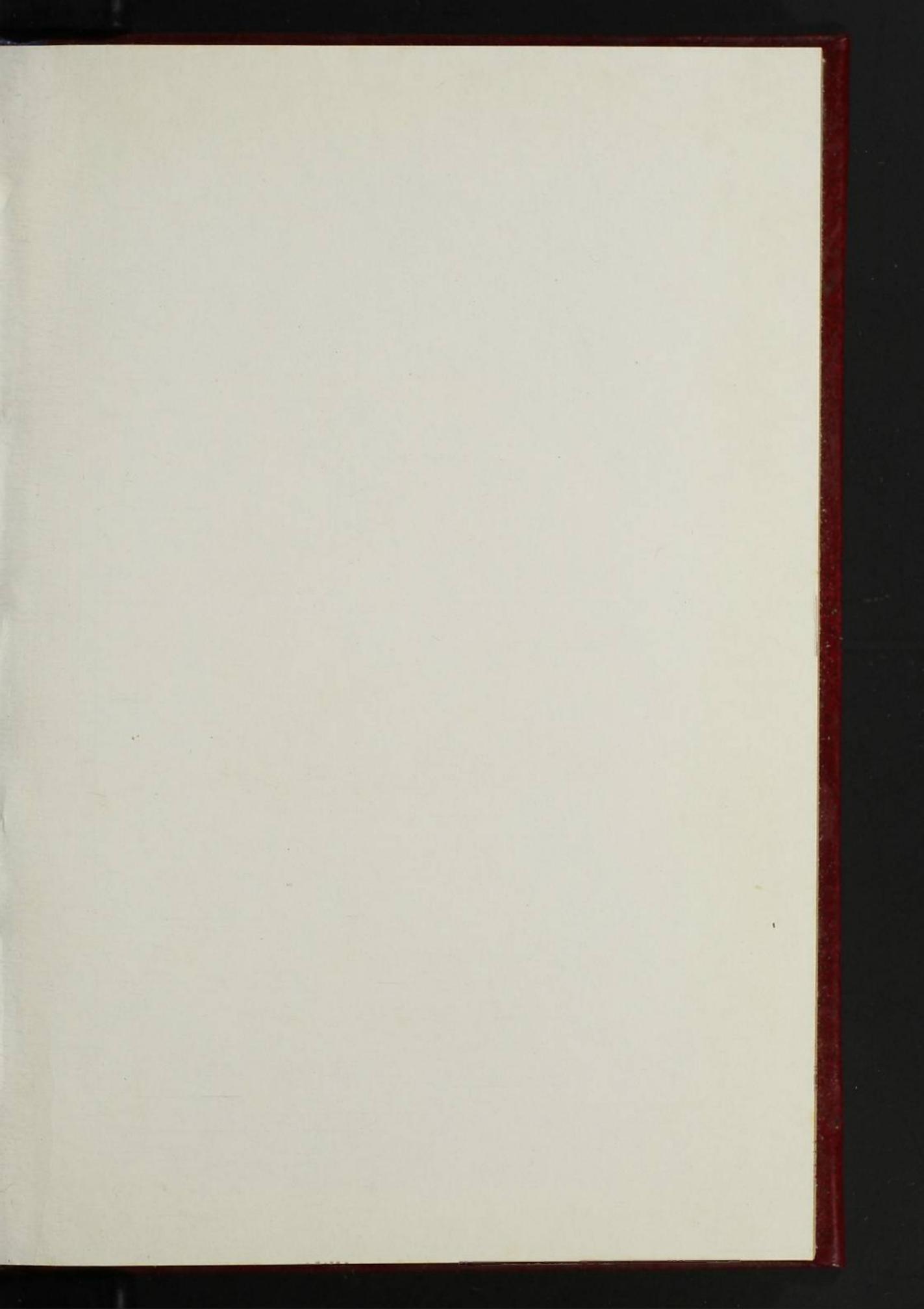
O VIL METAL

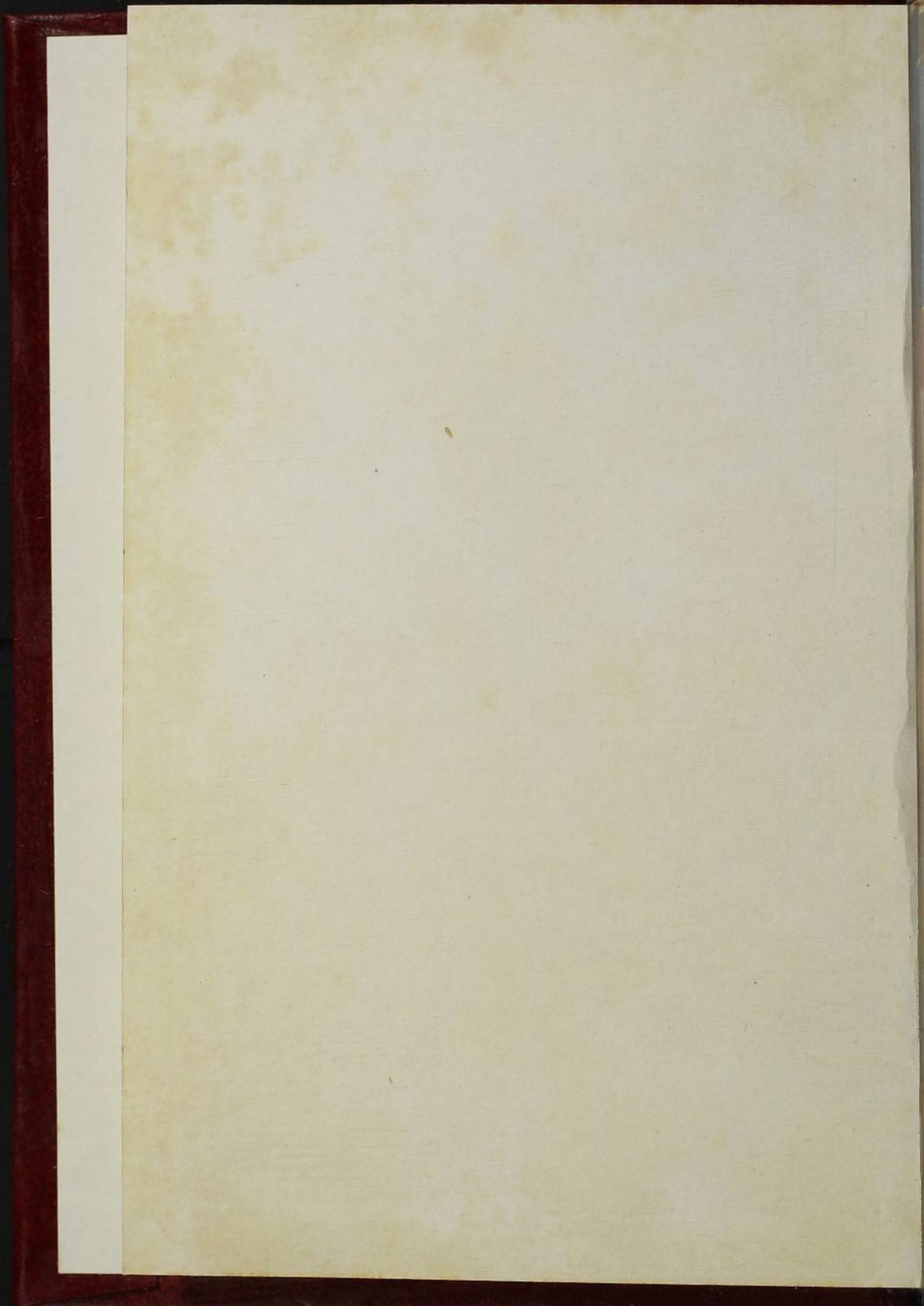
Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





O VIL METAL

DE
BAPTISTA CEPELLOS



Imprenta

Um duello nas sombras

Magnifico romance historico, por Antonio Francisco Barata. Um volume

1\$000

ATLANTIDE

Emocionante romance historico e satyrico, do dr. Domingos Jaguaribe. Um volume pelo correio

1\$000

1\$500

Os Dramas da America, sensacional romance de aventuras e expedições; obra ornada com gravuras, por G. Aimard, 2 vol. de 10\$000 por

4\$000

O Dr. Rameau, obra ornada com numerosas gravuras, por Jorge Ohnet,

1\$500

Raphael, por A. de Lamartine, luxuosa edição illustrada com numerosas gravuras,

1\$500

O Jesuita Papa Negro — romance historico e illustrado por E. Mezzabotta. — 2 vols. illustrados com numerosas gravuras,

1\$000

Noites da Virgem — Por Victoriano Palhares, 1 vol. nitidamente impresso

1.000

Diz o auctor desta bellissima narrativa: «Se o Sentimento não é uma mentira»; este livro poderá deixar de ser bello, mas verdadeiro sel-o-á sempre, que o auctor o escreveu sob a immersão de um sonho, de um desses sonhos em que a mocidade sente o elevar-se nas ardentes paixões.

Bandido do Rio das Mortes — Romance historico em continuação ao Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rey. 1 vol. nitidamente impresso

3.000

3041



10
[Handwritten scribbles]

O VIL METAL

OBRAS DE BAPTISTA CEPELLOS

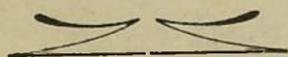
- A Derrubada*, poemeto, 1895. (Exgot.)
O Cysne Encantado, poema, 1902. (Exgot.)
Os Corvos, prosa, 1907. (Exgot.)
Os Bandeirantes, versos, 1908. (2ª edic. exgot.)
Vaidades, versos, 1908. (2ª edic. exgot.)
O Vil Metal, romance, 1910.

BAPTISTA CEPellos

O VIL METAL

Sobre a mudez forte da
Verdade — o manto diaphano
da Phantasia.

ECA DE QUEIROZ

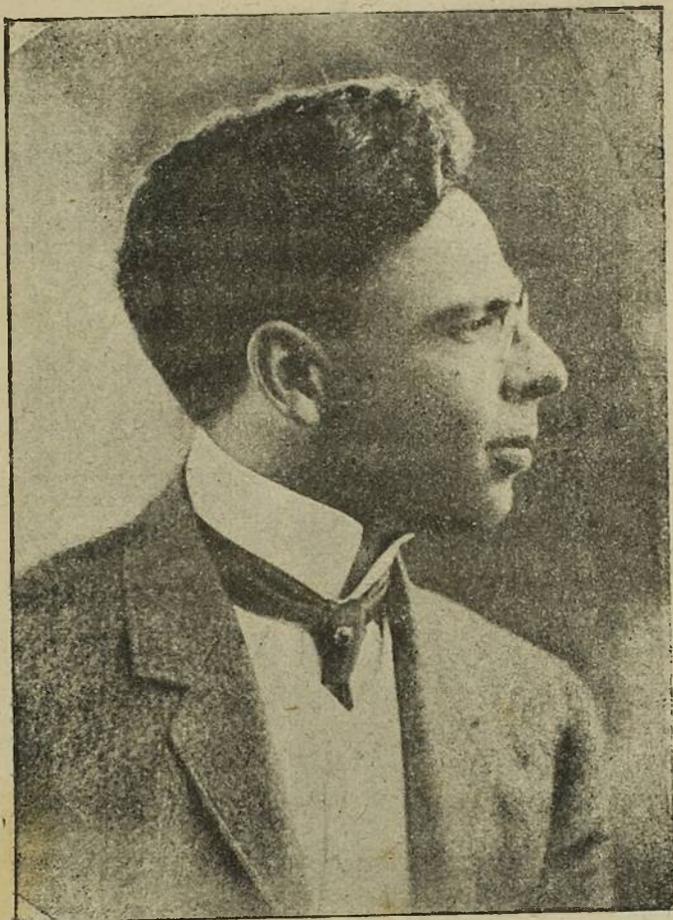


RIO DE JANEIRO

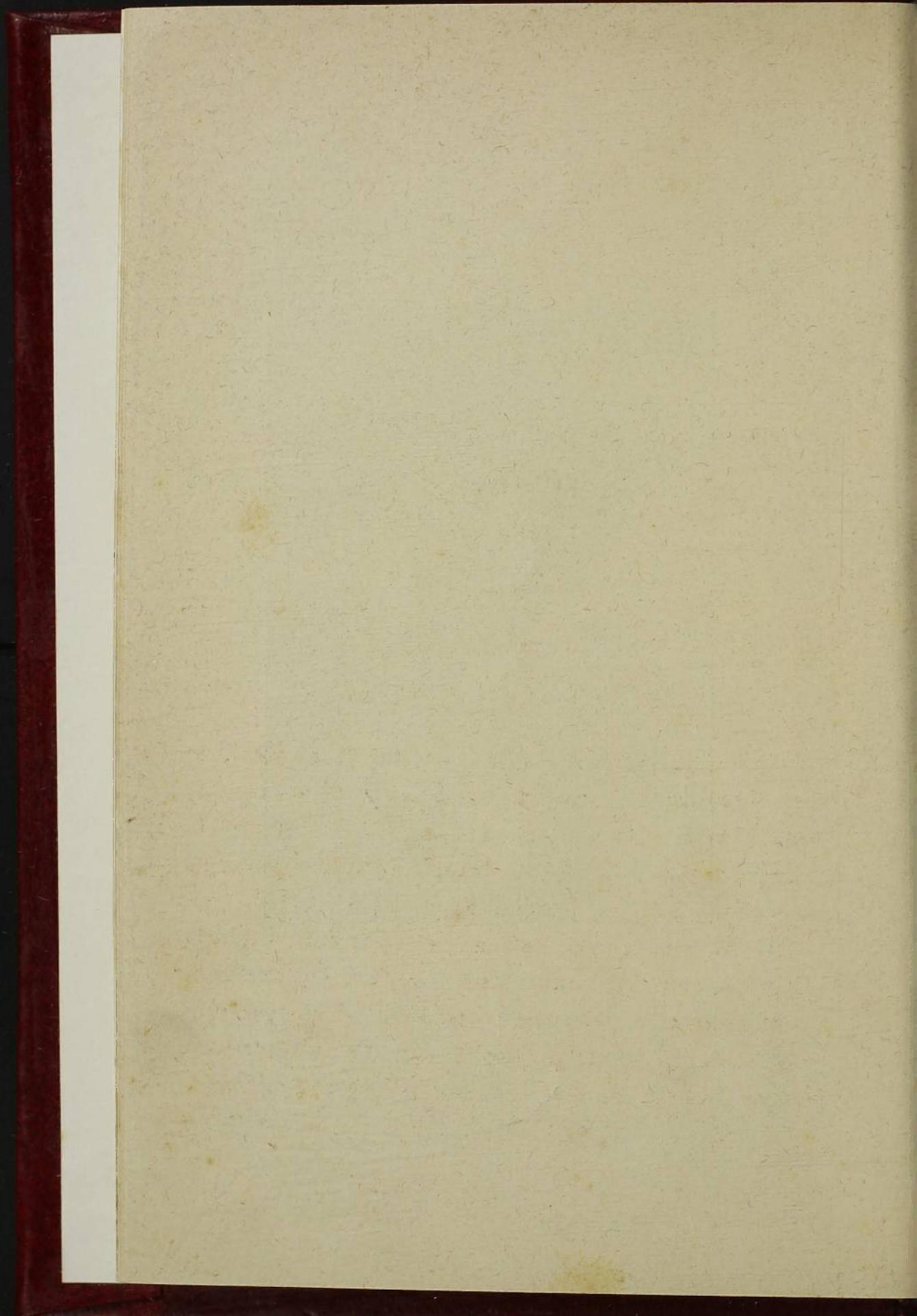
Livraria Cruz Continho, rua S. José, 82 e 84

—
1910

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILL. 60637



Baptista Cepellos



O VIL METAL

I

Por uma insipida segunda-feira de março, Xavier de Mattos, segundo a sua predilecção habitual descia a passos lentos a rua 15 de Novembro, ao cair socegado da tarde. Raros transeuntes circulavam a essa hora pelo centro de S. Paulo.

O Xavier, muito nervoso e irascível, fugindo sempre ao contacto com a multidão, que lhe cheirava a mangedoura, como elle costumava dizer, preferia esse momento de religiosa paz, em que os sinos tangem as Trindades, para os seus fleugmaticos pas-

seios. Arrimado ao seu bengalão de cerejeira, parava, esguio e pensativo, de livraria em livraria, onde permanecia como esquecido de si mesmo, a chupar distrahidamente o cigarro e a contemplar a capa dos livros expostos, com a gula de um avarento que olha para um montão de libras esterlinas...

Assim estava elle, em frente ao mostrador da Casa Garraux, quando inopinadamente sentiu que lhe tocavam nos hombros.

—Oh! meu amigo, então como vai essa flor?

Era o bacharel Zeferino de Seixas, sujeito risível, uma especie de typo intermediario entre o genero humano e os macacos de Darwin. Era pequeno, mal nutrido, e vestia com lamentavel deselegancia umas roupinhas tão escassas que parecia ter havido miseria de panno. Mas nos dias de representação e de luxo transformava-se: punha um frack desengonçado, engraxava os sapatos e atava ao pescoço, fino e comprido como um gargalo de garrafa, uma gravata de côr estridente, em que espetava uma grande perola falsa. Não usava sempre bengala: considerava-se jornalista e, como tal, andava constantemente com um rôlo de jornaes debaixo do braço. Era moreno, com o rosto picado de bexigas, tinha uma grande dentuça e um comprido queixo de cavallo. Muito lo-

quaz. Quando falava, costumava gesticular e mexer com o corpo, como si estivesse agitado por uma furiosa coceira, e ria escancaradamente, mostrando uns respeitaveis dentes de luar, largos e fortes, posto que sem nenhum polimento. A sua voz era aguda e cantada, pelo que o Xavier, muito amargo nos epithetos, dizia que o Seixas «tinha uma voz relinchante». Gosava a fama de orador, era muito sabujo e vivia de expedientes. Como meio de «cavação da vida», phrase que elle adoptava e repetia eternamente, dirigia um semario canalha, a *Vida Contemporanea*, que se publicava aos sabbados, e escrevia por gosto, como *attaché*, no *Diario da Tarde* e em todos os jornaes que acceitassem a sua prosa rala—repetição mal digerida de trabalhos lidos aqui e acolá, em revistas e jornaes estrangeiros. Não tinha fibra no estylo, porque era destituído de character. A sua posição natural era a doblez. Tinha muita labia perante os mandões politicos, a quem improficuamente «engrossava», escrevendo biographias, num laborioso esforço de agradar, que de certo havia de encher de sôfa jactancia o coração dos Pachecos paulistas, que ao passarem pelo Seixas, curvo e baboso, tocavam levemente no chapéu, com superior benevolencia...

II

Nesse dia Zeferino estava radiante, porque fizera uma descoberta muito superior á de Pedro Alvares Cabral, «que, de resto, menino, descobrira uma terra de bugres, para regalo de outros bugres mais ladinos, ao passo que eu, Zeferino de Seixas, descobri uma coisa que nos ha de particularmente render glorias e proveitos immediatos».

—Mas de que é que se trata, homem ? perguntou-lhe o Xavier. Explica-me isso por miudo.

Então o Seixas, travando o braço do Xavier, conduziu-o vagarosamente na direcção do largo do Rosario, ao mesmo tempo que lhe revelava o grande acontecimento.

—Tu ainda não ouviste falar de um rapaz muito elegante, chamado Menezes?

—Não.

—Pois eu te conto. Esse bello Menezes é um sêr adoravel, que está dissipando os cobres de uma viuva. E' intelligente, gosta de estar nas rodas intellectuaes, e paga pontualmente as despezas.

—E de onde o conheces, perguntou o Xavier, já intrigado.

E o Seixas, parando na calçada e esticando o pescoço fino, affirmava com arrogancia:

—E' muito meu camarada. Já almoçámos juntos na *Rotisserie*. E foi lá que eu tive uma idéa ..

—De comel-o assado, com o dinheiro da viuva por dentro?

—Suba... suba... guinchava o Seixas, erguendo o braço, num gesto largo. Eu pensei que podíamos muito honestamente avançar no bolo, affagando-lhe a vaidade e mettendo-lhe na cabeça, que é molle, a luminosa convicção de que deve fundar connosco uma revista literaria. O resto virá depois, desde que o tenhamos em casa.

Mas ao Xavier, homem cauteloso, que falava baixo e ria para dentro, essa proposta cynica desagradou immensamente. Si o alludido plano visava um nobre emprehendimento artistico, elle não estava longe de concordar, mas si o amigo Seixas premeditava um assalto á bolsa do tal janota, neste caso não contasse com elle, que estava muito contente com os seus farrapos.

— De resto, accrescentou, fundar uma revista é idéa chinfrim, que todos os dias naufraga no mar morto da indifferença publica...

—Mas não, acudia o Seixas. Nós pertencemos á

«belletristica» e não podemos, para «cavar a vida», abrir um açougue ou especular na Bolsa... *Est modus in rebus*, meu illustre confrade! Começa-se por uma revista e acaba se num grande jornal ou numa viagem de recreio á Europa, para retemperar o physico. Que eu o que pretendo é uma legação.

—Com essa cara?

—Que Deus me deu. O amigo entende, por acaso, que ser diplomata é só dançar baile e namorar meninas pallidas? perguntava o Seixas, gingando muito, com o queixo erguido, num desafio orgulhoso, como a prôa de um navio de guerra...

—Oh! não te zangues, replicou o Xavier com um risinho perfido, ainda serás nosso representante junto á côrte de Menelick.

Estas zombarias mortificavam o coração do Zeferino, porque o feriam naquillo que elle tinha de mais sensível. Ah! quem lhe dera possuir um bello physico de homem branco, ser alto, ter os cabellos macios e um pujante bigode retorcido! Seria sua a melhor legação da Europa, quem sabe mesmo si já estaria cansado de representar o Brasil e a «belletristica nacional» junto de S. Santidade o Papa Leão XIII, que por certo o distinguiria com a sua particular estima, por causa de estreitas affinidades espirituaes!

Mas não! Sahira rachitico, moreno e com uma ridicula feição de mono letrado!

Apezar d'isso, Zeferino reagia contra a ingrata natureza e, sem acreditar na derrota das suas esperanças, não perdia occasião de escrever longas missivas aduladoras ao ministro das relações exteriores (seu grande amigo, com quem já tinha almoçado) e era o cicerone gracioso de todos os diplomatas e consules que passavam por S. Paulo.

III

Quando elles chegaram ao largo do Rosario, arrastando os passos com preguiça e parando de instante a instante, já tinha começado a grande vida nocturna. A's portas das charutarias e dos cafés, perfilavam-se os elegantes, para assistir á passagem das familias. Carros e bonds cruzavam-se em todas as direcções. E a acanhada praça, que é o coração de S. Paulo, vibrava de animação e scintillava de luzes, enquanto no ar repercutia o pré-gão dos italianinhos, annunciando os jornaes da tarde.

Então o Xavier, que odiava esse acotovelamento e detestava esse alarido, impelliu o Seixas para o interior da confeitaria Castellões, onde pudessem

conversar á vontade, sem o risco de moer as costellas debaixo das rodas do Progresso...

E, deante de dois chopps, combinaram que no dia seguinte, logo depois do almoço, iriam a casa do Menezes, a quem o Xavier seria apresentado.

A confeitaria começava a encher-se: o mulhero facil, ostentando chapéus espalhafatosos, ia tomando logar nas mesas visinhas. Nisto, entrou um grupo de estrangeiros, naturalmente commerciantes a digerir, batendo com força as patas bovinas e tagarellando alto, a proposito de futilidades, que de certo lhes pareciam muito engraçadas, porque riam abertamente, entre palmadas amigaveis, ao calor que subia dos copos, na espessa atmospherá dos charutos...

E o magro Xavier, sentindo-se invadido pelo povo, tratou logo de se pôr ao fresco.

— Vens commigo? perguntou ao Seixas.

— Não, fico estudando estas caras.

— Bem, até amanhã ás 11, no café Triangulo.

— Não faltarei, respondeu-lhe o Seixas.

E alli ficou alguns momentos, sósinho, no meio daquelle irritante tinir de copos e do bestial contentamento daquelles mercadores. De repente, enguliu ás pressas o ultimo gole e, enfiando o rôlo de jornaes

debaixo do braço, abalou para a redacção da *Vida Contemporanea*.

IV

Xavier de Mattos morava de favor com dois preparatorianos, dois bichos chronicos, lá para os lados da Gloria. Um delles, cognominado o *cabuloso*, tinha no queixo adunco uma barbinha crespa e cerrada, que lhe dava a grótesta feição de um Sileno. Era excessivamente obtuso. Encerrava-se em casa e allí ficava, agarrado á Geographia, como um caramujo collado á casca, a atravancar a dura cabeça com os cabos, ilhas e montanhas das cinco partes do mundo. Tinha a pertinacia dos idiotas, que são capazes de passar um dia inteiro a esgravatar o nariz. Era atarracado e roliço de corpo. Em compensação, chamava-se Delgado. O outro, o Julio Ribas, natural do Estado do Rio, era um moreno, de face esverdinhada, que gostava de andar muito catita, com o cabello irreprehensivelmente repartido ao meio, numa risca larga. Tinha duas supremas occupações na vida: tocar violão e escovar a roupa.

Um dia o Xavier lá appareceu, seguido de um sujeito que carregava um grande bahú de folha.

E tratou logo de aboletar-se, de modo suave, com a prudencia de um homem pratico, até que foi conquistando terreno e ficou definitivamente aggregado ás costas dos dois cabulas. Mas não incommodava, porque era de uma simplicidade espartana : todas as noites estendia um colchão, ao comprido do aposento; e, ajuntando velhos alfarrabios, que forrava com roupas inuteis, improvisava um travesseiro. Alii descansava philosophicamente a cabeça, onde tão grandes idéas turbilhonavam, que elle não tinha tempo de sentir a maciez ou a aspereza do encosto... Porque este extraordinario Xavier, que nessa epocha ia pelo seu terceiro anno de Direito, era um grande homem inedito. Todos o respeitavam, pela excentricidade do seu aspecto e pelo que se contava da sua agitada existencia, onde se entrevia a predestinação de um alto espirito, a descrever, entre toda a sorte de privações e difficuldades, a parabola de um genio, destinado a vencer.

V

Este prodigio nascera em Limeira, no Estado de S. Paulo. Os seus paes eram pobres e obscuros. Por vezes, quando elle estava de bôa veia, relatava com

flegma os episodios principaes da sua biographia. E costumava dizer, com a pitada de rapé entre os dedos:

— Estou, como diz o Poeta, no meio do caminho da existencia. Já vivi, já soffri. E si o que ainda me resta a vêr, no theatro do mundo, é a mesma mistura de drama e de comedia, desisto do resto do spectaculo.

E, sorvendo a pitada, o Xavier referia com superior desdem, a complicada historia da sua peregrinação terrestre. Como os seus paes não dispunham de recursos, fôra um seu tio, o padre Eusebio, vigario em Limeira, quem se encarregara da sua educação, que não devia ir além das quatro operações.

Assim os seus horisontes intellectuaes ficariam restringidos a um raio minimo, marcado severamente pelos oculos de um mestre-escola. Mas o menino era espertote, tinha memoria e tinha sisudez—precocidades promettedoras... E era de vêr-se a sua attitude, nas aulas de cathecismo, quando, com os bracinhos cruzados e a cabeça erecta, reproduzia virgula por virgula o caso commovente da fuga do menino Jesus para os vermelhos areaes do Egypto, no dorso sacu-

dido de um burrico. Nesses dias, o Xavier era dispensado do resto da aula, com esta recommendação :

—Vá descansar. Diga ao padre Eusebio que o soltei antes da hora, por causa do seu adiantamento.

E o Xavier, sem demonstrar a menor alegria, enfiava o livro na saccola e tocava para a casa, muito direito e pernilongo, sem dar um assobio e sem atirar uma pedrada num gato.

VI

No fim de certo tempo, o vigario notou com orgulho os progressos do sobrinho, cuja propensão para os estudos dia a dia se accentuava.

Então, convencido de que «alli estava um bom córte de padre», resolveu mandal-o para a capital e ânternal-o no Seminario Episcopal. E o velho ecclesiastico passou uma longa tarde de oculos no bico e lapis em punho, a tomar num caderno os apontamentos de tudo que o menino precisava para iniciar a sua gloriosa carreira.

Quinze dias depois estava prompto o enxoval do futuro presbytero.

A partida foi simples, como si se tratasse de um curto passeio. José Barbalho, negociante de fa-

zendas e armarinho, que ia justamente á capital, a fazer novos fornecimentos para a sua loja, encarregava-se de levar o petiz e entregal-o ás mãos de monsenhor Hilario da Conceição Brito, reitor do Seminario, a quem o padre Eusebio, seu antigo condiscipulo, mandava uma carta muito cordial. O trem partia ás 11 horas da manhã. Mas o vigario ás 9 horas já havia despachado, como encomenda, uma grande canastra de couro. Depois, com a maior naturalidade, tomando o sobrinho pela mão, dirigiu-se vagarosamente á estação da estrada de ferro.

Era por um claro dia do mez de novembro. O padre abriu o guarda-sol e caminhando com lentidão, porque ainda era cedo, dava os ultimos conselhos ao pequerrucho:

—Você até aqui tem sido ajuizado, mas no Seminario precisa portar-se ainda melhor, estudar bem a lição, ser aceado e obedecer em tudo aos seus superiores. Eu cá estou para o que for necessario. Assim você um dia será gente, para agrado de Deus e para sua propria felicidade. Outras coisas dizia o padre, profundas e ôcas como o som de uma zabumba.

E o pobre Xavier, encolhido e apatetado, sem comprehender para onde ia, olhava para o carão ver-

melho do padre Eusebio, que bufava sob o mormaço, dizendo timidamente:

—Sim, titio; sim, titio...

No portal de um vetusto casarão, ao dobrar a esquina da rua do Commercio, appareceu a velha d. Gertrudes, muito beata e muito novidadeira, que, cumprimentando melosamente o esbaforido ecclesiastico, afagava a carinha do pequeno, murmurando:

—Então vai mesmo, sr. vigario? Coitadinho! Nossa Senhora que o faça feliz.

Na estação já se achavam os paes do Xavier, de pé, num canto da plataforma.

Tres ou quatro viajantes entraram, apressados, carregando pela alça as suas malas de mão, com lenços de seda amarrados ao pescoço. Carros chegavam de instante a instante, despejando mais gente. E os empregados da Companhia circulavam sem descanço, de um lado para outro, com o bonésinho no alto do côco. E enquanto o vigario conversava com o dr. delegado, sobre a terrivel secca desse anno, o Xavier acompanhava distrahidamente os movimentos da machina, que fazia manobras, indo e vindo, entre apitos agudos, e soltando rôlos de fumaça, que subia, torvelinhava, negra e espessa no céu claro; depois se adelgaçava e embranquecia, diminuindo lentamente,

até ficar do tamanho de um lenço, acenando nos ares...

Mas as horas caminhavam. A sineta deu o signal de embarque. Havia uma grande confusão. Todos se abraçavam. Então o vigario levou o Xavier para beijar a mão dos paes e de pois de abraçal-o enternecidamente, entregou-o ao sr. Barbalho, queo recebeu sorrindo á porta do vagão. O chefe da estação fez um gesto com o braço agaloado, em seguida a machina apitou e começou a caminhar com esforço, entre um pesado arrastamento de ferros.

E o vigario, reatando a conversa com o dr. delegado, foi caminhando para a casa, á sombra do seu largo guarda-sol amarello, que ao longe contrastava com a côr negra da batina, dando a idéa de uma grande borboleta, a esvoaçar sobre a rama de um arbusto.

E os paes do Xavier tambem se foram retirando, indifferentes e socegados, com os olhos bem enxutos, talvez por considerarem, no fundo da sua ignorancia e da sua miseria, que os filhos dos pobres são mesmo feitos para se dispersarem pelo mundo...

VII

No Seminario, onde Xavier de Mattos permaneceu durante dois annos e pouco, a vida lhe correu

com a monotonia de um presidio. E si na sua terra natal, livre diante de um céu illimitado, elle era desconfiado e casmurro, alli, naquella existencia disciplinada, onde tudo se fazia a toque de sineta, mais fundamente se foi imprimindo em seu caracter o traço escuro de uma invencivel melancolia, com tendencias bem accentuadas para um desconsolado, irremediavel pessimismo. Debalde o Magriço, um peralta magrinho, de olhos vivos, com o cabello cortado muito rente, lhe entrava inopinadamente na cella, rindo e falando, de batina arregaçada. O apathico Xavier, sentado á beira da cama, balançava as compridas canellas tristemente e, só por ser agradavel ao jovial «formigão», de vez em quando arriscava um risinho contrafeito. Falava pouco, mas as suas palavras eram picantes e virulentas, como alfinetes envenenados. Já nesse tempo a sua religião era superficialmente lithurgica: elle não reverenciava os divinos mysterios, mas, pasmado para as pompas exteriores do culto, ficava por longas horas como esquecido de tudo, a ouvir as phantasias do organ, que soluçava, profundamente, enquanto o incenso ia subindo, vago e vaporoso como um desejo indefuido.

VIII

Nesse infecundo ambiente de clausura, entre sus-
surrações de latinório e predicas de moral, a sua pu-
berdade desabotoou já meio murcha, qual uma flôr
sem viço, desabrochada a custo, na frincha escassa
de um tumulto.

Um dia, consultando a sua consciencia, Xavier de
Mattos reconheceu que não tinha propensão para a
sotaina. Decerto elle não amava a vida, que até
então só lhe mostrara uma face severa ou desinteres-
sante. Não sabia o que eram prazeres, mas já os des-
presava soberanamente, no antecipado renunciamento
do mundo e de tudo que fosse mundanario. Não se
conformava, porém, com o jugo de um juramento
perpetuo, não tinha o cachaço bastante docil para a
canga. Deixassem-no pensar e agir como entendesse,
livre e só, no meio das convenções humanas. Orde-
nar-se, elle? Isso era assumir um compromisso grave,
que o obrigaria a marchar para o dever, com a passi-
vidade de um boneco, suffocando para sempre a or-
gulhosa originalidade de seu character! Sentia arrepios
de nojo só em se considerar o joguete frivolo de uma
escala quasi infinita de «superiores hierarchicos».
Para longe a arrenegada lembrança! Elle não pertenc-

cia a essa degradante especie de homens que se comprimem como um bicho de concha entre as paredes de uma opinião, até a completa victoria ou o completo apodrecimento. Gostava de praticar a vida como as abellas—roçando apenas, com deliciosa inconstancia, a flôr dos factos e das idéas. E em vez de se amofinar com a dura carga das responsabilidades, que resultam das ambições, preferia ficar numa tranquilla inercia, comendo o pão que os outros amassassem, embora o mesmo lhe chegasse um pouco duro e amañhecido: nada é perfeito neste mundo... Oh ! de certo não era muito exigente: outros havia mais felizes, só pelo simples acaso do nascimento ! Além disso, estava farto de viver enfrascado em compendios e sentia um irreprimivel desejo de viajar, vêr outros céus e outras caras, liberto para sempre da sombra das batinas, num outro meio, onde os homens não pretendessem ser santos e os santos não interviessem impertinente-mente nas mais insignificantes acções dos homens ! Desde que deixara o lar, sentia o que as borboletas sentem, ao deixar o casulo: uma curiosidade buliçosa de tudo vêr e de tudo sentir, voando e revoando sem cessar, até dilacerar as azas e cair, agonisante, mas satisfeita !

E como o travesso Magriço andasse egualmente

enfarado daquelle «regimen penitenciario», como elle dizia, combinaram a fuga, que seria effectuada logo que pilhassem uma brecha. Mas a coisa não parecia facil, pois que ao mais leve ruido, o vigilante estava alerta, impondo silencio e acompanhando todos os movimentos.

IX

Até que uma noite o Xavier ouviu um ligeiro ruido, e soerguendo a cabeça, meio estremunhado, ficou á escuta. Então verificou que batiam muito de leve á porta do seu quarto. Levantou-se de um salto e foi abril-a cautelosamente, como quem já estava preparado para aquella surpresa. Era com effeito o Magriço.

—E' chegada a hora, disse elle sacudindo o braço do Xavier. Safemo-nos depressa!

—Espera um momento, dizia o outro, olhando apatetadamente em tórno, preciso levar alguma coisa.

Atafulhou algumas roupas num bahu, vestiu ás tontas um terno escuro e pondo á cabeça um chapéu de panno, que desabou na testa por precaução, disse baixinho:

—Estou prompto.

—Acompanha-me, sussurrou o Magriço, sem fazer o menor barulho, que eu sei por onde vou.

Sahiram, cerrando cuidadosamente a porta. O comprido corredor estava quasi ás escuras, tendo o Magriço descido mais a luz do lampeão.

A' porta da cella do vigilante escutaram por alguns momentos. Nada. O velho edificio dormia, num silencio pesado. Ao passarem pelo refeitório, o caneludo Xavier tropeçou numa cadeira.

—Psiu ! fez o Magriço. Que besta !

O outro coçava a gambia, sem proferir palavra.

E foram deslisando como duas sombras, até alcançarem a porta que dava para o pateo de recreio. Então, depondo por um instante os bahús no chão ladrilhado, que refulgia como um espelho á luz fina do luar, resfolegaram largamente, como se acabassem de sair de um fundo mergulho.

—Safa ! exclamou o Magriço. E, ameaçando o casarão, como se o estivesse esmurrando, atirou-lhe esta cruel despedida :

—Fica-te ahi, estafermo !

E saltaram o muro que dava para a rua S. Caetano. O dia vinha longe. Havia uma profunda quietação em todo o bairro. Naquelle trecho de rua ma^l

policuada não havia um soldado. E elles subiram tranquillamente em direcção á Avenida Tiradentes, pois que pretendiam pernoitar no *Hotel do Sul*, á rua da Estação.

X

Pouco tempo depois, o Xavier transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde pachorrentamente fez litteratura nas confeitarias da rua do Ouvidor e concluiu o seu curso de humanidades. E os annos foram passando como punhados de poeira, de fórma que quando afinal o grande homem resolveu trasladar-se de novo para S. Paulo, em março de 1895, era já terceiro annista de Direito, tinha trinta e cinco annos de idade e as suas costas já vergavam, carregadas de experiencia, como de fructos amargos.

Assim, naquella tarde em que eile se encontrou com o Seixas, na rua 15 de Novembro, fazia apenas quatro mezes que chegara do Rio. Era uma figura cyprestal, esse exquisito Xavier: alto e adunco, de um moreno doentio, com dois bigodões desconsoladamente cahidos aos cantos de uma bocca rasgada e desdenhosa. Os seus olhos eram de uma côr indecisa, entre o preto e o havana, e as palpebras, como as cortinas

de uma janella muito discreta, conservavam-se semi-cerradas, enquanto elle falava, com voz macia, cheia de diminutivos, que em regra não exprimiam carinho, mas odios miudos e miudas impertinencias. Tinha uns dedos longos e magros como sarmentos seccos, com os nós das articulações muito salientes. Servindo-se desses dedos, como de baquetas, costumava tamborillar no ventre tympanico, queixando-se dos intestinos e amaldiçoando o clima de S. Paulo.

Não tinha roupas para mudar, mas um unico terno escuro, uma cascâ que variava de côr com as estações e que elle só em caso extremo substituia por outra, quando já de todo não podia mais esticar a resistencia do veneravel trapo. A sua admiração por Schopenhauer ia até ao fetichismo, chegando mesmo a estudar furiosamente o allemão, a fim de saboreal-o no original, bebendo-lhe palavra por palavra, como quem absorve um veneno gostoso. Em casa, até alta noite, fincava o cotovelo á mesa de estudo, interrompendo-se de quando em quando para tomar rapé—vicio ecclesiastico, adquirido com o tio padre, que lhe dava fortes pitadas, só pelo prazer de vel-o fazer cara de choro e espirrar como um cabrito.

Mas a preocupação superior de sua vida «era fisgar o Documento Humano para um romance á

Zola, «que havia de ser um successo nesta terra mellosa de poetinhas e phantasistas.»

E os que lhe conheciam estes graves propositos de Reformador das Letras, diziam com respeito, quando elle passava, macambusio e ensebado:

—Lá vai o Xavier. Que talento!

E o grande homem ainda não tinha escripto nem uma linha. Mas affirmava que havia de escrevel-a e num estylo nunca visto, rasgando horisontes nunca sonhados

E era quanto bastava para a convicção dos seus admiradores.

XI

A' hora combinada, estava o Xavier á porta do Café Triangulo, mordendo impacientemente a ponta do bigode, quando o Zeferino surgiu da asquina da rua de S. Bento. Vinha lepido, com os jornaes da manhã debaixo do braço, o ar satisfeito, como quem caminha para uma victoria facil. E, avançando para o Xavier, com a mão estendida, prorompia em joviaes exclamações, mostrando affectuosamente a larga dentuça:

—Gosto disso, meu nobre amigo! Tu és pontual como um inglez! E, puxando o cebolão de prata:

—Tambem só vim atrazado cinco minutos. *All right!*

Então o Xavier, que detestava bonds, «vehiculos malandros, que só apparecem quando se não precisa delles», propoz que fossem a pé, tagarellando livremente ao comprido da viagem.

—Tópo, disse o Seixas. E largaram os dois pelo Viaducto do Chá a fóra, gosando o bello dia de sol, na agradavel independencia de dois espiritos despreocupados.

A casa do Menezes ficava à Alameda dos Bambús n. 149. Era um predio novo, de impeccavel brancura, tendo um aspecto risonho e acolhedor, como si fôra a residencia de um grego feliz, educado na escola epicurista. Ganhava-se a porta principal, subindo os largos degraus de uma escada de marmore preto, em cujas grades lateraes se entrançavam galhos floridos de roseiras. Era todo circumdado por um jardim, onde se erguia uma cascata—obra de arte, que representava Venus, branca e firme, de pé na borda de uma enorme concha, tangendo uma fogosa parelha de cavallos marinhos, cujas ventas se dilatavam, espadanando quatro longos fios de agua.

O Menezes, reservando á familia os aposentos do lado direito do predio, occupava sósinho todo o lado esquerdo, onde recebia os amigos com a affectuosa simplicidade de um estudante.

Quando o Adão, um vistoso preto de libré, annunciou o nome do Seixas, depois de introduzil-o na sala nobre, o Menezes foi logo recebê-lo jovialmente, entre festivas exclamações de contentamento; mas vendo a esgrouviada figura do Xavier, que se quedava, muito acanhado, por não ter habito de frequentar essas residencias ricas, ficou serio e esperou cortezmente a apresentação.

O Seixas, então, adeantou-se e indicando o Xavier, com o braço direito curvado á altura do peito, disse as palavras indefectíveis da pragmatica:

—Tenho a honra de te apresentar o meu illustre e talentoso amigo Xavier de Mattos, literato cá dos nossos.

E o Menezes, com a maior gentileza:

— Muito prazer; já o conhecia de nome e tinha vontade de conhecê-lo pessoalmente. Ainda outro dia falámos a seu respeito (não é verdade, ó Seixas?) na redacção da *Vida Contemporanea*.

Em seguida, designando-lhes as cadeiras, affir-

mou risonhamente, abrindo os braços como si abrisse o proprio coração:

— Aqui em casa, o Seixas já sabe, eu adopto e executo á risca o regimen da mais franca democracia. Nada de etiquetas. Todas as opiniões são permittidas, todas as criticas são toleradas!

XII

Emquanto o Menezes falava, os olhos pequeninos do Xavier, passeando do homem para o seu *habitat*, iam furando em silencio, como duas verrumas, e recolhendo observações.

O Menezes era um guapo garção de cerca de vinte e tres annos de idade. Alto e claro, de pelle muito fina, com uma testa espaçosa, onde se notava um começo de calvicie, que lhe dava um altivo ar cesareneo. O seu labio superior era sombreado muito de leve por um fino buço loiro. Pelos seus gestos vehementes, desde logo se via que era um entusiasta, arrastado a todo o panno pelo seu temperamento sanguineo. Falava sempre em voz alta, gesticulando com calor. E ainda que estivesse prosaicamente sentado á beira de uma cama, a conversar com um amigo sobre doenças intestinaes, tinha naturalmente a attitude

imperativa de um Danton, doutrinando de cima de uma tribuna. Gostava de enfiar a phrase com superlativos e adverbios desnecessarios, e fazia um largo dispendio de palavrões sonoros, embora não levassem nenhuma idéa no bojo... Pelo lado do sentimento, muito affectivo e muito leviano: um coração de ouro nas mãos de um perdulario.

Nos seus juizos não tinha meia tinta, nem meio termo: tudo que não fosse mau—era magnifico, e tudo que não fosse bom—era ignobil. Para o Menezes estes dois qualificativos eram os dois hemispherios do mundo physico e do mundo moral, dentro dos quaes se continham o céu, a terra e as vastas ambições da pequenina humanidade.

De resto, era muito sympathico e insinuante, tendo nos largos olhos castanhos uma expressão de fino entendimento. O peor é que era ligeiramente estrabico—defeito que não raro se reflectia nas suas acções e nos seus sentimentos.

XIII

Mas o Xavier desviou o olhar da pessoa do Menezes para o aspecto da casa.

A sala, forrada de um papel côr de perola, era

illuminada por cinco janellas, duas na frente e tres ao lado, todas envoltas em roçagantes cortinados de seda, arrepanhados por largos laços de fita côr de crême. Aos cantos das janellas, em vasos finos de ramagens azues, plantas exóticas, tratadas com o mimo de pessoas aristocraticas, erguiam as suas nítidas folhinhas bem recortadas, num geito meio encolhido, como si lemessem o beijo forte da luz e o sopro livre da natureza. Os moveis, estofados de uma fazenda clara, adamascada, davam aos olhos a sensação de uma frescura macia, propria para se alli ficar por uma longa sesta canicular, com um poema aberto sobre o joelho e o pensamento longe, no corpo amado de uma mulher bonita...

Um gato malhado, vadio e farto como um conego, roncava sobre uma poltrona, com as patinhas cruzadas, na attitude de uma pequena esphinge domestica.

O Xavier, grande amigo de bichanos, «por ser o unico animal (depois da mulher) que se não fia no homem», perguntou-lhe o nome deste.

—Chama-se *Satan*, respondeu-lhe o Menezes, que no intimo detestava os felinos, mas sustentava aquelle por snobismo literario, desde que ouvira falar no grande amor que Baudelaire tinha por esses «tigres de algibeira.»

Nas paredes, havia alguns quadros bem assignados, entre os quaes se destacavam dois retratos, postos numa rica moldura dourada, com uma larga faixa de velludo azul: um era do Menezes, mostrando em meio corpo o perfil inspirado de um Mirabeau; o outro, que lhe ficava ao lado, representava uma seuhora, em cuja physionomia amortecida se notava a tristeza de uma tarde de outomno, quando as folhas começam a cair...

XIV

Fazia calor. E o Menezes, tangendo o tympano, perguntou si os amigos acceitavam um copo de refresco ou de cerveja.

—Cerveja, accudiu o Seixas, eu e o Xavier só tomamos, patrioticamente, cerveja Antartica.

Quando o retinto Adão entrou com a bandeja, elles se achavam na bibliotheca, que se communicava com a sala por uma porta, cuja cortina se conservava sempre descida, como á entrada de um Santuario.

Era uma bella saleta, guarnecida por uma mobilia severa, com encosto de velludo côr de musgo.

Ao centro, erguia-se uma imponente secretaria, revestida de um estofa verde escuro, e repleta de es-

tatuetas, pesos, facas de marfim, raspadeiras, alfinetes, vidros de colla, caixinhas de todos os feitios, uma infinidade de objectos de escriptorio e de pequenos *bibelots* de arte, lançados numa promiscuidade delirante. Tudo isto era dominado pelos olhos redondos de uma coruja, que surdia entre dois grandes tinteiros de prata, em cuja base estava gravada esta divisa ironica para um homem superficial e mudano como o Menezes: *Nulla dies sine linea...*

Emquanto beberricavam a cerveja, o Menezes ia mostrando os livros, todos novinhos e bem alinhados, muitos dos quaes, entre as brochuras, tinham as folhas ainda pegadas, signal evidente de que ainda estavam virgens do olhar humano.

—Vês esta *Divina Comedia*? perguntava o Menezes ao Seixas, abrindo uma luxuosa encadernação. Illustrações de Gustavo Doré. E' magnifica!

E o Seixas, erguendo o queixo, declamava, com a sua vozinha cantante:

Nel mezzo del camin di nostra vita...

E explicava, com tregeitos de macaco:

—Conheço muito a biographia de Dante, Dante Alighiere, pai de lingua italiana, nascido em Florença, ou Firenze, como dizem os italianos...

O Xavier, ouvindo isto, voltou logo as costas e começou a folhar distrahadamente um poeta latino.

As sandices do Seixas revoltavam-lhe o estomago e elle só aturava o philistino como um sujeito immensamente pittoresco. De resto, sempre evitava, hygienicamente, tratar com elle de qualquer assumpto artistico ou literario, porque, segundo costumava dizer, «tolo é quem se approxima da trazeira de um animal chucro...»

Correndo os olhos pelos titulos dos livros, o Xavier não podia occultar um risinho mudo, que lhe roçava á flor dos labios.. Havia uma promiscuidade indizivel na distribuição das materias: um gravibundo Compendio de Moral ficava ao lado de um chocarreiro livro de contos; um meigo volume de versos acotovelava-se com uns insipidos Elementos de Economia Politica—e assim auctores mediocres se misturavam com celebridades, sem falar das Philosophias que se repellem através dos seculos, com uma intransigencia palavrosa e amarga. . E' que o criterio adoptado na classificação dessas obras tinha sido a mera pelintrice da côr e a riqueza da encadernação...

A verdade é que o versatil Menezes tinha a bibliotheca como um luxo fino, de que um homem ci-

vilisado, montando casa, não pôde prescindir. Segundo o seu habito, difficilmente, raramente lia um livro até ao fim: salteava as primeiras paginas, do mesmo modo que, numa conversação, apauhava pela rama as noções que lhe convinham, sem perder uma phrase—principalmente si fosse Lem torneada.

Era intelligentissimo; sobretudo, perspicaz.

Assim a sua bibliotheca se formara ao acaso, sem um plano serio e sem um interesse positivo: emquanto existissem jornaes politiqueiros neste mundo, redigidos com o costumado cynismo, os livros do Menezes podiam bem socegradamente conversar com as traças, no silencio fecundo daquelle suggestivo gabinete de trabalho...

E, como as divisas se inventaram para não serem seguidas, a coruja lá continuava a scismar, com os seus olhos muito redondos, no precioso tinteiro de prata, em que se lia:

Nulla dies sine linea...

XV

Terminada a visita á bibliotheca, voltaram á sala e installaram-se confortavelmente nas pol-

tronas. Então o Menezes mandou servir charutos.

E foi por entre a fumaça dos *havanas* que proseguiram na palestra. O Menezes affirmava que um momento na companhia de homens de espirito o desferrava do meio pulha em que era obrigado a viver. Porque, explicava, nas chamadas rodas aristocraticas paulistanas o mais que a gente consegue é bestialisar-se elegantemente...

— Tu és injusto, replicou o Seixas, com um ar sabujo. Eu tenho amigos no *high-life*, que amam as letras. E não é preciso ir longe: tu mesmo que me ouves, digno por certo do nome de Mecenas, és a prova do que avanço.

O Menezes sorriu, lisonjeado, e retrucou:

Eu por mim (e baixou a cabeça, com modestia) cumpro apenas o meu dever. Quanto aos nossos argentarios, esses formam na sociedade em que vegetam uma compacta muralha de ignorancia, através da qual é difficil penetrar um raio de intelligencia. Numa palavra: são uns tapados! E acrescentou com o desdem de um nababo, que se não mede pela craveira dos outros:

— São ignobilmente analphabetos, embora tenham o pedantismo de falar francez com os *garçons*, pelos hoteis e pelos lupanares!

E o Xavier, para quem tudo ia sempre mal, neste mundo e nos outros, interveiu com amargura:

— Tem o Sr. Menezes razão. São uns bugrinhos enfatuados, que não gostam de falar o portuguez... porque o não sabem.

— E' verdade, disse o Menezes. Só não concordo num ponto: é o amigo tratar-me de Senhor Menezes, como si eu fosse o conselheiro Accacio...

— Já que me permite a liberdade...

— Está claro, clarissimo! exclamou o Menezes. Aqui só ha uma pessoa verdadeiramente aristocrata: é o *Sr. Satan*, que alli dorme a sua somneca regalada...

— Não foi por falta de aviso, dizia o Seixas, batendo no hombro do Xavier. Eu bem te disse que o Menezes era a flôr dos nossos melhores camaradas.

Mas o Menezes, para desviar a conversa, perguntou ao Xavier «quando pretendia atirar á gloria da publicidade o seu romance, a respeito do qual já ouvira as mais entusiasticas referencias.»

— Ora! ora! gritou o Xavier. E' lá possivel? Pois si eu estou apenas colligindo os documentos, em torno de uma idéa mal esboçada. «O fructo da minha concepção», como dizem os medicos, por

enquanto não tem pernas, nem braços, nem sombra de vida. E' o *monstrum horrendum*, de que fala o Direito Romano.

— Não creias, insinuou o Seixas. O nosso grande amigo Xavier é bicho finório. Afiânço-te que elle tem os seus segredos. E a surpresa está para breve...

— E' uma lastima, dizia o Menezes, com um vinco fundo na testa, não se faz nada de bello nesta ignobil terra rôxa. E' só café e politica, ou, para dizer a verdade, politiquice e mais nada, porque toda a vida ouço dizer que a Lavoura está em crise.

— E depois, gania o Seixas, andam a rosuar, esses politiqueiros rhetoricos, que o paiz está á beira de um abysmo.

— Abysmo sem fundo, observou o Xavier, é o bolso desses patriotas.

— Perfeitamente, apoiou o Menezes, e accrescentou com uma idéa, erguendo o dedo inspirado:

— Eu si fosse deputado...

O Xavier, já nervoso, interrompeu-o:

— Que poderia fazer? Entrava para aquelle rebanho de nullidades, onde se destacam duas ou tres aves de rapina, e acabaria por ficar com todas as suas forças annulladas. E, depois, si fosse só isso! Não é preciso ser sabio allemão para saber que a

estupidez humana é mais contagiosa que a sarna.

— Toque ! exclamou o Menezes, arrebatado, estendendo a mão ao Xavier, que torcia nervosamente os bigodes. O amigo é que sabe dizer das boas ! Magnifico ! E, levado por um vento de entusiasmo, tangeu o tympano e mandou vir mais cerveja, «para molhar a divina palavra do Xavier».

XVI

E foi ao retinir alegre dos copos que Zeferino de Seixas, sacudido por um instantaneo impulso de coragem, entrou a tratar da fundação de uma grande Revista Literaria, que devia espancar a lethargia dos espiritos e combater o microbio do Utilitarismo, passando, num sopro alto de idéas novas, e reformando tudo de *fond en comble*... Ah ! não se tratava de um folheto melodioso e nullo, pejado de versos salafraios, escorrendo por todas as paginas um sentimentalismo delambido, segundo a repulsiva praxe nacional. Não ! longe disso ! Queria-se um correcto *magazine* á moda européa, onde tudo fosse superiormente chic e original, desde a qualidade do papel, até aos typos da composição, onde tudo devia ter uma feição intellectual absolutamente distincta e inconfundivel,

tratando de sciencias, artes e letras, com talento e com estylo.

— E tu, Menezes, é que nos podes auxiliar nesta campanha heroica...

O Menezes tinha a vontade facil. Parecia ter polvora no sangue: a menor fagulha produzia-lhe um grande incendio de enthusiasmo. E' verdade que quasi sempre tudo se reduzia á fumaça, e da passada fogueira nem cinza se encontrava... Mas no momento havia calor, havia faiscação, e um bello crepitar de labaredas altas... Assim, respondeu logo ao Seixas:

— Podem vocês contar commigo. A idéa é «inteiramente nobilissima.» E quanto á vil questão pecuniaria, o pouco que eu puder está ao dispor de vocês.

— De fórma que podemos contar com o nosso caro amigo? perguntou o Seixas, avançando o queixo saliente.

— Perfeitissimamente.

Então combinaram que o ponto de reunião, para tratarem dos preliminares do negocio, seria a redacção da *Vida Contemporanea*.

E como passava já das tres horas da tarde, os dois se despediram do Menezes, com grandes sala-

maleques, e foram á esquina proxima esperar o bond para o centro da cidade.

— Tudo vai ás mil maravilhas, resumiu o Seixas, accendendo o cigarro.

E o Xavier, pouco accessivel ás emoções, limitou-se a dizer :

— O negocio vai menos mal. E, olhando desconsoladamente para os pés :

— Mas eu, antes de salvar as Letras, preciso adquirir um par de calçados novos...

E alli ficaram calados por um momento, a contemplar a bella avenida, onde as arvores punham duas orlas de frescura e de sombra.

Lado a lado, os palacetes se alinhavam, num silencio orgulhoso. Em tôrno havia uma paz confortavel de bairro aristocrata, onde a vida, como um rio sem tropeço, flue larga e serena, sem uma ruga na superficie... De uma janella fronteira, quebrando aquella funda quietação, vinham uns sons vagos de piano, tocado com infinita negligencia. E adivinhavam-se uns dedos longos, languidos, cahindo sobre os teclados ao peso fulgurante de uma constellação de anneis...

Por fim, o Seixas, accordando daquella somnolencia geral, perguntou ao Xavier « que impressão

lhe causara a muito nobre pessoa do elegante Menezes.»

— Deu-me a impressão de um sêr pueril, correndo atraz de uma bola de borracha, que é o seu proprio cerebro. . No fundo, propensão para o bem, podendo tambem fazer o mal, conforme a direcção do vento...

— Pois toquemol-o para o bem, *o nosso bem*, disse o Seixas com descaro, fazendo signal ao bond que passava.

XVII

O Menezes nascera na cidade de Itapetininga, que, naquelle tempo, em 1872, era uma dessas apagadas povoações do sul de S. Paulo, «onde não repercutira ainda o silvo das locomotivas», pois que a linha ferrea Sorocabana, estendendo-se com uma lentidão de lesma, apenas chegava até á estação de Boituva.

O pae do Menezes, o coronel Vespasiano Francisco de Menezes, exercia o cargo de segundo tabelião de notas da comarca. Era pobre, mas residia em casa de sua propriedade e possuia, além disso, uma bôa chacara, chamada *Bom Retiro*, distante da cidade tres quartos de legua, a qual era famosa pelas suas jaboticabeiras.

Era um homem de bella presença, alto, calvo, com a barba muito cerrada e já grisalha. Tinha os dentes perfeitos e era muito caprichoso na *toilette*; de fórma que, quando elle passava, muito engomado e catita, com os autos debaixo do braço, a caminho da Camara, onde o dr. juiz de direito dava as suas audiencias, nha Veronica, uma velha muito faldadeira, que morava no largo da Matriz, punha a cabeça maliciosa para fóra da janella e sussurrava com despeito:

— Lá vai o bebê...

Ahí, nesse acanhado ambiente roceiro, passou-se a adolescencia do Menezes,

Leve como a sombra sobre a agua...

Elle era esperto, era travesso; assim o tempo mal lhe chegou para os folguedos e tropelias do seu temperamento irrequieto. Ia á escola, quando não o detinham pelas ruas interesses de maior urgencia, como sejam correr pelas travessas, pular quintaes e saltar vallados, atraz da vara de um foguete que vai cahindo; ou então, cedendo á estonteante influencia de um rico dia de sol, metter-se no meio de um bando de meninos da mesma idade e, mais saltão que um

cabrito, lá descer para o rio, onde passava horas e horas batendo a gostosa frescura das aguas, com os cabellos aljofrados de gottas, livre como a corrente, lepidido como um peixe !

Depois voltava para a casa com um arzinho arrepiado, gaguejava uma desculpa, e tomava um puxão de orelha !

Então, já era curioso; ás vezes, indiscreto. Gostava de ir ao quintal e, esgueirando-se, pé ante pé, espiava as filhas do visinho, o Silva serrador, afim de ver quando ellas entravam na «casinha». E alli ficava agachado, com a respiração suspensa, atirando pedrinhas.

A's vezes, gritavam-lhe lá de dentro:

—Que fazes ali, menino ?

E elle, sem vacillar:

—E' o gato, mamãe, que está negaciando um pinto...

Na sala do cartorio, onde o coronel passava o d'a inteiro rabiscando nos Livros de Notas, era severamente prohibida a entrada de crianças—pena de tabefes. Mas assim que o Menezes percebia a chegada de uma visita, lá ia enfiar os olhos pela fresta da porta, afim de observar o que se passava.

XVIII

Em geral, eram caipiras de sapatão grosso, ou mesmo descalços, com as unhas dos pés reviradas e duras como chifres, que entravam meio ás tontas, tropeçando nas escarradeiras e cuspiendo de lado. Debalde o coronel, impertinente no aceito, chegava a cuspidreira para perto dos matutos; elles não percebiam e, depois de uma chupada de cigarro, zás! salivavam no soalho tranquillamente. Em seguida, tiravam do bolso um embrulho meio sujo, envolvendo uns papeis ensebados. E começavam as consultas minuciosamente cacetes, a respeito de escripturas de terra ou sobre obrigações de quantias insignificantes. O coronel, quando se via aturdido com algum delles, interrompia os seus infundáveis queixumes ou peditorios, aconselhando paternalmente:

—Acho melhor que vá consultar o dr. Travassos. Elle, que é advogado, é que sabe bem isso. Mas o roceiro ladino retrucava:

—Quá dotô, quá nada! O compadre é dos nosso. Eu tenho mais fé no compadre!

E não havia fugir. Logo que o homem sahia, o coronel, muito contrariado, fechava o livrão e chamava o criado para catar as pontas de cigarros e des-

infectar cuidadosamente o soalho. Nesse dia o digno tabellião não trabalhava mais. Punha-se a passear na sala de um lado para outro, enquanto na cosinha se preparava o jantár. De repente, ouvia-se um tilintar alegre de guizos e o rodar de um trolly na rua. Era o correio que chegava.

Então o Menezes tomava o chapéu e corria a buscar a correspondencia. Lá, na agencia, havia sempre muita gente, á espera da abertura da mala. Muitas vezes até o sr. vigario, o padre Miguel, lá estava com um jornal aberto nas mãos, a conversar com o coronel Theotônio Barbosa, chefe politico, a respeito das noticias da capital. Recebidas as cartas e os jornaes, o Menezes voltava para a casa, caminhando muito direitinho pela calçada, desde o dia em que entrou em rijas marmelladas por haver perdido uma carta. Assim mesmo, não deixava de pôr a lingua ás meninas que o encaravam das janellas e atirava pedradas nos cachorros.

E desta maneira o tempo foi passando e o Menezes foi crescendo, com as alegres disposições de um sangue limpo. Nunca teve lombrigas, nem soffreu molestia alguma, a não ser um ligeiro sarampo, que lhe bateu aos nove annos. Esse mesmo foi tão rapido que durou apenas uma noite e lhe deixou a im-

pressão de ter atravessado em sonho uma fogueira muito quente...

XIX

Mais alguns annos passaram, sem ruido e sem historia, como um punhado de pennas volteando ao vento.

Num dia de novembro, o Menezes, que já contava dezeseite annos, ficou admirado de vêr o seu pae sentir um grande choque, ao receber a correspondencia da capital.

— Ora esta ! dizia o velho, muito tremulo, com a *Provincia de S. Paulo* na mão.

O Menezes ainda não entendia bem dessa questão de fórmula de governo, mas notou uma coisa estranha.

O jornal trazia a primeira pagina em branco, tendo unicamente ao centro um barrete com uma estrellinha e, em baixo, estes dizeres concisos, em letras enormes:

VIVA A REPUBLICA !

No dia seguinte, á noite, houve uma reunião,

com musica e foguetes, em frente á Camara Municipal.

Então, um homem assomou a uma das janellas e começou a fazer um discurso retumbante, em que havia muitos rr. O Menezes, todo attento ao foguetorio, sorria com despreocupação, achando que tudo aquillo não passava de uma grande palhaçada. Mas ouviu, pela primeira vez, umas palavras, que lhe pareceram bonitas, como effeito oratorio: Fraternidade, republica, cidadão, progresso, democracia... Em todo o caso, deixou as palavras, que afinal não passavam de palavras, para prestar toda a attenção aos fogos, que subiam, descrevendo uma curva luminosa, e estalavam junto ao céu estrellado.

Depois contaram-lhe que o Imperador tinha embarcado em um navio e partido para nunca mais voltar. E elle jamais veria aquelle famoso Pedro II, cuja face redonda apparecia em todas as moedas, com um desconsolado pallor de lua cheia. Devia ser muito rico aquelle puro velhinho! Mas não voltava. Era uma grande pena!

Agora (diziam-lhe) quem governava o Brasil era um Marechal muito valente, chamado Deodoro, que vestia uma farda bordada de ouro, galopava num cavallo forte, e tinha uma tremenda cara de leão!

XX

Mas esse desabar de um Imperio não produziu o menor abalo na alma distrahida do Menezes, que agora auxiliava ao pae no serviço do escriptorio, onde passava a semana inteira a encher procurações com a sua letra larga, de traços firmes.

E os seus dias, arrastados assim, lhe pareciam longos e ingratos como os dias de um desterrado. O sol estendia-se lá fóra, na rua deserta, pondo scintillações de ouro nas vidraças; um carro de bois, ao longe, rechinava tristemente, ao passo que o martello do ferreiro, na esquina proxima, batia, batia, batia sem descanso, num compasso dormente e sempiterno...

Através da janella, na atmospheria quente, via-se dançar, tremeluzir uma fina camada de poeira, que fatigava os olhos...

Mas havia compensações. A' tardesinha, era agradavel pôr o chapéu á cabeça e, muito despreocupadamente, sacudindo a bengala, ir ao largo da Matriz e passar em revista, uma por uma, as moças que entravam na egreja, para as rezas do mez de Maria.

E os olhos do Menezes bebiam regaladamente

toda a volupia daquellas fôrmas sadias, desabrochadas ao sol com a mesma simplicidade e o mesmo viço das papoulas do campo !

XXI

Certas noites o Menezes afastava-se de toda companhia, desabava á testa o seu chapéu de feltro e, esgueirando-se como um criminoso, descia a rua das Formigas, abria uma cancella, numa casinha baixa, de batentes azues, e entrava subtilmente.

Ahi morava uma tai Vicentina.

Era uma mulherzinha morena, de rosto comprido, com uns bandós negros aos lados e uns dentes muito brancos, miudos e apontados, como dentes de rato. O seu conhecimento com esta rapariga começara assim : o Menezes passava por alli, numa noite em que voltava da chacara, quando ouviu uma voz sussurrar-lhe:

—Entre...

Olhou, era uma mulher, que o convidava, com muita naturalidade, como si o conhecesse intimamente. Elle ficou acanhado, com o coração batendo forte, mas não teve coragem de proseguir e perguntou com timidez:

—Mas para que?

—Entre, meu bem, entre que eu lhe digo. Depressa, que vem gente.

Ouvia-se um tropel, alguém se approximava a passos duros. Então entrou. E a verdade é que ficou gostando, tanto que prometeu voltar.

E voltava continuamente.

A Vicentina era muito carinhosa. Contou-lhe todas as infelicidades da sua vida, que tinha sido apaixonada e dramatica. Elle a escutava, serio e commovido, com o gato no collo, achando que neste mundo os homens eram muito perversos para com as mulheres, coitadas! Estas lhe pareciam todas umas victimas, pobres anjos indefesos, a se debaterem dolorosamente entre as garras ferozes dos homens—demonios que as arrebatavam rudemente pelas veredas do Peccado, atirando-as por fim nos lixos de uma viejla, abandonadas, enfermas, miserandas, com uma grande paixão na alma e uma cruz de amarguras nas costas!

Mas não lhe tardou uma cruel desillusão.

Sahindo de casa, por uma fria noite de chuva, dirigiu-se, como de costume, á rua das Formigas.

O seu coração antegosava aquelle doce conchego da casinha azul, onde contava passar umas horas

deliciosas, ouvindo as confidencias da Vicentina, emquanto a chuva, amollecendoramente, tamborilasse no telhado.

Chegou. Tudo fechado. Mas espiando pelo buraco da fechadura, viu luz na sala. Bateu de leve na porta, emquanto o seu coração batia forte no peito. A Vicentina, muito contrariada, depois de perguntar asperamente quem era, abriu uma fresta da janella. Então o desventurado Menezes entreviu, escarranchado com insolencia numa cadeira, de chapéu á cabeça, um largo caboclão de má catadura. Ficou surprehendido e atrapalhado, perguntando com voz reprehensiva :

— O' Vicentina, quem é esse ?

— E' gente, disse ella com desdem. Volte amanhã. E ia já cerrando a folha da janella, quando o bruto rugiu lá de dentro :

— Feche essa porcaria, moça !

A janella estalou. O Menezes voltou para a casa, contrariado, com as calças enxovalhadas de lama e a alma enxovalhada de tédio, jurando um odio eterno contra todas as mulheres falsas e contra todos os marmanjos de cachaço taurino !

Depois conheceu outras Vicentinas, ouviu outras narrativas sentimentaes ; porém nunca mais

acreditou na pureza desses anjos de bandós, nem se deixou mais commover com as suas paixões desventuradas.

Todavia, guardou uma especial recordação daquella : por ter sido a primeira a inicial-o no amor e na falsidade.

XXII

Nesse dia o Menezes levantou-se mais cedo que de costume. Estava alegre, assobiando alto, como um canario madrugador. De resto, a cidade toda rejubilava com o grande acontecimento, que, conforme dissera o jornal da terra, num estirado artigo de fundo em que citava Spencer, «collocava Itapetininga na senda abençoada do Progresso, por onde caminham os povos cultos, allumiados pelo facho da Liberdade.» Depois de celebrar o «facho da Liberdade», o jornalista concitava os povos de Itapetininga, num *sursum corda* de gratidão e homenagem ao merito, a entoar hosannas ao benemerito, illustre e denodado chefe republicano local, coronel Theotônio Barbosa, a quem se devia aquelle importante melhoramento.» E terminava com esta arrojada metaphora : «Porque a voz da locomotiva, senhores, é a voz do futuro !»

O motivo desse desabalado contentamento publico é que a Companhia Sorocabana inaugurava, nessa data, o ramal de Itapetininga. A cidade amanhecera em festa.

Nas ruas por onde tinha de passar o prestito, havia grandes arcos de tabua, horrendamente besuntados de verde e de amarello e enfeitados por tufos de folhiagens. No cimo desses espantalhos, ostentavam-se grandes disticos laudatorios, pejados de «engrossamentos» ás figurinhas da terra e aos figurões de fóra, que todos eram doutores, coroneis, o diabo. E todos eram igualmente acclamados como muito illustres e muito virtuosos, apezar de muito republicanos... E de certo todos tinham sido para a humanidade mais uteis que Pasteur, mais valorosos que Alexandre e mais geniaes que Camões, porque os seus nomes preclaros eram precedidos de um *salve, benemerito; salve, glorioso; salve, immortal...*

A charanga local estava terrivelmente afinada e em fórmula, prompta para ejacular o hymno nacional.

O director das escolas, um moço alto, cabellos côr de manteiga, que era sabujo por natureza e já corcovava de tantas curvaturas deante dos chefes, havia previamente industriado as pobres crianças a respeito dos vivorios que deveriam soltar e das cabe-

ças (grandes cabeças !) sobre as quaes deveriam atirar punhados de flores.

Emquanto isso, no silencio propicio do lar, medindo a vasta sala com vastas passadas de leão, ou parando em frente á janella, com a mão esquerda dobrada para traz e a direita enterrada na cava do collete, numa attitude napoleonica, o talentoso doutor Travassos (orador notavel pelo seu metal de vóz) estudava o discurso com que devia dar as boas vindas ao alto pessoal administrativo da Estrada de Ferro Sorocabana e aos representantes do governo estadual (a que se aggregavam alguns politicotes vaidios, comedores de banquetes), que vinham da capital especialmente para assistir ás solennidades da inauguração.

O pequeno edificio da Estação quasi desaparecia debaixo de tanta ornamentação: viam-se por todos os angulos trophéus de bandeiras com as hastes entrelaçadas sobre escudos em que se liam datas historicas ; arbustos bem recortados se enfileiravam ao longo da *gare* e as portas se emmolduravam de virides torçaes de folhagens, estrellados de flores. E a estaçõesinha, risonha e simples, pintada de fresco, com a sineta dependurada ao lado, tinha uns ares

agradáveis de capella campestre, em dia de festividade.

XXIII

Antes da hora marcada (que devia ser as duas e quinze da tarde) já era grande a curiosidade do povo, que se apertava nos arredores da estação, numa ansiedade enorme, disputando os melhores logares.

E o leito da estrada se estendia, liso e limpo, com os seus trilhos novos de aço, que rebrilhavam ao sol e, deante os olhos, se estreitavam gradativamente, até á extrema curva, onde eram engulidos por um barranco, no alto do qual esvoaçava uma bandeirinha vermelha.

O chefe da estação, com a sua vistosa farda agaloada, não se cançava de dar ordens, caminhando muito agitado, com o relógio na mão e olhando a cada momento para a direcção em que devia apparecer a locomotiva...

Mas era cedo. O povo continuava a affluir, com as suas vestes domingueiras, pintalgadas de cores estridentes, que tanto se destacavam sob a luz forte daquella incandescente soalheira de janeiro.

Os carros de praça, que chegavam transbor-

dando de passageiros, erguiam de sob as rodas um espesso rôlo de poeira, que tapava o solo e os envolvia totalmente, dando por vezes a uma velha traqui-tana de aluguel, arrastada por um matungo velho, a apparencia phantastica de uma carruagem prophe-tica, rodando entre as nuvens...

Nisto appareceram, varando aquella muralha viva de populares, que abriam alas com respeito, «as pessoas gradas da terra», entre as quaes se notava o coronel Theotônio Barbosa, alto, forte, sympathico, carregando com o maximo desempenho os seus cin-coenta annos de idade.

Era o supremo chefe politico local, pois trazia os seus pergaminhos republicanos da Convenção de Itú.

Não podia tambem passar despercebida a figura original do doutor juiz de direito, muito grave, como si estivesse no Jury. Trazia a barbinha aparada de fresco, envolvendo uma cara inconfundivel, chan-frada como um quarto de lua. Depois era o vigario da parochia, padre Miguel, de nacionalidade italiana, redondo e corado, em tudo revelando bôa nutrição e bôa vida. Ao lado deste, perfilava-se o doutor pro-motor publico, com o *pince-nez* de ouro scintillando no alto do nariz petulante. Muito curioso o coronel

Fabiano Ramos, presidente da Camara ! Estava atacado de um tal *caipirismo* que parecia querer sumir-se entre as dobras da sua sobrecasaca nova, larga e solenne como um balandran de procissão. Todas as atenções, porém, se voltavam para o abalisado jurisconsulto doutor Travassos, magro e agudo como um poste telegraphico. Este, que era o Demosthenes da terra, estava encarregado de interpretar os sentimentos municipaes, naquella festa do progresso. Parecia nervoso, ageitando a cada momento o collarinho e pigarreando forte, como si tivesse uma espinha de peixe atravessada na garganta.

Approximava-se a hora. O Menezes, não tendo podido conseguir um logar na plataforma, foi caminhando com difficuldade ao longo da *gare* e ficou um pouco retirado, nas proximidades da caixa d'agua, onde uns roceiros se quedavam, olhando para a linha, bestificados e mudos, numa expectativa indifferente.

De repente, ouviu-se um surdo estalar de foguetes ao longe, seguido de um fino, quasi imperceptivel apito. Era o signal. Todas as cabeças se agitaram e um marulho irrompeu no meio da multidão, que começou a avançar, conquistando terreno, como um rio que transborda. E, poucos momentos depois, a machina surgiu na curva, entre rôlos de fumarada.

Então vibrou claro, cortando pela primeira vez aquelles quietos ares, um longo, estridente e victorioso apito. Era, como bem disse o imaginoso dr. Travassos no seu discurso, levantando a mão tremula, «era Civilisação que se fazia annunciar a Itapetininga pelo grito metallico da locomotiva!»

E, de vagar, de vagar, o trem se approximava, enfeitado de bandeiras, reluzente de vidros e molas de aço, com as doiradas chaminés refulgindo ao sol, fungando e resfolegando, como um formidavel animal esfalfado.

Então foi um delirio; a musica estrugia com furor, gyrandolas de foguetes estouravam no espaço e o povo bracejava, soltando vivas.

Mas nada interessou tanto ao Menezes como a emoção dos caipiras que lhe ficavam ao lado, um dos quaes, não podendo conter-se, quando a machina passava com as caldeiras chiando e fervendo, exclamou:

—Comeu braza, bicho damnado!

E ficou agachado, com a bocca escancarada e as mãos nas ilhargas, observando bem de perto o monstro que passava, lento e soberano, soltando negras golfadas de fumaça...

XXIV

Por uma preguiçosa segunda-feira, o Menezes atravessava o largo da Matriz, sobraçando um masso de autos, quando, ao defrontar com a casa de nha Veronica, esta o chamou para lhe communicar uma novidade.

—Sabe que temos gente nova na terra ?

Não, o Menezes não sabia.

Então nha Veronica lhe contou que se tratava de uma senhora, chamada d. Carolina, viuva de um fazendeiro muito rico, o coronel Fidencio Gomes da Silveira, que fallecera ha cerca de um mez, em Botucatú. Uma fortuna immensa: dizem que mais de trezentos contos de réis, só em dinheiro, não contando a fazenda, predios na capital e o resto.

—E ella é bonita, nha Veronica ?

—Não, respondeu a velha, com um sorriso ladinho, bonita não: sympathica, que ella, a coitada, já está como eu assim, meio cá, meio lá, descendo a serra. Falando serio: ella não é criança, mas o primo sabe, muito conservada, muito tratada, ainda não é nenhum peixe podre...

—E tem filhos, perguntou o Menezes, distrahi-damente.

—Só tres.

—Só, nha Veronica? Acha pouco?

—Não acho muito, porque elles já estão crescendo.

O menor tem quasi dois annos. O coronel Fidencia parece que não dava mais fogo...

—Um partidão, que diz, nha Veronica?

—Um partidão, confirmou a velha. E, piscando os olhos com malicia:

—O primo proponha-se candidato. E conte com a minha fraca protecção. Sabe que sou sua parenta.

—Oh! muito obrigado, nha Veronica. E fazendo um movimento desdenhoso com os labios, accrescentou:

—Não pretendo...

—Pois é pena, retrucou a velha, era tão bom para Itapetininga, para a nossa terra, toda essa riqueza ficava em casa.

—A senhora canta bem, disse o Menezes com um sorriso amavel, canta bem, mas não pega. Até logo, vou a casa do juiz.

—Até logo, primo. Hei de estimar que se encontre com ella. O Menezes voltou-se:

—Diga uma coisa, nha Veronica. Onde a sympathica viuva está hospedada?

—Está na pharmacia do Victorino.

—Na pharmacia? Livra! então é droga...

—E', confirmou nha Veronica, esfregando o polegar no indicador, num gesto que queria dizer *dinheiro*, destas drogas que curam todas as doenças...

O Menezes proseguiu, rindo gostosamente e pensando naquella extraordinaria Veronica, que era incontestavelmente a mulher mais popular e mais terrivel da cidade. Quem quizesse conhecer a vida intima de Itapetininga, os escandalos e as miserias de todas as camadas sociaes, era dirigir-se ao largo da Matriz e folhear nha Veronica, que era a chronica viva da vida alheia. Não havia segredo, sussurrado na mais recatada alcova, que não fosse devassado pelos seus terriveis olhinhos de raposa esperta. Mas era desbocada como um bebedo: dizia palavrões escabrosos deante de moças e não respeitava logar, nem conveniencias. Era leitura só para homens, como dizia o pharmaceutico Victorino, que na maledicencia e no descaro rivalisava galhardamente com a velha megera.

Nha Veronica devia ter os seus cincoenta annos, era magra, com o carão chupado, a bocca rasgada e uns olhos pequeninos, que scintillavam, vivos e aguçados, como si estivessem sempre promptos para fu-

rar paredes e surprehender a vida do proximo. Passava os dias numa rede, fumando cigarros, cercada de uma clientela de toda a côr, a solapar reputações e a collier dados informativos.

Fôra repudiada pelo marido, e, por isso, despeitada e desilludida, odiava impiacavelmente tudo quanto se referisse a relações amorosas. Espionava os homens casados e era medonha para com as mulheres que cahiam. Punha tudo na rua! Em compensação, gostava de amar lyricamente todos os homens formados, moços e solteiros, que passavam por Itapeatinga. Mandava-lhes pratinhos de doce e fazia-lhes muita festa, num derricko grotesco de velha gaiteira, dizendo que se não trocava pelas moças...

Tinha, além disso, a mania de se dizer parenta das principaes familias da terra. Todos os «grandos» eram seus primos. A verdade é que ninguem a contrariava, porque cair no seu desagrado era peor que afundar num cano de exgotto: a desmoralisação seria inevitavel, ainda que se tratasse da pura reputação de um santo, encastellado numa torre de virtudes!

Ia tudo no enxurro.

A sua lingua, flagello das familias, tinha um ponto de semelhança com as patas do cavallo de Atila: por onde passava não crescia mais a herva!

XXV

Apezar de não ter dado grande importancia á tagarellice da velha, o Menezes, caminhando vagarosamente pela calçada, cujas pedras tiniam, mordidas por um sol de fogo, ia de cabeça baixa, como todo enlevado na contemplação dos bicos dos seus proprios sapatos, sonhando, phantasiando, malucando... Trezentos contos de reis, predios, uma fazenda... Ah! si elle possuísse essa riqueza, não estaria alli, sob o duro mormaço, marchando passivamente, com um rôlo de papeis sujos debaixo do braço! Mandaria edificar um grande sobrado, que fosse o primeiro de Itapetininga, compraria uma linda carruagem, tirada por uma parelha de cavallos mais imponentes e mais fortes que ginetes de guerra. E havia de ter criada-gem, e o seu nome seria mais falado que o do coronel Barbosa, um pobretão a quem se atirava uma reles cadeira de deputado, com a condição de alli ficar caladinho, com bons modos, como um menino que se engambella com um doce e se ameaça com uma vara de marmello. Elle não: tambem seria deputado, está claro, mas para falar franco, para rachar direito em nome do povo, fazendo o governo tremer ante a rajada do seu verbo indomavel—indomavel, sim, porque

elle tinha dinheiro e podia ter independencia ! E naturalmente o capital em suas mãos (elle não era tolo) havia de crescer e multiplicar como as gerações abençoadas. E elle seria o grande Menezes, olhando Itapeatinga e o mundo do alto do seu palacete e atirando esmolas pela janella, como um Salomão, a todos os pobres que passassem na rua !

Assim delirava o Menezes, enquanto ia seguindo para a casa do juiz de direito; mas, quando puxou o cordão da campainha, os seus projectos de grandeza se despenharam do azul, com a impetuosidade de um bálão furado...

XXVI

A primeira vez que o Menezes viu a viuva foi num domingo, no momento em que a magnada senhora, arrastando um soberbo vestido preto, o véu descido sobre o rosto, atravessava o largo da Matriz e entrava na egreja com o seu doirado livro de missa.

Parecia um sêr vulgar, sem aquella linha nobre e sem aquelle porte soberano que o Menezes imaginara, ouvindo falar da sua riqueza, da fina educação que recebera e da alta sociedade em que vivia. Emfim, vendo-a de relance, não podia fazer um juizo

exacto. Por isso, logo á noite, foi de sobrepensado á *Pharmacia Popular*, afim de «observar o phenomeno mais de perto.»

Como a temperatura estava agradavel, o pharmaceutico Victorino mandou collocar duas cadeiras na calçada e os dois amigos sentaram-se para gosar a fresca, «batendo a lingua nos dentes.» Fazia um luar purissimo, que espiritualisava todas as coisas. Dir se-ia que a lua, numa tristeza romantica, andava pelos caminhos lá de cima desfolhando lirios pallidos... As arvores do largo se quedavam, immoveis e serenas, como mergulhadas num sonho vegetal, todo feito de inconsciencia.

As suas folhas tinham furtivas phosphorescencias, lembrando os arrepios de uma epiderme delicada.

E a igreja matriz, toda banhada de luz, com a torre aguda projectada para o azul, parecia uma nau de puro marmore, cortando um mar de pura neve. E no quasi absoluto silencio apenas se ouvia o rumor compassado das tacadas, no bilhar do Club Venancio Ayres.

Na esquina proxima, distinguiam-se dois vultos parados. Na casa de nha Veronica, em frente, não havia lume na sala; mas á janella destacava-se, ao vivo clarão do luar, a mancha escura de uma cabeça vi-

gilante... Sobre o coreto, no centro da praça, dansava a sombra comprida das arvores que o rodeavam. De longe, muito de longe, vinha em fragmentos a vóz chorosa de um serenatista. E tudo o mais permanecia extatico, embebido em mysterio, na grande suggestão de um pantheismo consolador.

E alli ficaram os dois, o Victorino e o Menezes, a conversar miudamente sobre as trivialidades daquelle socegado meio roceiro, onde uma caçada de perdiz, a prisão de um bebedor e a estréa de uma gravata são assumptos que se discutem com interesse, debatendo ponto por ponto, entre risadas espessas e prolongadas. E assim, dialogando sobre acontecimentos de tamanho alcance social, chegaram á hora aprazivel do chá.

Então o Victorino mandou recolher as cadeiras e convidou o Menezes «para lhe dar essa despeza e fazer esse sacrificio.»

XXVII

Entrando á sala de jantar, onde estava servida a mesa como para um banquete, o Menezes foi apresentado á viuva pelo Victorino.

—E' o maior talento desta zona, minha senhora.

Ella o cumprimentou com a maior singeleza e começou logo a conversar com uma familiaridade que lhe pareceu encantadora.

—Que bonito luar faz em sua terra, sr. Menezes.

—Oh! magnifico, minha senhora! exclamou o Menezes, já entusiasmado. Estas campinas de Itapetininga, batidas pelo luar, são mais bellas que a decantada Veneza com as suas famosas gondolas! Isto dá vontade de a gente ser poeta e sair por esses caminhos recitando versos.

Ella escutava, embevecida, com um sorriso parado, os olhos fixos no facundo Menezes, que estava de veia e, ao mesmo tempo que falava, sacudia os braços, num vigoroso tom oratorio.

E elle continuou, num jorro forte:

—O que nos falta aqui, a sra. ha de notar, é uma boa administração municipal, um prefeito que mande calçar essas ruas mendigas, rasgue jardins, encha isto de agua e de luz!

—Não! isso seria o diluvio universal, disse o Victorino, fazendo graça e rindo estrondosamente da sua propria graça. Mas o Menezes não se perturbou, replicou teso:

—Vocês é porque tudo accitam com a resig-

nação dos bugres: dão-se maravilhosamente com o regimen da caça e da pesca...

E o Victorino, com muitos ss na vóz, em tregeitos sarcásticos:

—Oh! por Deus! não insulte os nossos antepassados...

Mas chegaram os bules de café e de chá, pondo remate á controversia. D. Henriqueta, esposa do pharmaceutico, restabeleceu a ordem, como boa dona de casa, convidando-os para que se approximassem da mesa.

E a conversa correu mais suave, sobre musica.

—A sra. d. Carolina naturalmente ha de nos dar a honra de ouvil-a ao piano, disse o Menezes com perfeita amabilidade.

—Nunca! exclamou ella com um rubor na face, sacudindo o dedo negativamente, não só porque toco muito mal, como porque desde que me casei... comecei a tratar dos filhos.

—E' modestia della, affirmou d. Henriqueta. E' uma eximia pianista.

—Não deve negar-se desse modo, d. Carolina, disse o pharmaceutico, em tom solenne, com um pedaço de queijo espetado no garfo. Eu o que sinto é

não estar aqui minha irmã Iracema para cantar um trechosinho.

—Ah! interveiu o Menezes com vóz admirativa, si a sra. a ouvisse, d. Carolina! Uma vóz de ouro, uma soprano ternissima. Depois, accrescentou com ares de conhecedor, tem escola, tem educação tecnica.

—Mais uma chavena perguntou d. Henriqueta com o bule de chá na mão.

—Muito agradecida, estou satisfeita.

—Pois eu, disse o pharmaceutico com emphase, acceito outra, para facilitar a digestão. E cortando um pedaço de pão de ló, offereceu-o ao Menezes:

—Vai mais um pedacinho?

Mas o outro recusou com uma pilheria:

—Sei até onde chegam os teus tenebrosos intuitos: queres empanturrar-me com os teus doces para depois esfolar-me com as tuas drogas. Não marchó! Todos riram. Isto deu ensejo a que comessem a falar de doenças.

D. Carolina perguntou ao Victorino que tal achava o clima de Itapetininga, tão gabado como o melhor de S. Paulo.

O pharmaceutico ficou lisonjeado com a pergunta, e tomou logo uma attitude grave de homem

de sciencia, cuja opinião vale por um receituário. Mas não se negou. Respondeu de vagar, prodigalizando detalhes e citando os casos «que a sua modesta pratica lhe tinha deparado no caminho espinhoso do dever»...

E concluiu roncando forte, saboreando a sua importancia, com o palito suspenso:

— Em summa, d. Carolina, molestias do apparelho respiratorio não temos, nem febres de máu caracter: os ares são lavados e ventilados á larga; temos grande abundancia de oxygenio. E, pigarreando grosso, entrou no amago da questão:

— Mas já não digo o mesmo (a sciencia é a sciencia, não se trata de bairrismo) não digo o mesmo com relação ao apparelho digestivo. Este povo alimenta-se mal, bebe aguas insalubres, numa palavra, não segue os preceitos da hygiene, sciencia sem a qual a nosa vida está sempre em perigo. Temos por ahi muita gastro enterite, muita hepatite, muita pancreatite...

Mas as desoladas senhoras, apavoradas com tantos nomes em *ite*, foram-se levantando, de medo que o grande homem continuasse.

Emquanto isso, o Menezes ironicamente lhe batia no hombro:

— Você tem dedo, Victorino; você é mais forte do que a morte!

O pharmaceutico triumphava, com um sorriso largo no carão lustroso, dizendo com modestia:

— Faz-se o que se póde!

XXVIII

Sahindo da casa do Victorino, o Menezes ia pensando na viuva. Não, a impressão não fôra desagradavel, posto que d. Carolina estivesse longe de ser um typo de belleza. Elle tinha o seu retrato bem presente na memoria, e ia agora analysando, detalhando aquella physionomia, traço por traço. Era uma mulher de estatura regular, cabellos escassos, de uma côr escura, sem lustre, sem vigor. Tinha a face comprida, mas a testa era demasiadamente curta. Os olhos pareciam um tanto apagados e a bocca se rasgava com flacidez, formando uma linha sem firmeza. Em compensação, a sua voz era de um timbre puro, correndo com a frescura de um veio natural. Em resumo, havia qualquer coisa de vago, de luminoso, a que se póde dar o nome de sympathia, que irradiava da sua pessoa e emmoldurava delicadamente o seu rosto.

E como eram attrahentes, pensava elle com um risinho, os gestos dos seus dedos, dedos longos, carregados de anneis, que scintillavam tentadoramente...

XXIX

D. Carolina, por sua vez, sentia-se tão impressionada pela pessoa do Menezes, que custou a conciliar o somno. Oh ! toda a sua vida passada desfilou nessa noite pela sua imaginação, numma ronda tão leve e num contorno tão vago como a evaporação de um fio d'agua. E ella revia os aspectos da sua mocidade, como quem voltando de uma longa viagem, por um rio sereno, vai contemplando as margens conhecidas e recordando as sensações de outra jornada.

A sua vida, desde a adolescencia, correra sem maior interesse. Era uma historia curta, de que ella apenas recordava fragmentos, paginas soltas, onde havia muitos capitulos apagados. Estudara num collegio, em S. Paulo ; depois viajara demoradamente, por agua e por terra ; vira cidades immensas, erichadas de torres. Nas ruas, que eram largas, illuminadas como um céu, circulava dia e noite uma infinita multidão, no meio de um tumultuoso rodar de carros.

Emfim voltara a Taubaté, terra do seu nascimento, onde continuou a viver prosaicamente, na companhia de seus paes.

Os dias então lhe pareceram compridos e fatigantes como a travessia de um deserto. Ella deixava-se conduzir com a inercia de um pedaço de pau solto na correnteza, porque sabia, ou adivinhava, que *o seu ideal* jamais poderia ser realisado naquella baixa atmospherá em que vivia, saturada de banalidade. De resto, era obediente e resignada. Lia muito, gostava dessas novellas apaixonadas, em que um punhado de rijos cavalleiros, ao cabo de uma façanha rija, sacodem heroicamente o pó dos mantos e curvam devotamente os joelhos para beijar as mãos brancas das suas bem-amadas...

E sonhava amar um moço loiro, cuja vóz fosse macia e loira como um fio de mel...

A's vezes tinha phantasias mais insensatas: desejava empoar de ouro os cabellos, mastigar petalas de rosas e pernoitar núa num valle de açucenas, afim de merecer o suspirado amor de um principe...

E o seu destino foi triste como o despertar de um condemnado á morte! Casou-se sem affeição, foi residir numa fazenda em Botucatú e, sem o mais vago lampejo de felicidade, viveu ao lado do seu

marido, o trivial Fidencio Gomes da Silveira, cujo nome e cuja vulgaridade a enchiam de um singular arrepio de nausea. Supportou-o, entretanto. Elle dedicava-lhe uma sincera estima, que ás vezes descambava no grotesco, porque o barbudo coronel, exaggerando os seus mimos, a tratava como si ella fosse uma boneca. De resto, era bom, tinha-lhe muito respeito e mandava-lhe vir vestidos de Paris. Mas não era o seu ideal, não era!

E muitas vezes, ao lento cair da tarde, ella ficava á varanda, commovida e calada, com a mão na fronte e o olhar perdido ao longe, além das serras, cujo cimo desaparecia sob uns eternos vapores brancos. Ella quizera afastal-os, como quem abre uma cortina, e atirar os olhos para deante, mais para deante, até vencer a ultima linha do ultimo horisonte e pousar a vista num mundo mais perfeito. Sonhava, sonhava. Depois, tinha vontade de morrer, ser enterada num logar ermo, no seio ignoto de uma floresta virgem, onde ninguem jamais a suspeitasse—nem os corvos que se libram no azul, nem os homens que se arrastam na terra.

Mas com o rodar do tempo, estas aspirações e estas melancolias se foram desvanecendo. E agora, a proposito daquelle bello Menezes, ella achava muito

curioso que essas antigas idéas lhe acudissem ao pensamento.

XXX

No dia em que nha Veronica, muito delambida, appareceu em casa do Victorino, para fazer uma visita á viuva, o pharmaceutico foi, como de costume, prodigo de cumprimentos e delicadezas para com a medonha velha, isto, já se vê, por simples prudencia, porque já sabia com quem lidava e não queria cair no seu desagrado. Apresentou-a á d. Carolina como uma senhora muito serviçal, muito franca e caritativa. Recolheu-a familiarmente para a sala de jantar, offereceu-lhe a melhor poltrona e ficou perto della, achando-lhe infinita graça nos palavrões que ella proferia, escandalisando as crianças e fazendo corar as outras visitas. Mas quem se atreveria a irritar a desboccada, perigosa megera? Chamou-lhe prima e comadre, offereceu-lhe licor, pondo um gracioso sorriso na sua larga cara de chim, onde cahiam as pontas molles de dois bigodes ralos, de syphilitico. E quando a abominavel senhora se despediu, offerecendo os seus prestimos a d. Carolina, numa cantilena infundavel, o pharmaceutico acompanhou-a até á

porta da rua, desfazendo-se em medidas e cortezias.

Mas, assim que a vibora deu as costas, correu á pharmacia e, trazendo á mão um frasco de creolina, perguntou ás senhoras espantadas:

— Onde esteve a bruaca, gente? onde esteve a bruaca? Vamos desinfectar isto, antes que os microbios se espalhem pela casa. E fazia o gesto de quem derrama um liquido, passeando o vidro sobre a poltrona, em lentas espiraes, ao mesmo tempo que resmungava, como num exorcismo:

— *Vade retro. In nomine Patris et Filiis, et Spiritus Sancti.*

Todos riam daquella farça, que o Victorino representava tão bem, fingindo uma seriedade comica. Mas d. Henriqueta interveiu:

— Não, filho, não faças assim, Victorino! Até parece falta de caridade!

Ao que o pharmaceutico retrucou, balançando as palavras, num tom pausado:

— Falta de caridade, diz a senhora?! Isto é simplesmente uma questão de Hygiene Domestica!

XXXI

Com a chegada da viuva a Itapetininga, a bibliotheca local, chefiada por nha Veronica, entreu im-

mediatamente em actividade, avida de pormenores, farejando as mais occultas intenções e sussurrando os mais disparatados mexericos. A casa do pharmaceutico, no largo da Matriz, estava sempre em foco, alvejada pelos olhares verrumadores de uma sucia de malandros, tão proprios dessas cidadezinhas sem industria, onde as horas pesariam como um castigo, sem distracção e sem assumpto, si não existisse, como um providencial passatempo, a deleitosa tarefa de morder na vida do proximo. D. Ritinha, uma senhora muito instruida, de trinta annos de idade, com um arzinho petulante na face fina e morena, e que occupava o logar de governanta em casa de d. Carolina, começou logo a ser objecto de attenções especiaes, muito obsequiada pela velha «tecedeira», que lhe dava copinhos de bebidas, a fim de fazel-a vomitar alguma revelação, digna de ser cochichada na penumbra das alcovas. A casa de nha Veronica era o centro infatigavel dessas especulações, que a detestavel carcassa dirigia com a sagacidade de um velho estrategista. Sentava-se na rede, de cigarro á bocca, com um chale desbotado no hombro, cercada de um femeaço desqualificado, que a escutava religiosamente. E começava a falar, isto é, a ferver o caldeirão em que se cosinhava a reputação alheia.

Por isso, o Victorino, impertigado á porta da pharmacia, quando via nha Veronica sair, gritava para dentro:

— Lá vem a peste! Toca a fechar as portas!

E elle, que por sua vez era uma lingua de lixa, ficava a escavacar a velha pelas costas. E era fertil, era inventivo, creava episodios indecentes, em que a misera creatura, tão hedionda que podia passar incolume por um quartel, era representada como uma desavergonhada aventureira, surprehendida á noite no desvão dos quintaes, a berrar como uma cabra, nos braços grossos dos camaradas!

XXXI

Poucos dias depois, pela manhã, d. Ritinha passava pela casa de nha Veronica, quando esta a chamou, com muita insistencia, para lhe perguntar pela saude da viuva. E assim que a mesma se approximou, puxou-a pelo braço, com muita labia:

—Entre, não despreze os pobres, vamos tomar um cafésinho.

E começou logo a envolvê-la num circulo de perguntas insinuantes, a vêr si apanhava o fio de qualquer meada, porque a velha, com a sua inveterada malicia, não podia admittir que uma pes-

sôa viesse de tão longe, de Botucatú, com o unico intuito de espairecer e visitar uma antiga companheira dos tempos collegiaes.

—Alli ha dente de coelho, rosnava ella, meneando com a cabeça.

—Diga, d. Ritinha, d. Carolina tem gostado do clima, tem passeado bastante pela nossa cidade?

—Oh! a senhora tem apreciado muito! Todos os dias recebe visitas. Mas tem sahido pouco. Só foi hontem com d. Henriqueta á casa do tabellião, do coronel Menezes.

—E ella ainda tem saudades do marido, com certeza, murmurou a velha, affirmando a vista nos olhos da outra.

—Decerto tem, disse d. Ritinha, com simplicidade. Viveram sempre de harmonia; que ella, acrescentou, não fala nunca no defunto. Quem lá vai, lá vai!

—Mundo porco, rosnou a velha, fazendo uma horrenda careta, ao lembrar-se naturalmente do seu ingrato marido, que não morrera, mas abalara para longe, deixando-a num vil abandono. Mas continuou a dar corda a d. Ritinha:

—Quanto tempo pretende passar a viuva aqui?

—Uns tres mezes, conforme.

—E contam que ella é muito rica, que se trata com muito luxo e que tem joias que nem uma rainha, indagava nha Veronica, fingindo uma gulosa admiração, deante de tamanha fortuna.

E d. Ritinha, pensando naquella aldeola decadente, onde formigava uma gentinha pobre e vadia, lagarteando ao sol, alimentando-se de caldo de couve e procreando ao léo, por cima de enxergas encardidas,—ficou envaidecida com o deslumbramento que estava causando a noticia da riqueza da sua patrôa. Além disso, queria pregar uma peça naquella bisbilhoteira, estonteando-a de uma vez com revelações espantosas, abarrotando-a de mentiras, para ver si o demonio da velha, saciada como uma giboia que enguliu um touro, deixava por fim de escarafunchal-a com aquelles olhinhos penetrantes de cadella faminta.

XXXII

Assim, foi com o maior desplante que se repotrou na cadeira e começou a contar exaggeradamente o que sabia e o que não sabia. A senhora era rica, immensamente rica, e feliz. A sua fazenda, em Botucatú, tinha lavouras tão extensas, que, para per-

correl-as, seria preciso rodar um dia inteiro, na carreira vertiginosa de uma locomotiva.

Os cafezaes perdiam-se de vista, como um oceano, em que labutava uma fila innumeravel de trabalhadores, sufficientes para se povoar uma cidade.

—E ella nasceu lá ou em S. Paulo? inquiriu a velha.

—Não; nasceu em Taubaté; casou-se com o coronel Fidencio, e este, muito rico, foi quem comprou a fazenda.

—Sei, sei. Continue, filha.

Quanto a joias, d. Carolina possuia um verdadeiro thesouro, capaz de deslumbrar a vista de um judeu. Mas não era só. Na sua casa, em S. Paulo, havia tantas maravilhas como numa caverna encantada. Soalhos e paredes desapareciam debaixo de tapetes carissimos.

E os moveis! As cadeiras, que tinham pés de ouro, vestiam-se de sedas e damascos.

Aqui, a velha não pode conter-se e grunhiu, estuporada :

—Arre, menina! Isso até é peccado, deve offender a Deus Nosso Senhor! Tantos pobres por este mundo, sem um pedaço de pão para a bocca!

Mas d. Ritinha passava a descrever o immenso

guarda-roupas da senhora. E exaggerava, com tranquillo descaro, gosando a estupefacção da pobretona, que, hirta na beira da rede, com a mão enterrada no queixo magro, babava de inveja. E eram vestidos de todos os feitios, com enfeites preciosissimos, cujo valor dava para matar a fome de um bairro de operarios. Mas a viuva era exquisita, dizia a governanta. A's vezes vestia-se como uma princeza, cobria-se de fulgurações; mas de repente tirava tudo, desde os braceletes até aos broches, punha o vestido mais simples e só deixava no dedo um anel pequenino, cuja pedrinha de rubim tinha o tamanho de um olho de mosquito. Agora, no que ella caprichava era nos banhos. Gastava rios de agua de Colonia. As camisas que ella vestia eram mais finas que nuvens e cheiravam como si tivessem amanhecido num rosal.

—Credo ! exclamou nha Veronica com despeito. Isso é de mulher perdida ! E cuspiu de lado, affectando uma grande repugnancia.

Mas ultimamente, notava a Ritinha, a senhora anda mudada, com uma especie de tristeza sem motivo.

—Saudades dos filhos, ou falta de quem a console, disse a velhota com malicia.

—Póde ser, concordou d. Ritinha. A verdade é

que ella tem dormido mal, com o somno cortado de pezadello...

— Ora ! explodiu a velha, com azedume. Qual pezadello ! sonhos, sonhos doirados...

— Com quem ?

— Com o defunto marido é que não será...

Mas d. Ritinha, repentinamente juntou as mãos, num gesto afflictivo, e soltou um ai. Eram já onze horas e tanto ! Despediu-se ás pressas, que não havia tempo a perder, porque o almoço, em casa do Victorino, devia estar á mesa. Jesus, que distracção ! Sahiu.

A velha, só, becejou desalentadamente, e ficou a olhar pela janella da varanda, que emoldurava um quadro simples: ao fundo via-se um pedaço de telhado onde o sol batia com faiscações de poeira doirada; mais perto, estendia-se o muro divisorio dos quintaes, onde um gato enrodilhado resomnava preguiçosamente. Do muro, partia um fio de arame, que se amarrava ao tronco pardacento de uma velha laranjeira. Ahí modestas roupas brancas seccavam, sem a mais leve oscillação, porque o ar estava quente e parado.

XXXIII

Tinha razão d. Ritinha: desde que vira o Menezes, a viuva já não era aquella creatura indifferente, que, mesmo antes da viuvez, conservava no frio peito um frio coração, viuvo de esperanças e viuvo de desejos, o qual pulsava com a regularidade de um pendulo, mas não vibrava ao calor de um sentimento forte. Agora, soara-lhe, de certo, a hora decisiva de despertar para viver— talvez para soffrer.

Por isso, esperando cair a fresca tarde para vêr o bello Menezes passar em frente á sua janella e erguer polidamente o chapéu de palhinha para a cumprimentar, ella começava a comprehender a eternidade do tempo, na dolorosa eternidade de um minuto! Estaria apaixonada? Não, isso nunca, porque além de insensatez seria immensamente ridiculo! Assim, enquanto ella raciocinava alto, achando tudo absurdo, no esforço impossivel de se convencer a si mesma, o coração confirmava baixo, achando tudo razoavel e provavel. Deste modo, ao fim de tantos annos, os seus olhos maguados procuravam de novo a terra de Chanaan daquelles antigos ideaes para que outr'ora se alongavam os seus claros olhos de menina e moça... E este fio de voz, que se erguia do fundo do seu cora-

ção, acabou por agitar todo o seu sêr, dominar todos os seus pensamentos.

Assim, basta um sopro de aragem para sacudir todas as folhas de um bosque adormecido. Elle ficava por muito tempo, numa abstracção cheia de languidez, a olhar através da vidraça que dava para o largo da Matriz. E o aspecto immutavel de uma cidade sem commercio, reproduzindo dia a dia os mesmos scenarios, deante do aborrecido desfilar das mesmas physionomias, contribuia para que aquella idéa vaga, que se fôra formando pouco a pouco, tomasse vulto e proporções bem definidas, fixando-se despoticamente no seu cerebro. E, embebida numa branda scisma, ella ficava a contemplar, minucia por minucia, tudo que se desenrolava deante de seus olhos.

A essa hora o senhor vigario, que recebera um famoso vinho espumante, acabava de jantar e, rubro como um pimentão, vinha para o largo, com o seu guarda-sol debaixo do braço, a digerir pachorrentamente á sombra das arvores. Não tardava a apparecer o tabellião Nogueira, passando a mão pela cabeça rapada á escovinha, o cigarro preso nos dentes, caminhando de vagar, com um ar cheio de dignidade.

Encontravam-se, cumprimentavam-se, inclinando ligeiramente o busto, e ferravam logo numa tremenda discussão. E, de longe, era curioso vêr-se o padre Miguel gesticular de rijo, com o seu transbordante temperamento de italiano, abrindo e encolhendo os braços, dando carreirinhas de abutre em torno do seu contendor, ou plantando-se-lhe á frente, com os dedos apinhados á altura do rosto, na vehemente imposição de um argumento decisivo... Outras pessoas descansavam mollemente pelos bancos. Dos lados da agencia do correio vinham alguns retárdatarios com uma folha aberta nas mãos, lendo as noticias da capital, emquanto as janellas começavam a povoar-se de moças—rostinhos trefegos, emmoldurados pelos cabellos bem penteados, onde por vezes tremia um laçarote azul celeste ou vermelhava o sangue de uma rosa...

Mas a noite descia com rapidez, vestindo os ares de um tenue tecido de melancolias. Num campo visinho o gado mugia desconsoladamente e o sino grande da Matriz badalava a Ave-Maria, ao mesmo tempo que a estrella Venus, como um lirio mystico, desabotoava no azul e ficava tremeluziundo. Era noite fechada.

XXXIV

O Menezes passava por alli todas as tardes, a caminho do Club Venancio Ayres, onde ia lêr os jornaes de S. Paulo e jogar uma partida lenta de bilhar; e como o Victorino era o seu parceiro no taco, fazia-se preciso chegar á pharmacia e estimular o paciente manipulador com duros gritos de desafio, chamando-lhe *pexote* e promettendo-lhe uma coça de mestre. E enquanto o vagaroso pharmaceutico enfiava o paletot, o Menezes ia cortezmente á janella, dizer duas amabilidades a d. Carolina. Desse rapido colloquio elle sahia sempre pensativo, certo de que «a viuva não lhe era de todo indifferente.»

Uma occasião, porém, ella foi mais explicita e, dominando a sua natural timidez, offereceu-lhe uma linda rosa encarnada. Mas, no momento de lh'a entregar, enrubecera tanto, com um tremor nas mãos, que foi preciso elle disfarçar a commoção com um gracejo:

—Bellissima rosa! Até os seus espinhos devem ser deliciosos!

—Não desejo que o senhor se pique nelles, disse ella, baixando os olhos.

—Quem me dera ! exclamou elle, despedindo se, entre repetidos agradecimentos.

Ao entrar no Club voltou a cabeça, impellido por uma irresistivel curiosidade. E viu que ella o acompanhava de longe, debruçada inteiramente ao peitoril da janella e conservando a absoluta immobildade de quem ora ou de quem sonha...

Mas o peor é que na cabeça do Menezes as idéas, como as aguas revoltas do diluvio, não tinham estabilidade. Passavam celeres, por alto, como um bando de passaros por cima de uma innundação. Passavam incolumes. O turbilhão ficava em baixo, referendo e espumando. Por isso, elle não era muito assiduo aos chás do pharmaceutico. Além disso, não amava a viuva, com esse exaltado desejo de posse que, dobrando as difficuldades e escarnecendo das conveniencias, apressa o curso dos acontecimentos. Mas a verdade é que, sem saber como, elle mesmo, por seu proprio arbitrio, se introduzia francamente numa situação falsa, de onde seria difficil recuar, depois de certos compromissos.

Demais, o povinho já começava a murmurar; a mais de uma pessoa já a torpe Veronica dera bem claramente a entender «que o primo Menezes andava ferido na aza e que não conhecia mais os pobres.»

Com o que a villã naturalmente queria dizer que elle se estava deixando pescar pelo ouro da viuva ! Precisava reflectir com seriedade.

Mas não reflectia, deixava «correr o marfim.»

De certo elle não era um especulador, um desses deshonrados farejadores de dote, tanto que nem tinha assentado numa resolução definitiva, deixando-se simplesmente levar pelo vento, fazendo corpo molle.

Tratava bem a viuva, correspondia aos seus agrados, mas não tinha culpa si a mesma lhe fazia «olho doce.» Emfim, falassem o que entendessem. Ah ! si ella fosse bonita, como era rica, elle mesmo se encarregaria de buzinar em todas as esquinas que a amava ardentemente e que era ardentemente amado ! Mas não era bonita, infelizmente. Em todo o caso, talvez fosse um bom arranjo. Ia pensar melhor, porque afinal, caramba ! o dinheiro é uma bella coisa ! E accrescentava, sorrindo com finura:

—E' com elle que se compram os melões... e as mulheres bonitas !

XXXV

Seriam seis horas da tarde, quando se notou uma desusada aglomeração de gente á porta da Pharma-

cia Popular. Nha Veronica mal teve tempo de pôr um chale nos hombros e partir como uma flecha, afim de certificar-se do que se passava. Mas não tardou a noticia, que immediatamente circulou de bocca em bocca : o Lulú, filho do capitão Xisto Cardoso, negociante de fazendas, tinha sido esfaqueado ! E o caso começou logo a suscitar commentarios lastimosos, porquanto se tratava de uma criança de doze annos apenas, victimada por outra criança da mesma idade !

Na porta da Confeitaria Vadosinho um rapaz desdentado explicava a um grupo estupefacto os pormenores da funesta occorrenciã. Fôra o Ernestinho, aquelle pirralho ruivo, filho do Pedro Carpinteiro, o auctor do ferimento. Estavam os dois no largo da Matriz, conversando. De repente, engalfinharam-se e rolaram por terra, embolados como dois tigres.

Foi quando o Ernestinho, meio de lado, pilhou um geito e espetou a barriga do Lulú, com uma pequena faca de ponta. E o sangue correu logo que nem melado grosso... Houve uma pausa commovida, depois da qual, irromperam as exclamações :

— Ora vejam que desgraça !

— Uma destas !

— O mundo está perdido !

Mas um sujeito gordo não se commoveu e, meio incredulo, rosnou das profundidades da sua gordura :

— Você viu mesmo, Miguel, ou lhe contaram ? Desculpe que lhe diga, mas eu ouvi falar apenas numa cacetada.

O Miguel ficou offendido e, arregaçando os labios num riso amargo, que mostrava a falha negra dos dentes, retrucou firme :

— Vi, sim, senhor, com estes olhos que a terra ha de comer ! Estive pertinho delles, na porta da loja do turco. Garanto que é como eu contei. Qual cacetada, qual lorota ! Quer a prova ? Vamos á pharmacia do Victorino, onde estão curando o ferido.

O gordo embatucou e safou-se. Então os outros do grupo foram subindo em direcção á botica, onde o povo continuava a fervilhar, num estúpido atropelamento de curiosidade. Ao mesmo tempo lá chegava um homem moreno, de frack e oculos de ouro, com o cabello grisalho aparado á escovinha. Caminhava ás pressas, furando passagem no meio dos paspalhões e rosnando coisas em francez :

— Tas de badaus, grand nom de Dieu !

Era o medico, era o doutor Laurindo Machado. Esta celebridade já tinha feito tres viagens a Europa,

já por tres largas temporadas calcara o asphalto sagrado dos Boulevards, onde com o seu collarinho têso, rutilando de joias, honrara soberbamente a elegancia sul-americana, encostado a uma authentica *badine* parisiense. De lá trouxera como ineffavel recordação uns bilhetinhos de amor facil, trocados com as *grisettes* e algumas phrases de *argot*, que se não cançava de repetir no meio da conversa, muito embora o seu interlocutor fosse um caipira simplorio, incapaz de entender as suas medonhas fanhosidades. E, por desventura, era justamente num caso de perigo, nos momentos de maior atrapalhação, que o francez lhe irrompia dos labios, num fluxo inconsciente, torturando o pobre pharmaceutico, que, não querendo confessar-se ignorante (posto que um homem de sciencia tenha o direito de ignorar essas ninharias) fazia esforços tremendos para adivinhar a vontade do severo therapeuta.

Examinando o ferimento e fazendo lavagens com agua oxygenada, o doutor Laurindo opinou que o caso não offerencia gravidade: a incisão era insignificante e os intestinos estavam intactos.

E sentenciava doutoralmente:

— A faca, ou para melhor dizer, o instrumento perfuro-cortante, penetrou obliquamente. De reste,

la contraction du bas ventre, dans le moment même du coup, a préservé les viscères. Cependant, nous verrons. Com effeito, continuava elle, eu não posso de antemão garantir coisa alguma : vamos que de um instante para outro sobrevenha a peritonite ? Voila l'ennemi...

O Victorino, attento, segurava a bacia. A sua testa lustrosa gottejava suor, á proporção que o doutor ia tagarellando no seu idioma franco-lusitano. O pequeno enfermo, prostrado pelo choque traumatico, jazia insensivel sobre a cama, com os olhos parados, tão sereno como si estivesse chloroformisado, supportando o tratamento, sem proferir uma palavra e sem soltar um gemido. Em torno, as senhoras, entre as quaes se achava d. Carolina, moviam-se como sombras, pisando na pontinha dos pés. O Menezes, que ao ter noticia do caso estava com o Victorino no Club, viera na companhia do mesmo, deixando em meio a partida de bilhar. E alli estava muito solícito junto ao leito, segurando a lamparina.

Estava quasi concluido o curativo, quando o doutor Laurindo, depois de remexer nos instrumentos chirurgicos esparsos sobre a mesa, ergueu a cabeça, á procura...

Os seus oculos como que tinham naquelle mo-

mento uma scintillação mais viva... Passeou os olhos pelo aposento e voltando-se para o Victorino :

— J'ai besoin d'un ciseau.

O sisudo pharmaceutico, tendo pescado unicamente a ultima syllaba, foi de um salto para dentro e voltou, muito convicto, com um copo de agua numa bandeja. A indignação do Esculapio, então, não teve limites :

— Oh ! la bêtise humaine ! E num tom sêcco, em que transparecia o seu enorme desdem por aquellas pessoas ignaras, por todo este Brasil selvagem, que não entende o francez, resolveu-se a falar chatamente em portuguez, mas com tanta repugnancia como si cada palavra lhe deixasse uma gosma nabocea :

— Não pedi agua. Do que preciso é de uma tesoura. E, mostrando-lhe uma larga tira de linho, explicava :

— E' para cortar isto, entendeu ?

Neste momento, entreabriu-se a folha da porta do quarto e o dr. delegado appareceu, pedindo licença para entrar.

-- Oh ! entrez, cher docteur. Estou a terminar a minha tarefa, póde a justiça começar a sua.

-- Si o doutor consente, si acha que o ferido póde falar, disse o delegado polidamente.

— Pourquoi pas ? Parfaitement !

As senhoras, bem como o Menezes, vendo a auctoridade chegar com o seu escrivão, retiraram-se discretamente do aposento. D. Carolina estava muito impressionada com aquella scena, porque « não podia vêr sangue sem soffrer um grande abalo nervoso. »

Sentia-se bamba, com uma pontinha de tontura.

O Menezes achou conveniente que ella tomasse um calix de vinho do Porto, « para retemperar a fibra », acrescentando :

— Eu lhe faço companhia de muito bom grado.

Ella accitou logo, com um leve sorriso de agradecimento.

E, na mesa da sala de jantar, ficaram a sós, bebericando e conversando, numa doce camaradagem, enquanto todas as attenções se voltavam para o quarto do enfermo. E aquillo produzia no coração de d. Carolina uma agradavel sensação de egoismo, dando lhe a idéa romantica de um ninho de amor á beira de um abysmo ou de um refugio de paz no meio da tormenta.

O Menezes falava, num jorro abundante de palavras. De resto, essa verbosidade já impressionara alguns dos seus contêrraneos : o proprio doutor juiz

de direito, coçando pensativamente o queixo, dissera um dia ao coronel Menezes :

— Mande este rapaz estudar a S. Paulo. Temos aqui a massa de um Castellar...

E alli, deante daquella dama ricaça, sabendo-se um pouquinho admirado, talvez amado por ella, mais se lhe dilatou a veia da facundia.

Accentuou a responsabilidade dos paes e a dissolvente «influencia do meio» sobre a formação do character infantil. Porque a criança, sentenciava elle, nasce pura, com a alma clara como um papel, em que tanto se póde escrever um pensamento nobre como uma verrina abjecta. E aqui, infelizmente, os exemplos são nocivos. O taverneiro passa a vida entre as moscas e meia duzia de garrafas vacias; o advogado não tem causa; o medico não tem clinica e o padre não tem missa. Todos gosam o dia de hoje, animallescamente, sem pensar no dia de amanhã.

— Mas, perguntou a viuva, não é nisso que consiste a felicidade desta existencia singela, longe de ambições impossiveis ?

— Não, minha senhora. Assim só se deve viver no «seio de Abrahão», e esse seio v. ex.^a sabe que é redondamente imaginario. O homem sem ambições é um navio encalhado. Viver é desejar. Ora aqui posi-

tivamente o que se faz é vegetar, de modo que todas as nossas faculdades de espirito se vão pouco a pouco atrophando. A marcha de um cavallo, que passa caracolando, com a cabeça bem lançada, nos preoccupa mais que a marcha das instituições e o destino da humanidade. E, num desabafo de toda a sua magua, o Menezes exclamou :

— Ah ! si eu pudesse safar-me d'aqui !

— Pois eu, disse a viuva, desejava ficar sempre aqui, para ter o prazer de ouvil-o falar assim...

— Era capaz, então, de ouvir-me a vida toda ?

Ella não disse nada, mas ergueu para elle uns olhos cheios de lealdade, em cujo fundo se podia lêr a sua intenção como num livro aberto.

Então elle sentiu um impeto de coragem e avançando a mão, muito collado á mesa, apertou a mão que ella deixara esquecida no collo e perguntou-lhe baixinho, fitando-a bem de perto :

— Jura ?

Com voz firme, como bem segura do que dizia, ella respondeu :

— Juro.

Mas o colloquio não poudo continuar, porque a porta do quarto se abriu e o delegado appareceu, seguido do escrivão, que sobraçava um masso de papeis.

Dahi a pouco, o Menezes tambem se retirou, em companhia do doutor Laurindo, que, na rua, sorvendo com delicia o ar fresco da noite, exclamou, olhando majestosamente para o céu estrellado :

— Quelle nuit fantastique !

XXXVI

Essa noite o Menezes passou entre dois sonhos maravilhosos: um que sonhou acordado e outro, o melhor, que sonho dormindo, com o espirito liberto e leve como duas azas abertas.

Coisa curiosa ! pensava elle. A minha vida, bafejada pelos deuses, corre direita para a felicidade.

Vai como um dardo ligeiro, na direcção de um alvo luminoso... E o futuro então se lhe desenhava nitido ante os olhos, como um caminho triumphal, juncado de flôres. Mas elle passava, lento e grave como um Salomão enfastiado, olhando para tudo com superior indifferença.

E' que a propria Humanidade, nesta divagação do seu pensamento, lhe dava a idea de uma coisa rastejante — punhado vago de cinza, que os seus pés distrahidos iam calcando... Consciencias e corações, tudo elle afogaria, sorrindo como Judas, no fundo

de uma tilintante saccola de libras. Incontestavelmente, com a fortuna da viuva, elle seria o Grande Menezes, columna resistente a que se encostariam os Povos e as Instituições ! Talvez até lhe conviesse ser Conde da Santa Sé... Mas isto não, porque esse título, além de lhe parecer campanudo, lhe suggeria a idéa de um sujeito gordo e bestial, rebolando o ventre bestialmente em cima de um montão de ouro. Bem ! seria Presidente da Republica. Mas tambem isto lhe causou repugnancia, só em pensar que teria de apertar a mão antihygienica desses politiqueiros fedorentos que, no Brasil, vivem de politicar, atolados numa eterna politiquice. Não tinha estomago ! Pois não accitaria nada disso, para se não confundir com a doirada mediocridade: seria o Grande Menezes, só, sem mais nada, trepado majestosamente na pyramide do seu Orgulho !

Mas esta orgia de imaginação acabou pesando-lhe na palpebra, como si a mesma estivesse sendo comprida por um dedo de chumbo. E o Menezes dormiu profundamente, como qualquer mortal. Então outro delirio se apoderou do seu espirito, que lá se foi para outro sonho, revoluteando como um astro vagabundo.

Um individuo esgrouviado, tendo em cada fonte

um topete alto como chifre, com uma barbicha crespa dividida ao meio, nariz bico de aguia e unhas recurvas como garras, envolto numa capa vermelha, que elle agitava como duas azas de morcego, appareceu-lhe de repente no quarto, sobraçando dois saccoes repletos.

Sentou-se familiarmente numa cadeira e foi logo tratando de desatar o primeiro sacco. O Menezes observava com pachorra todos esses movimentos, quando de subito um diluvio de libras cascadeou pelo soalho, tinindo e lampejando tentadoramente. E aquillo era tão empolgante, que elle deu um salto na cama e ficou soerguido, com os olhos dilatados de gula, sentindo, só de vêr, uma doçura ineffavel na bocca, como si toda aquella maravilhosa torrente côr de mel lhe escorresse pelas guellas a dentro, numa volupia consoladora...

Então o sujeito (que elle bem reconheceu ser o Diabo) tirou a capa, com methodo, e começou a contar aquella immensa riqueza, fazendo pilhas de moedas, cujos discos eram largos e espessos como as rodas de uma charrúa.

— Um, dois, tres, mil, setecentos milhões...

Num certo momento, o Tinhoso voltou as costas e inclinou-se para apanhar uma chapa que corria,

grande e luminosa como o disco solar. E o Menezes, sem respeito e sem temor, rompeu a rir desencadeadamente, coçando a barriga de prazer: é que o figurão tinha rabo, um rabo pendente, esfolado e molle como o das ratazanas! Mas o chifrudo, muito serio, nem deu atenção a esses remoques e continuou pacientemente no seu trabalho. Terminada a tarefa da contagem, o mysterioso personagem sorriu e, apontando para aquellas columnas macissas, que enchiam preciosamente o aposento, disse ao Menezes:

— Toda esta pepineira é sua!

O Menezes, ouvindo tal, ficou aturdido e, esfregando os olhos deslumbrados, perguntou, ancioso:

— E quem me offerece tudo isto?

— A viuva! respondeu o Demonio, e foi tratando logo de abrir o segundo sacco. A primeira coisa que tirou de dentro foi uma linda mulher núa, resplandecente como um marmore vivo. Ella sorriu, atirou um beijo alambicado ao Menezes, e desapareceu. Depois surgia um vasto frade obeso, com o olhar beatifico voltado para o Menezes e para o seu ouro, como si em suas mãos estivesse a chave da bemaventurança. Agora surdia uma figura aerea, insexual, com uma corôa de louros na mão.

Provavelmente é «aquella vaidade a quem cha-

manos Gloria», pensou o Menezes com desdem. Por fim, o Diabo fazia uma careta horrenda, paxando com dificuldade uma coisa que enchia o fundo do sacco. Devia ser uma creatura enorme e disforme, a julgar-se pela tremenda cabelleira que começou a transbordar, espessa e forte como as frondes de um palmeiral. Em seguida, vieram apparecendo os braços, grossos e duros como veias de rocha; e os seios, amplos e profundos como bacias oceanicas; e o ventre, um ventre largo bastante para conter todas as raças humanas; e as côxas, firmes e brutas, como o alicerce inabalavel de um mundo!

O Menezes, espantado exclamou:

— Irra! quem é esta matrona, cavalheiro?!

O impassivel desconhecido respondeu simplesmente:

— E' a Humanidade.

Mas a prodigiosa gigante fitou na rica massa loira, empilhada até ao tecto, uns olhos tão esbugalhados e gulosos que pareciam querer devorar tudo no mesmo instante. Depois voltou-se, toda derretida, encarando enamoradamente o Menezes. E já lhe estendia os formidaveis braços, num desejo impudico de se entregar, mesmo na presença respeitavel de Satanaz.

O Menezes teve nojo e afastou-a rudemente; ella, porém, insistia, approximando um carão redondo como a face da Terra, sulcado de rugas que eram montanhas. Então elle não ponde conter-se e, esticando o pescoço como para dar um beijo, arrotou estrondosamente na cara larga da Humanidade!

Passava já das nove horas quando o Menezes pulou da cama, amaldiçoando aquella noite phantastica e sentindo na bocca um amargor de bebedeira.

XXXVII

Os amores do Menezes com a viuva foram logo divulgados e discutidos em todos os estylos e debaixo de todos os pontos de vista, como uma these interessante apresentada num Congresso.

A principio os dois se mortificavam com as indirectas e os constas, tomando precauções capazes de desorientar o nariz de um rafeiro. Mas foi inutil.

Aquella gatinha não se enganava, nem se deixava persuadir pela falsa placidez das apparencias. Si nha Veronica apregoava «que alli havia coisa» é porque havia. E todos espreitavam de orelha em pé, rondando os passos do Menezes e estudando os seus mais distrahidos movimentos. D. Carolina, mais

accessível ás urdiduras sabiamente tecidas em tórno da sua pessoa, era como um insecto apanhado numa teia : quanto mais se debatia, tentando fugir, mais se embaraçava.

— Pois acabou-se ! disse ella um dia ao Menezes. Não podia mais aturar aquella situação, espionada como si tivesse que dar satisfação a alguém, num assumpto em que só devia escutar e seguir as livres inspirações do seu sentimento. Si o Menezes pensava da mesma fórma, si era sincero e não tinha receio de se comprometter, puzesse como ella o coração á larga, sem resguardo e sem receio.

O Menezes riu gostosamente daquella ingenuidade ! Si era certo que elle até ali tinha agido com prudencia e discreção, estava claro que não era por causa d'elle, era só em attenção a ella, que lhe merecia todas as delicadezas e a quem não queria dar o minimo desgosto. Porque, quanto a elle, bôa conversa ! Pouco lhe importava que antes dos proclamas na egreja e dos editaes no cartorio civil, afixassem cartazes com a noticia, em cada esquina da cidade ! A sua divisa, em todos os actos da vida, era esta : *sans peur e sans reproche !*

A besta do povo queria palha ? pois que comesse á vontade e depois escoucilhasse a gosto, com a mais

desabalada independencia de patas ! Assim foi que, menosprezando acanhados escrupulos, sem mascara no rosto e sem attitudes contrafeitas, o Menezes deu em passar desassombradamente largas horas do dia á janella do pharmaceutico, arrulando como um pombo na beira de um pombal.

Estava-se num agradavel começo de verão. As arvores do largo, vestidas de rica folhagem, offereciam sombra e frescura; os bancos, entretanto, conservavam-se vasilhos por causa de uma constante nuvem de poeira que subia, redemoinhando, das ruas sem calçamento.

Depois do almoço, o vigario punha uma cadeira junto á janella e alli ficava tempo esquecido cachimbando em silencio e saboreando o noticiario da *Tribuna Italiana*.

O relógio da Matriz, compassadamente, somno-lentamente, dava as doze badaladas do meio dia. O sol, calido, queimava como labareda. E um adormecimento, um longo languor de sesta pesava sobre a cidade e sobre os raros transeuntes, que passavam num passo vagaroso, como cançados de tanta monotonia... O Victorino, que sempre tinha um ou outro freguez da roça a attender, não sahia do seu augusto Laboratorio, remexendo nas drogas e fazendo tinir o seu complicado vasilhame. D. Henriqueta, na cosinha, diri-

gia o serviço do jantar, dando as primeiras ordens.

Na varanda, o canario, amarello como uma bola de ouro, estridulava alegremente, ao passo que o papagaio, mordicando a gaiola com o bico, gritava de vez em quando :

—Papagaio real... dá o pé... dá o pé...

Então o Menezes sentia uma gostosa lassidão, um profundo amollecimento de ternura—e, puxando docemente a viuva no sofá, dava-lhe um beijo bem demorado e bem ardente na bocca !

Isto foi indo assim, até que, muito naturalmente, elles se entenderam um dia com o Victorino, communicando as suas intenções—e começaram a tratar dos papeis do casamento. Este, pela vontade da viuva, devia realisar-se d'ahi a tres mezes, na capital. Mas o Victorino, querendo representar um papel consideravel naquelle importante negocio de familia, «em que havia arame p'ra burro», protestou contra essa traição, (porque considerava uma traição de amizade) dizendo que não consentia, que o seu rancho era humilde, mas alli é que se havia de realisar o enlace, porque assim era do seu gosto. Mas d. Carolina é que não achava isso conveniente. Onde é que já se vira semelhante desproposito : uma pessoa

ir a uma cidade, por simples passeio, e voltar casada? Seria ridiculo,—que não diriam as más linguas?

O Victorino sorriu, deante daquella fraqueza de motivos.

—Ora, as más linguas, retrucou elle, a respeito das transacções mais licitas e dos actos mais santos deste mundo, sempre diriam coisas más, porque esse era o seu officio. Havia de ter graça, porém, a gente se incomodar com isso! Então era melhor ficar em casa de portas trancadas, como um bicho acuado, e nunca pôr a cabeça para fóra, para não dar pasto á maledicencia do proximo.

—Pois nem assim, minha senhora! disse elle com eloquencia. Nem assim ficaríamos ao abrigo da baba peçonhenta das Veronicas, que logo sairiam espalhando por essas ruas estarmos fabricando moeda falsa ou em sessões de feitiçaria, communicando secretamente com o demonio! De mais a mais, a senhora aqui está como em sua propria casa, eu a considero como uma verdadeira irmã de minha mulher; enquanto ao Menezes, esse, está em sua terra e decerto não tem necessidade de emigrar para mudar de estado. Emfim, eu sou generoso, concluiu elle, e faço uma concessão...

—Qual? perguntou a viuva.

—E' que se marque a coisa para daqui a um mez. Até lá, dá tempo de preparar o terreno.

Ella ficou pensativa, olhando para o Menezes, como a pedir a sua opinião.

Elle comprehendeu o seu gesto, e foi logo affirmando que estava de perfeito accordo com o Victorino.

—Falou que nem um Demosthenes!

Então ella, vendo-se isolada, não teve remedio sinão ceder, e, volvendo o rosto ao pharmaceutico, com uma pontinha de acanhamento, sussurrou:

—Estou tambem de accordo...

O Victorino rejubilou, e estendendo a mão á viuva, num grande alvoroço, exclamou:

—Toque nestes ossos! Pois é isso! E deixe o resto por minha conta!

Depois abraçou ruidosamente o Menezes e propoz uma cerveja, para festejar o acontecimento. Estava sinceramente alegre. E' que acto de tamanho alcance, como o casamento de uma senhora tão rica, realisado em sua casa, lhe acarretaria seguramente, deante do olhar pasmado daquelle povinho, um vantajoso accrescimo de importancia. Assim pensava o astuto pharmaceutico, batendo muitas vezes o seu copo no do Menezes e repetindo jovialmente:

—A's nossas bôas qualidadss!

XXXVIII

Amanhecera um dia regelado, coberto por um céu pardacento. Choviscava. Era desolador o aspecto da cidade: na praça deserta e lamacenta, as arvores tremiam, com as folhas arrepiadas; de vez em quando passava pela calçada um vulto negro, toc, toc, toc, com o guarda-chuva gottejando. As mattas ao longe quasi desapareciam, fumegando, sob uma densa nuvem de vapores que as envolviam... Choviscava tedio.

Nessa manhã o Victorino, que saltara da cama radiante como um passaro, ao erguer a vidraça fez uma careta desagradavel, rosnando:

—Porcaria de tempo!

E' que nesse dia, que era um sabbado, devia realisar-se o casamento do Menezes com a viuva Silveira. Verdade seja que elles não pretendiam (contra a opinião do pharmaceutico) fazer uma pomposa festa nupcial, com musica e acompanhamento. Queriam que tudo se passasse em casa, deante de um simples oratorio, numa recatada surdina domestica. Mas ainda assim—pensava o Victorino irritado—«aquella caranca de tempo vinha mesmo de encomenda para borrar na pintura.»

—Uma destas!—exclamava elle, coçando o queixo e olhando desconsoladamente para a chavinha que peneirava, fina e sibilante como um risinho de escarneo.

O consorcio estava marcado para as 9 horas da manhã, só entre as pessoas mais intimas, porque não tinham distribuido convites. O padre, gordalhufo e commodista, chegou quasi na hora, com as botas enxovalhadas, bufando pragas, debaixo do seu enorme guarda-chuva, cujo cabo imitava o gancho majestoso de um baculo.

A cerimonia religiosa, engrolada num latim escasso, foi rapida; mais rapida ainda correu a formalidade do acto civil. Estavam casados!

D. Carolina, com os olhos abaixados, como si nesse momento tivesse o olhar voltado para dentro de si mesma, para a miragem de um grande sonho interior, sorria de leve, recebendo os abraços de felicitações. Era feliz, emfim! Alli estava aquelle brilhante rapagão, reunindo á fortaleza dos musculos a doçura de uns largos olhos castanhos, em que parecia errar uma ballada de ternura... Ah! certamente que este não tinha nada daquelle typo vulgar e bonacheirão do defunto Fidencio: era lepidio, airoso, intelligente; e, por vezes, quando se quedava

com a mão na testa ampla, de uma brancura latescente, tinha os ares pensativos de um príncipe grego, exilado num paiz barbarico...

E, enquanto a noiva meditava assim, o fulgurante Menezes, por seu turno, era assaltado por um bando de idéas agradaveis. E, encostado á mesa, com os braços cruzados e a cabeça alta, gosava aquelle momento de incomparavel felicidade, olhando em torno e respirando largo, como um leão cansado... Parecia um sonho! pensava elle. Dir-se-ia que o seu espirito, rebelde ás ponderações do senso commum, cabriolava em pleno azul, longe de toda realidade. Mas não: alli estavam para desmentil-o, numa flagrante affirmação de facto, a testa oleosa do pharmaceutico, reluzindo de contentamento, e o toutiço grosso do padre Miguel. Depois, na sala, viam-se, na disposição de sempre, o relógio, com o seu eterno tic-tac, vasos com flôres, o album de retratos, um busto de Hippocrates sobre o aparador, e o piano com o seu rico forro bordado. Através das janellas, divisavam-se lá fóra, riscando o céu pallido, as cordas da chuva que continuava a cair, finas como teias de aranha, pondo uma triste opacidade nos ares...

Não havia, pois, nada de sobrenatural naquelle quadro, nada que lembrasse uma scena delirante das

Mil e uma noites: era tudo estreitamente caseiro, desenrolando-se no ambiente da mais logica possibilidade.

Entretanto, que salto prodigioso aquelle momento representava para a sua vida, que até então rolara sem interesse e sem enthusiasmo, como um lento fio d'agua, sulcando com difficuldade uma planicie chata e fastidiosa...

O Dinheiro ! De ora avante estava elle na posse dessa chave poderosa, que abre todas as portas, dando passagem para todos os prazeres, — por cima de todas as virtudes humanas !

Assim, recomeçava o delirio amarello das grandezas, o sonho nababesco de uma soberba supremacia mundana... E aquelle rapaz tão accessivel e jovial, braços abertos para todos, debulhando-se a cada passo em sorrisos de amabilidade, começava a sentir uma coisa estranha, agora que transpunha o limiar da Fortuna.

Elle experimentava a sensação de um corpo elastico, que, soprado por um folle, vai crescendo, vai subindo, vai bojando, numa espantosa dilatação de todos os tecidos...

Era de certo um prenuncio de flatulencia riçaça

—essa molestia penosa, e cobiçada, que produz arrotos de impafia e bocejos de tédio...

Mas não havia tempo a perder — visto que os noivos deviam almoçar ás pressas e tomar nesse mesmo dia o trem para S. Paulo. E era pena, porque a mesa, scintillante de crystaes e recendente de flores, estava de provocar appetite, apresentando um manjar digno de ser saboreado lentamente, com inteira despreocupação de espirito.

Em todo o caso, o Victorino levantou-se á sobremesa e fez um brinde aos nubentes, «desejando-lhes uma eterna lua de mel,» em duas palavras e um caroço.

Depois tomaram os carros e, cortando num galope alegre aquellas ruas encharcadas, dirigiram-se á estação.

Poucas pessoas (poucas e distinctas) os esperavam alli, visto a chuva ter impedido a affluencia de curiosos, que em um dia de sol seriam inevitaveis.

Pondo o pé na *gare*, já o Menezes notou *algo novo*: todas as espinhas se vergavam á sua passagem e os rostos em que elle se dignava pousar os olhos, illuminavam-se logo de um sorriso baboso, traduzindo ao mesmo tempo admiração e sabujice. Elle sorria, regalado. E quando passava pelo coronel

Barbosa, direito no seu irreprehensível sobretudo, com o guarda-chuva enfiado negligentemente no braço esquerdo e tendo a maleta na mão direita, foi uma séca de cortezias e agradecimentos, porque o serviçal cavalheiro queria por força auxiliar o Menezes no transporte de tão pesadas bagagens.

— Não se incommode, coronel. Muito agradecido.

— Oh! sr. Menezes, é um prazer para mim! Tenha paciencia...

E foi preciso attender, que outros lá estavam empenhados na conducção das malas de roupa e das caixas de chapéu, havendo mesmo alguns respeitáveis cidadãos que olhavam para os cavallos que tinham puxado o carro com um certo despeito, aborrecidos talvez de não terem podido prestar aquella gentileza...

E por toda a parte se ouviam dialogos assim:

— O Menezes, que talento!

— E' um coração de anjo.

— Tem um futuro immenso.

— Eu sempre dizia: este menino tem cabeça, este menino vai longe.

E tão distrahidos, coitadinhos, que ás vezes, no

meio destas apologias, se deixavam surprehender pelo objecto das suas admirações...

De repente, a sineta deu o signal. Então o Menezes abraçou os amigos, «offerecendo-lhes os seus fracos prestimos em S. Paulo.» E a cada um repetia as mesmas palavras:

— Até á volta. Alameda dos Bambús n. 149. Disponha de um amigo certo.

D. Carolina, que já tinha tomado o seu logar no carro, conversava, muito emocionada, com d. Henriqueta e com outras senhoras. O Menezes entrou por sua vez, e, abrindo a vidraça, assomou á janella-

Os amigos, graves como deante de um idolo, formaram um semi-circulo respeitoso em frente. E, assim alinhados, aproveitavam os derradeiros instantes, na prestação das derradeiras homenagens. Continuava a chover, o ar estava frio, cortado por um sudoeste penetrante. E o dr. juiz de direito, justamente interessado pela saude do Menezes, foi amavel, foi perfeito. Ergueu o braço lento e, espalmando a mão, no gesto de quem experimenta a temperatura do ambiente, aconsellhou com paternal carinho:

— Sr. Menezes, é bom levantar a gola do sobretudo. Este ventinho sul é perigoso.

O côro, em tórno, rosnou convictamente:

— E' perigoso, é perigoso...

Mas a machina apitou e o comboio começou a mover-se de vagar, num arrastado esforço de ferros que se chocam.

O Menezes, num gesto largo, que abrangia a cidade e o mundo, exclamou:

— Até á volta, meus senhores ! Obrigado !

E ficou debruçado á janella, sorrindo e sacudindo o lenço, até que o trem desapareceu na curva da estrada, deixando apenas um novello de fumaça.

Então o Victorino, depois de um silencio commovido, voltou-se aos que ficavam, dizendo:

— Rapaz feliz: vai gosar, vai viver !

Mas o dr. Juiz de Direito, abrindo o guarda-chuva, para tomar o carro, ponderou philosophicamente:

— Talvez, quem sabe ? A felicidade não se compra com dinheiro. E, accendendo o cigarro, mandou tocar o calhambeque para casa, com a indiferença de um homem que, na sua longa existencia, já tinha acompanhado muitos enterros e muitos casamentos...

XXXIX

A redacção da «Vida Contemporanea» ficava na rua do Rosario n. 10, num sobrado, sendo os baixos occupados por uma charutaria e por uma taverna reles, de aspecto soturno, que mais parecia um antro de vicio.

Subia-se por uma escada carunchosa, cujo corrimão estava ensebado por successivas gerações de bohemios. Em cima, além da sala em que se fazia o semanario, havia outros commodos baratos de aluguel. O predio era um desses acaçapados casarões do S. Paulo antigo, com a frente pintada de um amarello aguado e solidas grades de ferro, besuntadas de verde, nas sacadas das janellas.

No muro do corredor, via-se um punho com o dedo espetado, apontando para o alto, ao lado de umas garatujas, em letras gordas, que diziam: «Vida Contemporanea.» Subia-se, roçando as mangas nas paredes encardidas, empurrava-se a folha de uma porta estreita, e estava-se em cheio no Cenaculo das Letras.

Era uma saleta acanhada, cuja mobilia consistia apenas em quatro cadeiras e uma pequena mesa com a papellada em desordem. Por todos os lados, viam.

se ganchos, em que se penduravam jornaes velhos como farrapos, e o assoalho, enxovalhado, estava repleto de pontas de cigarros. No tabique, por cima da mesa, entre uma folhinha de desfolhar, estavam colladas com gomma arabica diversas gravuras, que eram retratos de actrizes celebres e de *foot ballers*, de parceria com a effigie de homens notaveis, como Zola e Leão Tolstoi. Alli pontificava o Seixas, a despedir dardos ironicos contra a humanidade, com tanto que a coisa, deste ou d'aquelle modo, lhe rendesse alguma pecunia. E o papelucho que elle imprimia decerto tinha alguma utilidade social, porque o seu redactor gosava evidentemente das sympathias do chefe de policia, constando mesmo que era subsidiado e aqulado por elle, na campanha contra os «inimigos da ordem publica e da probidade administrativa.» Assim tambem, todos os politicotes, descontentes por não poderem salvar a patria, do alto de uma cadeira de deputado, recommendavam ao Seixas satyras demolidoras contra os seus desaffeitados. E lá vinham os *Epitaphios alegres*, em que os mais considerados figurões do dia morriam de estupidez, de gatunice, de safadismo e, principalmente, de ridiculo. Esta era, afinal, a indefectivel *causa mortis*. E o tratante tinha dedo para o officio, sabia ferir a nota precisa, e,

como um terrivel farejador, ia direito ao calcanhar de Achilles do proximo. Dahi a acceitação, o successo, a popularidade da folha, que era o organo especial da bilis contemporanea.

E o povo, que sempre olhou para os politicos com esse olhar desconfiado com que um animal explorado olha para o seu explorador, gostava daquellas tiradas, achando que, entre a pimenta da galhofa, não era difficil distinguir o sal de muita verdade. E dava o seu tostão.

O peor é que ás vezes o pobre Seixas apparecia trombudo, com o queixo cavallar estragado e o caco craneano amolgado de pauladas. Mas era em vão que as bengalas se cruzavam sobre a sua cabeça: elle não se dava nunca por vencido. Pelo contrario: assanhava-se como uma cobra mal ferida, e, no dia seguinte, investia mais venenoso, e mais verboso, numa chronica vermelha, em que os adjectivos asobiavam como um bando de moleques... Foi numa dessas occasiões, voltando de uma esfrega, que elle espetou na parede da redacção, na ponta de uma forte penna de aço, como um lemma na ponta de uma lança, estes alexandrinos heroicos:

O sangue da peleja é a aurora do porvir,
Quem deixa de lutar, deixou de progredir!

XL

Na tarde em que o Menezes appareceu na redacção da «Vida Contemporanea», pela primeira vez, o Zeferino de Seixas estava mergulhado nas profundidades do raciocinio, forcejando por fazer a descripção de uma festa sportiva, no Frontão da Bôa-Vista.

Quando o Menezes assomou elegantemente á porta, pedindo licença para entrar, com nma grande curvatura, o folliculario soltou um brado alegre, acolhendo-o com os braços abertos, num gesto amplo e sacudido.

E atirando logo a penna para um lado, indicou ao Menezes uma cadeira junto á mesa, começando por lhe dar uma palmadinha na côxa, ao mesmo tempo que perguntava «como corriam as coisas».

—Menos mal, respondeu o Menezes. E, mudando de tom :—Então por aqui se faz arte ?

—Qual ! Faz-se pela porca vida.

E, para entrar em materia, desenvolveu accusações tremendas contra o indigena, que não lê, que não se interessa pela sorte das letras.

Quando tem meia pataca na mão começa a sofrer comichões de *rastacuerismo* e a fazer asneira sobre asneira. Em primeiro logar constróe

um palacete tão pretencioso e tão grande que o seu proprietario possa percorrel-o em todos os sentidos, sem perigo de magoar as respeitaveis orelhas.

Depois cobre a madama de joias, como si fosse uma cocotte, compra um piano para a filha, contrata um professor de linguas e outro de danças, assigna um jornaleco politico, e está gloriosamente installado na vida. Os nhonhês são todos *sportmen*. E são modestos. Não têm a ambição de guiar povos, como Alexandre, ou de vingar a patria, como Annibal. Ser cocheiro, ser *chauffeur* é a maxima aspiração desses fedelhos endinheirados. Despresam, com um beicinho pulha, a literatura nacional, pelo simples facto de ser nacional, e vangloriam-se de conhecer as obras completas de Paulo de Kock, de Alexandre Dumas, de George Ohnet e de outras notabilidades francezas.

—Isto ha de melhorar, Seixas ! disse-lhe sorrindo o Menezes. Nós vamos iniciar um bom movimento, que ha de marcar uma éra nova, mostrando que nem só de pão vive o homem !

—Deus queira ! exclamou o Seixas, que muito esperava do Menezes, ou, para melhor dizer, do seu dinheiro. Mas a verdade é que estas questões de arte e capitalismo apaixonavam sinceramente o Seixas, que,

posto não tivesse uma só obra, nem talvez tivesse competencia para escrevel-a, se considerava um puro intellectual, que diabo ! e, como tal, se julgava com direito a injuriar todos os ricos, em quem não via mais que ventres empanturrados de sandice, rolando pelas tapeçarias caras, como odres cheios de vento e de basofia...

O Menezes, que logo comprehendeu isto no Zeferino não passar de um truco, de um motivo para fazer phrases de effeito, deixava-o falar, ameaçando céu e terra com as suas bombas inoffensivas. Até que intervinha pachorrentamente, chamando-lhe plebeu e botucudo. Em seguida travava-lhe o braço e levava-o, a uma confeitaria, onde, logo depois do terceiro chop, o demagogo fazia as pazes com os nababos. E, bem saciado e bem disposto, cruzava as pernas e, piscando o olho enternecido, dizia que, afinal de contas, o vil metal era uma coisa bem agradável de se possuir.

— Sem duvida ! replicava o Menezes, e generosamente mandava repetir a dose. Assim passavam as horas e com ellas todos os despeitos que amarguravam o coração do irrequieto pamphletario.

Mas a prosa ia-se prolongando, e o Menezes fellou em retirar-se, porque já se fazia noite e elle

ainda precisava chegar até á casa, antes de ir ao theatro.

—Não; é cedo. Espera um pouco, que eu tenho que te mostrar uma coisa, disse-lhe o Seixas.

Então o Menezes foi á janella, enquanto o jornalista, commais dois rabiscos de penna, terminou a noticia encetada e com ella a tarefa do dia.

Depois ergueu-se, espreguiçou-se e batendo no hombro do Menezes, disse-lhe com um ar de mysterio:

—Acompanha-me.

Sahiram da redacção, deram alguns passos no corredor e, parando deante de uma porta, o Seixas bateu umas pancadinhas convencionaes. A porta abriu-se immediatamente, sem fazer o menor ruido. E o Menezes, novato em S. Paulo, viu uma coisa estranha, viu e não podia acreditar naquillo que estava vendo com os seus olhos dilatados de surpresa. Era uma roleta, era um supplemento da *Vida Contemporanea*, funcionando sob as vistas paternaes da Policia! Não havia duvida. Alli estava a mesa com o classico panno verde, alli estavam os numeros reluzindo tentadoramente, á luz forte do gaz.

O Seixas, sem ligar importancia ao pasmo do Menezes, explicou-lhe tudo em duas palavras:

— E' nossa... E immediatamente :

— Tu por que não arriscas ?

O Menezes arriscou largamente. Comprou um masso de fichas, que foi empilhando a torto e a direito, sem ambição e sem emoção, só para de um modo delicadamente indirecto ser util ao amigo Seixas, rapaz de tanto espirito, com quem tinha orgulho em andar, taes eram as suas relações no meio jornalístico e literario.

Quando se retirou, tinha perdido quinhentos e tantos mil reis, o que aliás era nada para quem, por todos os modos, queria lançar-se na vida chic de S. Paulo.

E alli, naquella roletinha discreta, com o espirito descansado porque sabia que estava bem garantido pela segurança publica, o Menezes encontrou um suave derivativo para o seu dinheiro, que todos os dias ia correndo e ia sumindo, com a regularidade de um pereunte fio d'agua, rolando na garganta de um abysmo...

Nessa noite, assim que o bom Menezes deu as costas, retirando-se com a maior cordialidade, o «banqueiro» perguntou ao Seixas «quem era aquelle principe.»

O bohemio respondeu com a maior indifferença :

—E' um patinho. E, por falar nisso, passa p'ra cá uma pellega de cem, para o bond. E sahiu trauteando uma aria dos *Sinos de Corneville*.

XLI

Quem não ia bem era o Xavier, coitado !

Decididamente não encontrava o filão de ouro que rebuscava para o seu promettido romance. Debalde accumulava idéas, factos observados com finura, farrapos de dialogos, typos aproveitaveis. Não havia meio de ligar tudo aquillo no fio logico de uma acção bem encadeada e bem humana. Está claro que elle conhecia perfeitamente a estructura do romance naturalista: nada de enredos rocambolescos, nada de psychologices pelintras, com emoções reguladas a chronometro, á maneira das galanles duquezas de Bourget. Elle queria que na sua obra a vida rolasse numa caudal desimpedida, levando de roldão homens e factos, almas e intestinos, absurdamente verdadeira e tragicamente simples ! Mas, por isso mesmo, não se julgava ainda habilitado a encetar o primeiro capitulo. E continuava resignadamente, murchamente, a fazer pesquisas, varejando o immenso phalansterio dos bairros operarios,

visitando fabricas e acompanhando pelas ruas e pelos «freges», com uma pertinacia canina, individuos exquisites, figuras lombrosianas. E os seus olhos, com o officio, iam adquirindo uma sagacidade policial, no modo como, pelo simples aspecto exterior, sabia catalogar os instinctos humanos.

Mas soffria as consequencias da sua curiosidade, mettendo-se, muitas vezes, em aventuras desagradaveis, as quaes, todavia, (é justo confessar) contribuiam para enriquecer o thesouro dos factos adquiridos.

Assim, aconteceu-lhe um grande revez, num dia em que elle foi ao mercado, pelo clarear da madrugada, a fim de apanhar em flagrante o Ventre de S. Paulo, no momento em que toda aquella engrenagem começasse a funcionar. E, enquanto se abriam os botequins e se distribuiam os taboleiros de fructas e verduras, o Xavier se deixou ficar deante de um pratarraz de ostras, que ia regando com valentes copazios de vinho branco. Em tôrno, o borborinho ia crescendo, surdo e ininterrupto, como no interior de uma colmeia. Os açougueiros, de avental branco, salpicado de sangue, xarqueavam a carne fresca, que iam dependurando dos ganchos, em grandes pannos de fibras, que gottejavam sobre o

ladrilho polido, como rubis liquidos. Mulheres fortes, de balaio á cabeça, passavam de vagar, entre o apressado rodar de carretas repletas. Carregadores avidos, sobraçando grandes cestas, cruzavam-se em todas as direcções, offerecendo-se com monotona insistencia:

Carreto, signore?

Turcas bonitas, languidas como si repousassem nos coxins de um serralho, sentavam-se ao lado dos armarinhos ambulantes, cravando nos homens que passavam os seus olhos muito pretos e muito pestanudos, com os braços esplendidamente nús, onde tilintavam pulseiras de metal falsificado, a repetirem de momento a momento :

— Bom e barato! Venha cá... venha cá...

E si o freguez não apressava o passo, ellas o puxavam pela manga, com tanta seducção como si o arrastassem docemente para um leito...

Com o subir do dia e a progressiva accumulção de gente naquelle immenso quadrilatero, que lembrava um acampamento em desordem, no atropelo de uma fuga precipitada, sentia-se no ambiente pesado um cheiro intenso, que era a mistura de muitos cheiros, distinguindo-se por vezes, entre o exhalar acre das salmouras e dos queijos, um sôpro fresco de pomares e hortaliças, que evocava um trecho calmo

de terra, com viçosos canteiros de culturas bem regadas...

O Xavier, impassível, continuava a beber o seu vinho, só desviando o olhar do copo para dirigir graças ás criadinhas que passavam pisando miudo, com o olhar esperto e a cestinha debaixo do braço...

— Escute uma coisa, meu bem, dizia elle já meio bambo, e ria-se crassamente, com os bigodões calidos e o chapéu na nuca.

Negociantes obesos, encostados ao balcão, com a calça retezada pelo suspensorio e as mangas arregaçadas, mostrando os braços pelludos, liam pachorrentamente o «Estáio de S. Paulo». Soldados apathicos bocejavam, com os braços pendentés e um profundo ar de idiotice. Mulheres faceis circulavam sem destino, olhando distrahidamente para as mercadorias. Nas gaiolas, uma infinidade de passaros gorgeavam e, de vez em quando, gallos cantavam e perús grulhavam, como num quintal de fazenda ..

E era curioso observar-se a affluencia de gente em tórno ao chafariz de bronze, cujas torneiras sahiam da bocca de peixes fabulosos. A cada momento homens e muiheres do povo bebiam fraternalmente pela mesma caneca, que passava de mão em mão,

sem o menor escrupulo, como si, depois da pobreza, tudo o mais lhes fosse indifferente...

Quando o Xavier suspendeu o brodio, eram dez horas. E elle, que era um eterno macambusio, começou a sentir uma alegria indescriptivel, uma vontade immensa de rir á tôa, como si lhe estivessem fazendo cocegas desde os pés até á cabeça.

Nunca uma conta lhe pareceu tão barata, nem podia imaginar como um vendeiro engordurado pudesse ser tão amavel... Quasi o abraçou, ao retirar-se; mas sentiu uma coisa exquisita: como que o chão lhe faltava debaixo dos pés... Estaria a bordo? Olhou; certificou-se bem.

— Ora bolas! Quem não vê que é o Mercado? Sim... um magnífico mercado!

Depois não reparou em mais nada. Começou a luctar com um inimigo invisivel. Elle queria ir para um lado, o gaiato o empurrava para outro. Quem seria? Numa esquina, viu um italiano a encaral-o com ar de troça.

— Espera lá, seu tratante, você já me paga, é você que vem a caçoar commigo!

Avançou direito para o homem, com a bengala erguida e, de repente, babau! estava agarrado ao poste de um lampeão! Parou, reflectiu. Talvez esti-

vesse bebedo... Sorriu com incredulidade. Então elle era desses que se embriagam, que dão escandalo?

Foi guinando, foi guinando, e o facto é que deu comsigo em casa. Já não estava de bom humor. Um vinco duro lhe dividia a testa. Espumava de leve pelos cantos da bocca e as palavras lhe sahiam truncadas e difficeis, como si estivessem embrulhadas em trapos. Disso é que elle não gostava, porcaria! Por que motivo agora elle, no seu juizo perfeito, pensava em pau, queria dizer pau—e sahia pedra? Desaforo!

Emfim, monologava, elles, viva a re...re...publica! Não... não... não... Odeio o presidente... quem é elle mesmo? Seja quem for. Odei-o, acabou-se!

E cahiu na cama, de bruços, sem tirar o calçado, como um muro que desaba. Dahi a momentos roncava, com os braços estendidos e o pescoço molle.

No dia seguinte, levantou-se ainda meio tonto, com as idéas obscurecidas.

Tinha a cabeça ôca e amolgada, como uma bola que houvesse rolado a noite inteira, batendo pelas paredes.

O Delgado, que a essa hora matinal já estava aferrado á sua geographia, com o compendio aberto sobre a mesa, perguntou-lhe:

—Onde apanhaste aquelle pifão hontem, Xavier? Olha que foi de escachar!

—Nem me fales! Fui ao Mercado tomar uns apontamentos, e sahi prompto. Foi o diabo! E, examinando a cara ao espelho, como para vêr si não faltava alguma «peça»:

—Tambem não sei para que o sr. Emilio Zola inventou esta maldita historia de Documento Humano! Ahi está o perigo de se descer ao poço da Verdade, alumiado por um copo de vinho...

XLII

O Menezes, sósinho em casa, tinha acabado de almoçar, no meio de um silencio fastidioso. Agora, muito indolente, affagava o pello macio de *Satan*, que ronronava, com os olhos cerrados de goso, como um conego feliz, na bemaventurança da somneca. Depois, ficou alli mesmo, vago e pensativo, fumando de vagar e dando um balanço mental nos seus negocios. Tudo corria maravilhosamente bem; e, naquelle instante, elle sentia-se tão folgado na vida, que lhe era propicia, como dentro da maciez de seda da sua larga cabaia chineza.

Só lhe faltava uma coisa: a doce companhia de

uma esposa bem nova, em cujas veias cantasse a melodia de um sangue novo!

Então havia de ser agradável, numa hora como aquella, pender a cabeça sobre a quentura de um seio, sentindo nos cabellos a caricia lenta de uns dedos preguiçosos, como a tecerem um longo, um infinito fio de volupia...

Emfim, nada é perfeito neste mundo, concluiu elle, e o melhor é não se estragar o pouco de prazer que se tem, comparando-o ambiciosamente com o muito que se poderia ter. Mas era tarde e elle ainda não tinha lido as folhas da manhã.

Dirigiu-se, pois, á bibliotheca e, installado commodamente numa poltrona de reps azul, percorria as noticias, quando o Adão, o seu veneravel criado côr de piche, entrou, apresentando-lhe um cartão de visita, que dizia: JOSE' PINTO SOLIMÕES, *industrial*. Era um desconhecido; em todo o caso o Menezes ordenou que o mesmo fosse introduzido na sala e esperasse um momento.

Quando o Menezes appareceu, o estranho personagem ergueu-se num só tempo, como impellido por uma molla e, muito curvado, apertou-lhe a mão, pedindo desculpas pelo arrojo que tivera em se apresentar assim sem uma recommendação; mas como vinha

tratar de um negocio muito licito, «de uma clareza quasi palpavel,» estava certo de que seria excusado.

E, enquanto o desconhecido pronunciava estas palavras, o Menezes estudava com um olhar curioso as suas maneiras e o seu vestuario. E o homem parecia-lhe muito apresentavel, tendo a apparencia de um gentleman e a loquacidade de um bacharel.

Elle, de facto, falava muito, arrastando os rr com exaggero, e mostrando, através de um sorriso amavel, os seus poderosos dentes de animal carnívoro... Era grosso, moreno, de barbicha aguçada no queixo e frontes acantoadas. O seu rosto era chato como a cabeça das cobras e tinha uns olhos pequenos e vivos, que tornavam mais completa a semelhança. Vestia correctamente de preto, com a gravata cõr de vinho presa por um alfinete representando uma ferradura de ouro, pontilhada de rubis e brilhantes.

—O sr. é bahiano? perguntou o Menezes.

—Não, senhor; sou natural do Estado de Sergipe, mas venho do Rio de Janeiro.

Em seguida, o sr. Solimões passou a expor o objecto da sua visita. Elle estava tratando de organizar uma grande companhia industrial, com séde

no Rio de Janeiro. Essa idéa que, de resto, tinha encontrado optimo acolhimento no mundo industrial e politico (V. Ex. sabe que no Brasil nada se faz sem politica) estava solidamente amparada pelos mais fortes (o barbicha pronunciava fortes) capitalistas nacionaes. Grande numero de acções já estava subscripto e na directoria figuravam os nomes de tres figurões politicos. O sr. Solimões era franco. Esses personagens não entravam com um vintem, mas auctorisavam a inclusão dos seus nomes, como um chamariz de muito effeito perante a opinião publica. E como esses dedicadissimos patriotas (que, de resto, o sr. Solimões detestava) nunca metiam prego sem estopa, isto é, não entravam em negocio algum sinão para comer, até se lhes pagava uma gorda gratificação, em troca do seu assentimento. O principal é que se apresentasse uma directoria de estrondo, que é o que se havia conseguido, felizmente.

Ora o fim da nova empresa expõe-se em duas palavras, continuou o sergipano, cofiando lentamente os bigodes e mostrando um grande anel de brilhante, que lhe reluzia no dedo minimo. Nós queremos simplesmente enriquecer, empregando os meios licitos, *cela va sans dire*.

— E a que se propõe a nova companhia? perguntou o Menezes.

— Pelo titulo já V. Ex. verá o nosso *desideratum*. Trata-se de uma *Companhia Edificadora Carioca*. O Rio de Janeiro, velha cidade colonial portugueza, já não satisfaz á nossa civilisação. Aquillo parece uma leprosa atirada ao lixo!

O Brazil começa a progredir em todos os sentidos, podendo-se dizer que de 15 de Novembro para cá os olhares do mundo estão voltados para a nossa republica. Crescem dia a dia as nossas relações com os demais paizes, e somos frequentemente visitados por estrangeiros illustres.

Precisamos, pois, erguer uma cidade nova sobre os destroços da velha Sebastianopolis; precisamos edificar hotéis, rasgar avenidas, construir theatros. Para isso, é necessario um grande capital, que ficará completo si V. Ex. quizer collaborar connosco nessa obra gigantesca, certo de que, dentro de pouco tempo, alcançará fabulosas compensações. Porque o nosso plano é este: fundamos a Companhia, e quando a coisa estiver nos eixos, funcçãoando regularmente, passamos tudo para as mãos dos inglezes e os *bifes* que toquem o negocio para deante, enquanto nós, os promotores da idéa, recolhemos tranquilla-

mente um punhado de milhões esterlinos e vamos acolá a Europa gosar a bella vida e ridicularisar a patria dos negros, como fazem os nossos fidalgos patricios. Que lhe parece?

— E' de mestre! Mas talvez um pouco arriscado, nestes tempos de fluctuações e de incerteza...

— Perdão! exclamou o industrial. E' justamente agora a occasião opportuna para estes golpes de audacia. Estamos numa epocha maravilhosa. A vida nacional agita-se, póde-se dizer que terve, num grande movimento de dinheiro. V. Ex. está vendo. Politicotes mediocres, que a 15 de Novembro entraram para a Republica com os fundilhos rotos e as algibeiras furadas, estão rotundos de prosperidade, passeando a sua importancia em carruagens de primeira ordem. Veja V. Ex. os chamados *propagandistas*, a phalange privilegiada dos *republicanos historicos*, como elles seraphicamente se intitulam.

Até ás vespas do levante militar, que mudou a fórma de governo, eram obscuros advogados da roça, onde arrastavam uma existencia nulla, arrazando autos em calão, numas demandas estereis e ridiculas, a proposito de uns porcos que invadiram a roça de fulano ou de um larapio que furtou os caval-

los de sicrano. E hoje? São millionarios, são benemeritos estadistas, advogados do Banco tal, directores da Companhia não-sei-o-quê.

Ahi está!

Todos sobem, todos enriquecem, em nome da *saude e fraternidade*, no agradavel regimen da *ordem e progresso*. Por que não faremos o mesmo? V. Ex. medite nestas palavras sinceras.

E, mettendo a mão no bolso, concluiu o sr. Solimões:

— Aqui deixo a V. Ex. os estatutos e os prospectos da nossa Companhia.

V. Ex. estudará com a precisa calma e, depois de amanhã, eu venho procurar a resposta.

— Muito bem, ficamos combinados, respondeu o Menezes, apertando a mão do loquaz cidadão, que se retirou com as mesmas curvaturas da entrada, baixando a chata cabeça, entre um largo sorriso de polidez, que lhe mostrava os dentes fortes e aguçados...

O Menezes ficou só, poz-se a pensar.

Era uma proposta realmente seductora!

E não havia como estes nortistas para compre-

lienderem uma situação, mettendo ladinamente o focinho na brecha de uma oppor tunidade ! Não, elle Menezes não estava disposto a marcar passo eternamente, como os paulistas seus patricios, que se deixavam ficar, á maneira de perús, dentro do circulo de giz de um carrancismo idiota, a cavar a dura terra e a criar bellas filhas, para regalo dos caçadores de dote ! Não, elle decerto não pretendia roubar, mas sentia com orgulho correr em suas veias uma gotta daquelle sangue aventureiro dos antigos Bandeirantes ! Estava, pois, disposto a arriscar tudo que tinha num lance corajoso, para sair de chofre dessa apagada mediania em que de ha muito vegetava, oscillando com a regularidade de um pendulo, no pacato regimen da prudencia. Irra, que era burguez de mais esse systema encolhido e tropego de lidar com a moeda, amontoando-a no fundo de uma burra bancaria, a tantos por cento, quando a verdade é que o dinheiro só podia crescer, correndo livremente ao encontro de outro dinheiro, como os riachos correntes formam rios e os rios formam oceanos !

Esse Solimões era talvez suspeito... Trepado sobre um montão de libras, de barbicha erguida, e apontando a o longe e ao largo a cidade dos prazeres e dos vicios, dava uma idéa pittoresca do Demonio

na tentação da Montanha... E isto podia ser de mau agouro...

Mas que importava? Não era sabido que a Fortuna sempre foi caprichosa, desdenhando-nos todas as vezes que a seguimos, para um dia nos surgir inopinadamente em casa, com o tranquillo desplante de uma rameira que se offerece?

Demais, neste negocio elle não entrava só, estouvadamente, porém na companhia de homens de toda a respeitabilidade, cujos nomes ali estavam bem claros nos Estatutos. Eia, pois! para que vacillar? Estava resolvido. Assim, quando o sr. Solimões voltasse, dar-lhe-ia uma resposta satisfatoria, independente de mais formalidades!

E, estirando-se languidamente no canapé, o Menezes cerrou os olhos, devagar, num somno ligeiro, e tornou a vêr a figura familiar de Satanaz, que de novo lhe appareceu em sonho, sobraçando dois saccos repletos de riquezas e exclamando estrondosamente:

— Toda esta pepineira é sua!

XLIII

Então para o Menezes começou verdadeiramente o anno gordo.

Levantava-se ás dez horas da manhã, cantando um estribilho alegre, e começava a fazer a *toilette*, com a lentidão e a meticulosidade ritual de um romano da decadencia. Almoçava ás pressas, com sobriedade, por entender que os regalos de mesa eram proprios da burguezia illetrada, e sahia logo, accendendo o charuto, ancioso por ir dar a nota da elegancia na rua 15 de Novembro. A sua pessoa estava em pleno fóco. As gravatas que principiou a uzar, presas à *negligé* por um colchete de ouro, fizeram moda. O vinco das suas calças tinha a irreprehensivelizura de uma pauta. E a prodigalidade com que gastava era tão desmedida que o seu dinheiro voava por todos os lados, como folhas sêccas sacudidas por um vendaval de insania.

Dir-se-ia que elle fumava notas de banco. Atirou-se a todas as sensações fortes, correndo atraz de todos os prazeres, como um corcel fogoso, solto num descampado. Amou a mulher, não pelas delicias do seu espirito, mas fascinado pela tentação da sua nudez carnal, encontrando um sabor igualmente

deleitoso nos beijos e nas perfidias. Até que, cansado de amar, o jogo começou a attrahil-o como um abysmo. Jogou em todos os clubs, amortalhando as suas melhores esperanças debaixo do fatal panno verde. Aos domingos, enfiava uma quinzena clara e, levantando as abas do Panamá, mandava tocar o phaeton, a trote largo, para o Hipprodomo. Apostava ás cegas, agitado por um grande vento de enthusiasmo, que mais intenso se tornava com o Champagne, que elle bebia e pagava abertamente ao circulo dos seus desfructadores...

O seu maior prazer era, quando passeava pelo Triangulo, de braço dado com um banqueiro ou com um literato, ser distinguido pelo fugitivo mas perceptivel sorriso de uma cocotte cara...

— Já domei esta fera ! dizia elle com o orgulho de um conquistador de povos.

Por fim, a industria indigena já não o satisfazia. O Rio, por sua vez, em materia de arte e de bom gosto, parecia-lhe *ignobil*. Então, começou a vestir umas roupas hediondas, feitas sem medida como as de carregaçãõ, mas que tinham a vantagem de ser assignadas pelas mais famosas tesouras de Paris e de Londres.

E, nesse anno glorioso, toda uma riqueza des-

lisou pelo seu bolso e toda uma primavera passou pela botoeira do seu frack...

XLIV

D. Carolina é que suspirava amargamente, pensando na sua pobre vida.

Caro, bem caro lhe começava a custar o luxo romantico de apertar nos braços um moço bonito! Casara-se pela segunda vez, é verdade, mas agora mais do que nunca, o luto da viuvez pesava em seu coração. E a solidão, a pavorosa solidão de uma alma inconsolavel, principiava a envolvê-la como um oceano de trevas. O bello Menezes falhara, não havia duvida! E ella estava como a criança que, vendo uma bolha irisada á superficie de uma poça d'agua, procura apanhá-la nas mãos—e suspende um punhado de lodo. Com effeito, aquella chamma de amor, que ella presumira ter visto nos olhos do Menezes, não passara de um fogacho illusorio, accendido por uma torpe ambição de dinheiro. E que restava daquelle idyllio curto, curto e luminoso como uma tarde de estio? Vagas recordações, como um punhado de cinza no logar em que ardera uma ruidosa fogueira de palha. Desde que chegou a S. Paulo, voltando de Itapetininga, dia a dia ella começou a sentir no fundo

da alma a tremenda realidade, como um veneno que se bebe gotta a gotta penetra lentamente no interior do organismo, levando o germen da destruição. Notava mesmo no Menezes uma aversão physica á sua pessoa, e nem a esforçada polidez das suas maneiras conseguia disfarçar a rudeza de tal sentimento, que transbordava de todos os actos d'elle, como pela menor porosidade de um vaso se escapa o vapor de um liquido que ferve. Surprehendida com a intenção de certos olhares e de certos gestos, ella chegava a ter receio de que muito breve, aquillo se transformasse em odio; e ficava deante d'elle, nesses momentos angustiosos, presa de um medo pueril, que lhe fazia tremerem as mãos...

Um dia ella viu uma carroça parar á porta da casa, descarregando uma cama, lavatorio, aparadores e outros utensilios proprios para a installação de um aposento de solteiro. E notou, no lado esquerdo do predio, um ruido de arrumação em que se distinguiam passos e martelladas, no meio de um incessante arrastamento de moveis. Mas como não lhe era permittido apparecer a ninguem, nem intervir em negocios da competencia do marido, soffreu a curiosidade, embora o seu coração lhe não vaticinasse

bons acontecimentos. Nessa noite, o Menezes, com o mais tranquillo desdem, assim lhe falou :

— Preciso de silencio e paz de espirito. Passo de hoje em diante a dormir e a trabalhar do lado de cá. Fique você ahí com as crianças.

Ella não disse nada. Mas, nessa noite, encolhida e só na sua larga cama de casada, chorou acerbamente, abafando os soluços sob o lençol e sentindo no corpo um penetrante frio de morte e de abandono.

Na manhã seguinte accordou tarde e passou o dia num desleixo completo, scismativa e calada, com os cabellos em desalinho, arrastando a sua dôr de cadeira em cadeira. Agora, só lhe restava um consolo na vida : os tres filhos do primeiro matrimonio, em cujas physionomias ella evocava certas linhas de semelhança com o defunto marido.

E ficava diante delles, com o olhar fixo, embevecida numa profunda magua...

Principalmente em Pedro, o mais velho, ella revia a perfeita reproducção da imagem paterna. Era um menino moreno, de hombros largos, cabellos fortes, tendo nos olhos negros uma fulguração calma e direita. Este naturalmente, pensava ella, sahirá um homem trabalhador e honesto, capaz de fazer a felicidade de uma mulher. E, insensivelmente, punha se

a meditar na sua vida de outr'ora e a comparar a complacente figura do bom coronel Fidencio com a maldosa pelintrice do futil Menezes ! Que differença ! Aquelle, robusto como um pinheiro antigo, não tinha deante della fingidos delambimentos de carinho, mas possuia um character nobre, e era generoso como um patriarcha.

Protegido pelas suas longas barbas de roceiro honrado, o seu coração de moça podia desabotoar em puras alegrias, como nas mattas virgens a delicada orchidea se desata em flores, abraçada a um velho tronco, debaixo de uma copa centenaria. Demais, elle não era indifferente : por vezes dos seus labios toscos sahiam palavras de ternura, simples como o correr dos regatos, mas, por isso mesmo, infinitamente mais commoveadoras que o palavriado mentiroso dos pescadores de dote !

Ah ! como fôra tola em sonhar destinos superiores, num paiz lendario, ouvindo phrases ternas, a escorrerem melosamente entre as pontas macias de uns bigodes loiros ..

Eis em que dera tamanha demencia : tinha agora de viver á parte, como uma leprosa, enquanto o malandro, cercado de uma récua de exploradores, atirava as suas economias pela janella !

Entretanto, amava-o ainda, amava-o muito, com todos os desesperos do seu coração humilhado !

E perdoaria sem esforço as mais cruéis ingratições, e exgottaria sorrindo o calix de todas as amarguras, si elle, depois de gastar tantos beijos e tantos abraços pelos bordeis, lhe reservasse cada dia a fiel recompensã de um só beijo e de um só abraço ! E relembrava o ardor das suas primeiras noites, logo depois do casamento, quando ella se deixava gostosamente vencer sob a pressão vigorosa dos seus braços, com as faces bem unidas e os corações pulsando bem juntos ! Mas não ; aquillo passara ; agora elle evidentemente tinha repugnancia della ! E qual seria de ora avante a sua situação, naquella casa, que era sua, dentro daquelles muros, que eram testemunhas da sua honestidade, entre aquelles moveis que a contemplavam com affectuosa familiaridade ? A de um sombrio phantasma que se arrasta, veudo o esquife de uma illusão no escuro de cada canto e ouvindo um queixume da consciencia no ruido de cada passo !

XLV

— O almoço está na mesa—viera a criada dizer, no momento em que o Menezes, tendo-se levantado tarde, estava dando o laço na gravata, deante do espelho, que lhe reflectia o busto airoso, bem penteado e bem polido.

— Já vou.

E ainda gastou meia hora nos ultimos arrebiques da *toilette*. Estava de mau humor, com uma ruga na larga testa. Desdobrou com rispidez o guardanapo, sem proferir uma palavra.

Ao seu lado sentaram-se d. Carolina e os tres meninos. A sala de jantar, forrada com um papel claro, de ramagens azues, tinha um aspecto risinho, naquella radiante manhã de sol. Pelas janellas abertas entrava uma innundação de luz, arrancando faiscas dos copos de crystal e dos talheres. Um pintasilgo fazia côro com uma patativa, estridulando festivamente nas gaiolas.

Das paredes pendiam umas telas suggestivas, de natureza morta.

Numa, era o fundo muito escarolado de um tacho, entre rodellas de laranjas e limões, de um colo-

rido tão perfeito que pareciam estar exhalando um cheiro bom...

Outra representava uma romã partida, fresca e appetitosa como a bocca de uma mulher bonita. Emfim eram cebollas, grandes cabeças, onde as raizes davam a idéa de um rabicho, na calva amarelenta de um chim...

Mas o que prendia principalmente a vista era uma reproducção d'*A Ceia*, de Leonardo da Vince. A serena figura de Jesus, partindo o pão, no meio dos doze Apostolos, espalhava uma grande pacificação em torno... E dir se-ia que aquella mesa, estendida em frente ao celebre quadro, á hora das refeições devia tambem espiritualisar se numa perfeita communhão de affectos, unindo toda a familia na substancia do mesmo pão e na egualdade do mesmo destino...

O almoço corria calado. Só se ouvia um fino tilitar de louça. O Menezes, para disfarçar o silencio, dava pedacinhos de carne a *Satan*, que miava junto á sua cadeira. D. Carolina petiscava sem disposição, com a cabeça curvada sobre o prato. As crianças comiam com appetite.

De repente, o menor dos pequenos, choramingando, ergueu a mãosinha e pediu um pedaço de frango.

— Quero a aza, mamãe, quero, quero...

O Menezes voltou-se para o menino, com um grande ózio :

— Não precisa chorar, seu malandro !

— Ora, deixe a criança, interveiu d. Carolina.

— E' que a senhora não comprehende, retrucou elle, cruzando o talher, estas crianças teem o vicio *da origem*, e como não tiveram pae...

— O que ? ! vibrou ella indignada.

— Quero dizer, como o pae era um molleirão, precisam de collegio e disciplina, alli no duro, sem condescendencia ! Enquanto novo, torce-se o pepino...

— Bem comprehendo, disse ella com amargura, não queres vel-os, eu devia prever isto...

— Não quero mesmo, confirmou elle.

— Pois bem : de hoje em deante, comeremos á parte, assim como já vivemos á parte !

Elle sorriu com ironia :

— E's uma bôa esposa adivinhaste o meu pensamento !

— Mas sabe ? ! accrescentou ella, levantando-se, com um fulgor intenso nos olhos, de ora em deante quando quizer vêr-me tenha a bondade de me mandar chamar.

— Por que ?

— Porque nunca mais o procurarei.

E, pondo os filhos por deante, recolheu-se aos seus aposentos, batendo a porta com força, soberba na sua dôr, grande no meio da sua miseria !

— A mais tempo ! bramiu elle com desprezo. E ficou regaladamente só, fumando e fazendo bolinhas de miolo de pão com os dedos. Os passarinhos, nas gaiolas, continuavam a cantar, e lá fóra, através das janellas, via-se a luz do sol, muito quente, envolvendo os telhados.

Minutos depois, o Menezes tomou o bond para o centro da cidade, onde esperava encontrar-se com o Xavier, pois havia já uma semana que não tinha noticias d'elle.

E assim, desde esse dia, d. Carolina passou a viver tão longe do Menezes, como do primeiro marido, que jazia debaixo da terra.

Talvez mais longe ainda...

XLVI

O Xavier e o Seixas conversavam á porta do *Café Guarany*, quando chegou o Menezes.

Trocados os cumprimentos, o Menezes quiz saber em que cerco de Troia andara empenhada a glo-

riosa actividade do Seixas, «que ha tantos dias desaparecera da circulação.»

Zeferino sorriu, lisongeado.

— Eu te explico, menino. E' que, como sabes, S. Paulo teve a honra de hospedar o nobre ministro da Russia, sr. conde Rafendorf e eu me offereci para mostrara s. ex.^a as maravilhas da nossa Paulicéa.

— E naturalmente o homem ficou maravilhado...

— Não é por dizer, mas s. ex.^a parece que gostou. O conde é um cavalheiro muito instruido, muito viajado. Falámos a respeito da literatura scandinava e das obras de Tolstoi (do conde Leão Tolstoi), de Ibsen e de Maximo Gorki... Trocámos idéas, amigo, commungámos em espirito.

Então o Menezes, que reverenciava o Saber, perguntou-lhe, com a seriedade de quem procura instruir-se, abeirando respeitosaquelle profundo poço de conhecimentos literarios:

— E já leste esses auctores todos? E' que eu precisava enriquecer a minha bibliotheca com alguma coisa desse nevoento mundo scandinavo.

— Eu te explico. Lêr não li, mas conheço tudo através de revistas e de criticas abalisadas. Porque a verdade é que eu embirro com esses nomes e com esses titulos terminados em ff, onde não se lobriga a

doçura da lingua patria... Mas um «belletrista» tem o dever de acompanhar a corrente das idéas e por isso eu me instrúo e não tolero a companhia dos philistinos !

— Fazes bem, interveiu o Xavier. O amigo Seixas é homem de vãos altos, não pousa em qualquer galho...

— Perfeitamente, retorquiu o Seixas, com uma ruga funda na testa, *de minimis non curat Zeferinus*.

-- De certo, concordou o Xavier. Garanto que o conde ficou embatucado e voltou fazendo um elevado juizo *do nivel da nossa instrucção*, como dizem os secretarios de Estado, nos seus relatorios.

— Pódes caçoar. S. Ex^a, ao despedir-se, disse, palavras textuaes : *merci bien, mon cher ami*—e offereceu-me o seu cartão de visita com o endereço da sua residencia particular em Petropolis.

— Ah ! é uma honra para ti e para a tua familia !

Mas, de repente, os tres emmudeceram e empalideceram, petrificados por um grande pavor.

E' que, surgindo da Travessa do Commercio, como uma apparição archeologica emergindo do fundo de uma crypta, se approximava um homem alto, de chapéu alto, com as melenas e o cavaignac já grisalhos e mettido numa sobrecasaca preta, longa

como uma toga e solenne como uma opa. Era o velho bardo Jeremias Fragoso, auctor de dois livros de versos—*Accordes biblicos e Horas vesperaes*.

Todo elle, desde os olhos languorosos até á voz aflautada, rescendia a oleosidade de um lyrismo pu-lha e cacete, datado de 1830. Mas, soldado fiel do Romantismo, este havia de morrer, agarrado á sua antiga harpa, no ultimo reducto da Pieguice, sol-tando um ultimo ganido amoroso!

Andava sempre com o bolso empanturrado de versalhada, que tinha a mania de recitar aos ami-gos, fosse onde fosse, com uma teimosia fleugmatica, erguendo o braço agudo, no meio de uma tremenda fuzilaria de perdigotos... Mas era um ancião vene-ravel, pae de filhas moças, pagava chops ás vezes e, por todas estas considerações, ninguem tinha cora-gem de lhe fazer desfeita. Demais, os versos, posto fossem completamente vasio de idéa, eram bem me-didos e bem rimados. Todavia, o primeiro instincto de quem o avistava, era fugir como se foge de um touro bravo—o que nem sempre se conseguia. Nesse dia o guedelhudo versejador estava mais do que nunca sequioso de victimas. Abraçou os amigos com alacridade, gabou-lhes a saude, «o viço physico e intellectual das suas illustres pessoas.»

Depois teve uma risadinha expressiva e, afastando-os para um lugar de menos transito, ao lado da porta do Café, foi logo puxando do bolso umas compridas tiras de papel.

—São umas quadrinhas que escrevi, a proposito do anniversario de uma afillhada minha, chamada Rosa, moça muito galante, uma joia. Mas trata-se dos versos: eu queria que vocês me dessem uma opinião imparcial, rigorosa mesmo. Sabem que não tenho pretensões, pois não passo de um veluo rimador. Mas trabalhei nisto, confesso que trabalhei.

Vocês ouçam:

Rosa das tardes de Agosto,
Mimosa flor da deveza,
Tens na brancura do rosto
O symbolo da pureza !

Beijos da brisa que passa,
Perfumes do amanhecer,
Proclamam a excelsa graça
Da menina e da mulher !

Incensos, myrrhas e nardos,
Subindo, em nuvens de olores,
Procuram teus olhos pardos,
Onde habitam os amores.

Parou, todo radiante, e, voltando-se ao Seixas:

—Que tal esta rima em *ardos*, diga com franqueza o egregio mestre. O Seixas affirmou que as suas rimas eram batidas em ouro de lei.

O poeta sorria, baboso, circumvagueando os olhos em torno... Enquanto isso, os tres amigos espiavam de soslaio, procurando um pretexto para safar-se. O Jeremias pigarreou, ia continuar:

Pomba de niveas plumagens...

Nesse momento passava o bond da Avenida Paulista, e o Menezes, num relampago, balbuciando uma desculpa, apertou a mão do vetusto trovador e saltou para dentro do vehiculo, acompanhado pelo Xavier e pelo Seixas, que exclamava:

—Safa! que sarna poetica!

Então, recostando-se no banco, com supremá desconsolação, o Xavier, homem de juizos amargos, murmurou:

—Isto é um paiz perdido! Na politica, bacharellice e deshonestidade; na literatura, chateza e cynismo, porque, segundo o Eça, é na perfeição da fôrma que consiste a honradez dos artistas.

O bond passava agora pelo Viaducto do Chá. Seriam tres horas da tarde. Os vendedores de jornaes

apregoavam as folhas vespertinas. Era um dia claro; ao longe, por sobre as casas da rua Formosa e nas vidraças dos fundos da rua Libero Badaró, havia uma radiante pulverisação de luz. Alguns cavalleiros, fingindo pressa, abriam o *Diariò da Tarde* e, com ar de importancia, mergulhavam os olhos e o nariz na excrementeira do noticiario, gosando o escandalo da vida publica nacional, arrastada entre os arrotos dos que comem e os furiosos arremessos dos que querem comer—tudo em nome de uma politiquice rastejante e safada, cujo supremo ideal é transmittir a sinecura de paes a filhos, de netos a bisnetos.

Na rua da Consolação o bond parou e uma gorda matrona acompanhada de duas filhas, dois lirios aguados, installou-se no banco da frente.

E os bons muares proseguiram no seu trote cançado, enquanto as tres creaturas se conservavam hirtas, severas, emmudecidas, como si estivessem na frente de um altar-mór. . .

Os guizos da parelha tilintavam monotonamente e por todo o vehiculo, naquelle longo trajecto, pesava a modorra de um salão de visita, quando o assumpto escasseia. O Menezes, sempre tão palrador, como que ollava para dentro de si mesmo, remexendo velhos pensamentos; o Seixas desdobrou o seu eterno rolo

de jornaes, ao passo que o Xavier, agora que o bondê passava pela Avenida Paulista, lançava um olhar para a cidade, que se estendia lá em baixo, com a ancia de quem quer photographar na retina os soberbos contornos de uma tela grandiosa. Era um quadro realmente fascinador.

A maravilhosa urbs apparecia de chofre, clara e faiscante sob os venabulos do sol, que a faziam palpitare como um brilhante de mil facetas.

E ao passo que o casario se alastrava, ora compacto e alinhado, como um exercito em marcha, ora solto e disperso, como ovelhas errantes, as torres das egrejas e as chaminés das fabricas irrompiam gloriosamente para cima, pondo na transparencia do puro azul um forte erriçamento de flechas e de torres. E, mediante as ondulações daquella formidavei massa cinzenta, formada pelos tectos unidos, viam-se os fundamentos da primitiva villa de S. Paulo do Campo, modestamente plasmada pelas mãos tremulas do velho padre José de Anchieta !

E avultavam, então, deante dos olhos, num relevo perfeito, as quatro collinas : O Carmo, o Collegio, S. Bento e S. Francisco, como os quatro sustentaculos daquelle enorme pannejamento de pedras e de tijollos !

Longe, muito lá em baixo, seguindo uma linha tenue de vaporosidades, adivinhava-se o Tietê patriarchal, negro e fundo, recordando ainda, entre a verdura das varzeas e a sombra das espessuras, o humido itinerario das Monções e das Conquistas!

E mais para deante e mais para o alto, barrando o horisonte, erguia-se a serra da Cantareira—extrema muralha de matta negra, tocada levemente de reflexos anilados... A' esquerda empinava-se o cabeço majestoso do Jaguará, envolvido delicadamente num fino sendal de nevoas, que se confundiam com a serena molleza das nuvens...

Mas, cansado de perquerir a distancia, o olhar do Xavier volvia-se para o bizarro amontoamento das casas, estudando a area nobre dos bairros aristocratas—Villa Buarque, Hygienopolis, Nothman, Santa Cecilia.

E, de repente, duas figuras se destacavam, dominando poderosamente o vasto panorama: de um lado, a torre do Sagrado Coração de Jesus, e, de outro lado, a torre da Estação Inglesa.

Na primeira, uma gigantesca estatua do Christo abria abençoadamente os braços para a cidade, como querendo conchegal-a de encontro ao coração; na segunda, refulgia uma fria lamina de metal e a

custo se distinguia o mostrador de um relógio enorme, advertindo britannicamente que *times is money...*

E allí estavam aquellas duas formidandas massas de cantaria, numa attitude provocadora, encarando-se como num duello, o eterno duello em que se debate a natureza do homem: o desejo incontentavel de ideal e de mysticismo em contraposição aos mundanarios appetites da carne peccadora...

E os dois immensos vultos se entreolhavam como duas esphynges, empedrados na orgulhosa teimosia de um problema insolúvel...

Mas tudo se esvahi de prompto ante o olhar meditativo do Xavier. Agora o bond descia precipitadamente a Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, entre a fila dos modernos palacetes, brancos e mudos, com as janellas lugubrememente cerradas, como vaidosos tumulos pharaónicos...

Chegados ao centro da cidade, apearam e começaram a dar uma volta lenta e vadia pelo Triangulo, no goso daquella radiosa tarde de verão. Bandos de moças passavam, emplumadas e airosas, caminhando e garrulando com o prazer de aves soltas.

Os advogados já sahiam dos escriptorios, sobra-

çando as suas preciosas pastas, na satisfação de haverem vencido mais um farto dia de chicana.

A' porta do Jockey Club, um grupo de politicos governistas, bem farpellados e bem nutridos, palestravam amigavelmente, na venturosa despreocupação de eternos parasitas orçamentarios. E era de vêr-se a pernostica gesticulação com que o espadaúdo dr. Hercules Moreira, (sempre tão engraçado) de chapéu alto e rosa á lapella, reeditava uma pilheria de almanack, e a beatitude com que o dr. Valentim Rodrigues (jornalista de pulso) ria da pilheria, mostrando uma grande falha nos dentes podres.

Em frente ao *Progredior*, pararam, indecisos e fatigados, sem desejo e sem rumo. E o Seixas inquiriu, no meio de um bocejo, que destino deviam seguir, naquelle grosso mar de semsaboria.

— Tenho uma idéa ! gritou o Menezes, batendo com o index na testa.

— Uma idéa ? perguntou o Seixas, fingindo um grande pasmo. Pois é desembuchal-a depressa, sinão morremos de tédio !

— E' simples e genial : jantarmos os tres em boa camaradagem, aqui no *Progredior*.

— Apoiado, meu grande amigo, apoiadissimo ! acudiu o Seixas, relinchando de puro prazer e exhi-

bindo a larga dentuça, sofrego já pela mastigação. O Xavier, porém, murcho e contrariado, volveu a face triste para o Menezes e murmurou na cava entonação de um responsório:

— *Non suum dignus!*

— Que queres dizer com esse latinório?

— Quero dizer que desde o chapéu até ás botinas, não estou decente para penetrar neste templo de comensais.

E não estava, de facto. As botinas tinham só metade dos saltos, as calças, além de comidas nas barras, apresentavam duas medonhas joelheiras e o chapéu já tinha a lamentavel côr dos limos e das heras que recobrem as ruínas.

Mas o Menezes retrucou-lhe com jovial desplante:

— Estás muito bem. Que tolice de escrupulo! Nem pareces um homem de letras!

Então gesticulando muito, todo frenético, soberbamente bilioso, o Xavier desabafou:

— Ah! si pareço! O meu estado symbolisa perfeitamente o progresso da literatura, o valor da intelligencia, no meio desta curiosa democracia em que os mais fortes, os vencedores, são os mais atrevidos e ignorantes!

Disse e entrou de cabeça erguida, teso nos seus farrapos, e quasi convencido de que era um Catão solitario, atravessando um mundo apodrecido...

XLVII

Emquanto a vida do Menezes decorria nessa doirada placidez, d. Carolina continuava a soffrer calada, bebendo silenciosamente as suas lagrimas. Mas não cedia, nem procurava saber os passos que dava o seu marido.

O seu renunciamento era completo; e, na orgulhosa abdição de toda a felicidade, a sua existencia não derivava neste ou naquelle sentido, mas dissolvia-se num frio nevoeiro de indifferença. A sua pobre vontade cambaleava. E toda a copiosa torrente de ternura que lhe enchia o coração de esposa, se derramava agora, em linha larga e direita, no coração dos seus filhos, em torno dos quaes giravam, numa passividade de sombra que se arrasta, os derradeiros movimentos de sua alma. E, numa attitude de mãe dolorosa, ella acolhia os tres filhos de encontro ao peito, como querendo fundil-os ao calor do seu affecto e transfundir-se com elles na estatua da suprema abnegação. Mas bem depressa esta nascente de

consolação se converteu em fonte de novas amarguras. Assim aquelle que se debate nas aguas, vê partir-se em suas mãos o ramo fragil a que se agarrara, na medonha sofreguidão do desespero...

Mas aqui não havia fugir, nem lutar: era preciso curvar o pescoço com a mansidão de um cordeiro e beijar a bocca que a offendia, como quem beija o gume de um punhal.

Era o seu filho quem falava, era o seu proprio sangue que se revoltava contra a odiosa figura de um intruso ! E na razão de Pedro, o primogenito, á proporção que a idade ia subindo, como um dia que vai clareando, a realidade apparecia com um destaque violento, e elle tremia de vê aquella negridão de muralha erguer-se no caminho da sua adolescencia. E certa vez, ouvindo as queixas de sua mãe, não ponde conter-se: cahiu de joelhos ao seu collo, e, recalcando os soluços que o afogavam, exclamou:

—Mas tambem porque mamãe se casou com *outro homem* ? ! Papae era tão bom !

Essa recriminação, proferida em tom quasi ingenuo, foi o inicio de um novo martyrio. Desde então d. Carolina começou a considerar-se indigna do amor dos proprios filhos, accetando as suas caricias com a tristeza de quem recebe uma esmola immerecida. E

si os meninos se recolhiam aos seus quartos para estudar, na mais pura intenção, ella ficava desassossegada, a passear pela sala, num desespero mudo, suspeitando que elles a desprezavam e evitavam a sua companhia! Entretanto, o proprio Pedro, vendo-a menosprezada pelo marido, passar os seus escuros dias encolhida na sua dôr, como num leito de morte, —erguia o coração á altura da sua piedade, como um calix de sacrificio, e redobrava de carinhos para com ella, murmurando-lhe palavras de consolo, que a sua alma absorvia com avidez, como o chão resequido de uma queimada bebe as primeiras gottas de chuva...

O Menezes, por seu turno, arrostava com soffrimentos de não menor intensidade.

A presença daquelles meninos o incommodava como um sarcasmo permanente do destino. Era a recordação irritante de um outro leito, onde outro homem desfructara as primicias de uma carne em primavera, de que elle apenas herdara um rosto meio murcho, num corpo meio bambo . . . E, para compensar, apenas recebera uns magros contos de reis, que, tornando a sua vida mais agitada e o seu desejo mais exigente, não lhe tinham trazido nenhuma felicidade, pelo menos até agora. E elle tinha que aguentar firme aquella situação meio dramatica e

bastante picaresca de marido infeliz, eternamente encabulado pela sombra de um morto, cuja caveira o perseguia, nas suas noites de insomnia, rindo gostosamente, numa galhofa enorme, do laço em que elle cahira com a docilidade de um patinho...

—Vida ignobil ! exclamava o Menezes passando a mão pela testa e passeando ao largo da sala, numa angustiosa agitação. Vida ignobil ! repetia, pensando num meio de, pelo menos, attenuar aquelle insupportavel estado de coisas, pois não podia vêr aquellas crianças, sem que do peito lhe subisse uma onda quente de odiosidade !

Bem sabia que ellas, coitadas, não tinham culpa, o que em nada diminuia a intensidade da sua repugnancia. E' que em cada rostosinho elle via a reproducção do rosto detestavel do «outro», e em cada sorriso que lhes abria os labios innocentes elle como que percebia uma pirraça do defunto, a debical-o com sereno atrevimento.

Então o Menezes explodia em coleras absurdas; e, muitas vezes, interrompendo o brinquedo dos petizes, enxotava-os para dentro, com ameaças terribes:

—Vão estudar, vadiosinhos ! Basta de troça ! E recolhia-se á bibliotheca, muito infeliz, abria um

livro ao acaso, e ficava bocejando com supremo desconsolo...

XLVIII

Foi por isso que o Menezes um dia resolveu internar os pequenos num collegio, de onde elles só deveriam sair quando attingissem a maioridade, afim de que, longes para sempre das suas vistas, seguissem na vida o rumo que bem lhes aprouvesse.

E quando, pela manhã de uma segunda-feira, parou em frente á casa o carro que os devia conduzir ao *Collegio dos Sallesianos*, d. Carolina soffreu um abalo tão grande que rolou no soalho, pallida e fria, sendo preciso transportal-a para o leito, como si estivesse ferida de morte. E, na hora da despedida, apenas os meninos beijaram a sua mão inerte, e foram seguindo entre soluços, sem uma palavra de bençã e sem um gesto de amisade. E assim elles, que tinham nascido na opulencia, ficaram como orphãos de pae e de mãe, atirados aos rigores do mundo, da mesma fórma por que os filhos espurios são atirados á roda.

D. Carolina ficou inconsolavel. Nunca mais abriu uma vidraça, nem teve gosto para usar um vestido claro. Fechou-se na sua dôr, como numa torre

de bronze. A's vezes, por desfastio, o Menezes procurava o seu leito.

Ella, então, estremecia intimamente e estendia-lhe os braços soffregos, acreditando que elle finalmente tivesse cançado de chafurdar no mulheroio bordelengo. Mas, apagada aquella fagulha de desejo, o desgraçado recommençava a sentir as mesmas nauseas. Era uma tremenda aversão physica e moral, uma coisa monstruosa, que subia do corpo daquella creatura, como o cheiro que sobe de um cadaver em decomposição! E na sua pelle fina de mulher hygienica, onde errava sempre um vago aroma de agua de Colonia, elle sentia um bolor de vellice, misturado com murrinha de defunto!

Fugia desesperado, vestia-se ás pressas e tocava para os bordeis, a afogar a sua desventura em rios de Champagne!

Emquanto isso, ella ficava chorando, debruçada sobre o leito como sobre o tumulo das suas illusões...

XLIX

Então ella começou a sentir, no meio das suas angustias, um sereno borbulhar de sentimentos religiosos, evolvendo-se numa branca nevoa de sonhos...

E d. Carolina tinha uma vontade immensa de ser bôa, de se multiplicar em obras de caridade...

E, muitas vezes, na egreja, enquanto assistia aos officios, ficava com o espirito suspenso numa rede suave de phantasias e imaginava a possibilidade de um dia ser Santa, como tantas outras mulheres que, depois de transitarem pelos caminhos macios do Peccado, arripiavam o passo de repente e enveredavam pela encosta difficil da Penitencia, onde alcançavam a graça de Deus. Demais, ella não tiuha faltado aos Mandamentos: era uma simples, desventurada mãe de familia, como a propria Nossa Senhora e como diversas santas do Paraiso. E figurava-se já na gloria de um altar, de pé sobre uma peanha recoberta de flores, com a sua larga palma verde de Esposa e Martyr aberta sobre o peito, ouvindo a musica chorar uma dolente *Ave-Maria*, enquanto o incenso a envolvia numa pura nuvem de aroma. Sonhava, delirava... E quando os homens viessem hypocritamente beijar a fimbria da sua tunica, ella voltaria a face com desgosto, pensando na funda malvadez das suas naturezas selvagens.

E todo o seu amor seria para Jesus. A Elle offerceria o seu coração purificado pela dôr e tão lavado

de culpas como um fresco ramo de lírios, colhido na frescura orvalhada dos campos...

Nestas idealisações de monja hystérica, ella passava agora mais tranquilla, acceitando sem revolta todos os ultrajes da vida, como uma medicina amarga, que era forçoso beber para alcançar a appetecida pureza d'alma. Entregava-se a leituras devotas, tinha sempre á cabeceira a *Vida dos Santos* e deleitava-se nas pieguices de um volume intitulado *Hymnos a Jesus*—transbordante de um sensualismo beato e pagão, em que se falava em «nupcias celestes», na «posse carnal do Esposo mystico» e no «goso de morrer nos braços brancos do Cordeiro...»

Porfim, a propria leitura a fatigava, «moia-lhe os ossos...»

Ella estava com os nervos muito sensiveis, vibrando ás mais leves ondas de emoção, como as cordas retezadas de um instrumento delicadissimo.

E ao partir para a missa, aos domingos, toda vestida de gorgorão negro, com o pescoço afogado numa gargantilha negra, o seu rosto destacava-se com a pallidez mortal de um lirio de capella...

A's vezes chorava sem motivo, ou jejuava um dia inteiro.

Mas bem depressa estes caprichos foram pas-

sando e esta crise se dissipou como a fumaça de um fogo extinto. Por esse tempo, d. Carolina percebeu que estava grávida, e ficou pensativa, vaticinando que talvez morresse desse parto.

Mas não morreu. D'ahi a alguns mezes deu á luz, em optimas condições. O tempo foi passando, sem historia e sem ruido, como um rio lento que vai descendo...

Tudo mudava em torno della, mas a sua situação dentro do lar permanecia sempre a mesma. O Menezes continuava a gastar e a servir-se della como de um objecto sem vontade. Ella não protestava, nem cedia—deixava-se levar com uma resignação de folha morta...

L

Nessa doirada manhã de sol o Menezes saltou do leito, com a alegria de um passaro madrugador.

Logo depois do banho e do café, envergou uma quinzena clara, poz á cabeça o seu gorro bordado a ouro, e desceu ao jardim, aspirando com delicia a frescura matutina, de envolta com a cheirosa fumaça de um legitimo *havana*.

Realmente estava bem disposto : sentia-se leve,

na leve corrente dos ares, e como que trazia, á semelhança de Mercurio, um par de azas buliçosas em cada calcanhar e era agitado por um immenso desejo de caminhar, de emprehender uma longa viagem a pé, ainda mesmo que fosse em redor do seu quarto, como fez Xavier Demaistre.

Assim, começou a perlustrar uma por uma as ruas do seu jardim, pisando sem ruido a fina areia branca e admirando a nobre symetria das alléas de buxo, que formavam um quadro de molduras muito verdes, no meio do qual se destacava com orgulho a exuberante vermelhidão das rosas e das papoulas. A' sua frente *Satan* ia cabriolando alegremente, a parar de instante a instante, para fazer ciladas a um tico-tico, que esvoaçava de moita em moita.

E era de vêr-se a habilidade com que o traíçoeiro felino se rojava no solo, deslizando com a finura de uma cobra, até chegar bem perto da ave. Então, firmava-se todo nas patas trazeiras e, soerguendo um pouco a cabeça, com os olhos fixos ardendo como dois topazios, ficava immovel, hypnotico, suspenso, sem tremer num só pello...

Mas, quando ia dar o salto, o passarinho que o presentira, abria as azinhas num vôo facil e mudava de pouso, assobiando debicativamente.

O Menezes acompanhava estas manobras com infinita pachorra, considerando philosophicamente que, na lucta pela vida, nem sempre vencem os mais fortes, porquanto não raro triumphava a habilitade dos mais fracos. Depois (continuava elle) neste mundo ha sempre compensação em tudo: si este gato assusta ao passarinho, não está isento, por sua vez, de ser estripado pelos dentes de um cachorro, e assim por diante, até ao homem, que podia dominar a natureza inteira, mas não conseguia jamais arrancar do coração a ponta de alfinete de um desgosto, por mais insignificante. Ah! o microbio das angustias moraes, infinitamente pequeno e infinitamente nocivo, que destróe o orgulhoso edificio de uma existencia, como o caruncho vil abate uma columna soberba!

Desta fórma raciocinava elle, numa eloquencia enfunada como o bestealógico dos deputados, até que chegou á cascata, cujo repuxo claro cantava na transparencia da manhã clara. E allí ficou pensativo, mamando o seu bóm charuto e contemplando os peixinhos vermelhos que nadavam na bacia de marmore, batendo as escamas ligeiras e sacudindo as caudas rubras, em movimentos rapidos como relampagos de brazas.

Nesse momento, a campainha do portão tilintou. O Menezes voltou a face e viu um homem alto, adunco, de frack e chapéu duro. A principio não o distinguio, mas affirmando-se nas feições do extranho personagem, soltou uma exclamação alegre e foi elle mesmo abrir o portão. Era o Xavier.

— Pois és tu ? ! Não o reconheci, com essa encadernação de luxo !

O outro entrou, forçando um sorriso ironico, meio enleado com a sua nova *toilette*.

— Sou eu, sim, não te assustes, que ha trajos peores: o do nosso veneravel pae Adão, por exemplo.

E, enquanto se dirigiam para a casa, o Xavier foi explicando o motivo daquella transformação não só *cortical*, mas tambem *visceral*.

E' que acabava de fazer o seu quinto anno de direito, faltava-lhe sómente receber o grau, para deixar em paz o sebifero convento de S. Francisco. E isto lhe era motivo de jubilo, porque depois de supportar com vida e paciencia, durante cinco annos, (um lustro completo!) a crassa animalidade dos lentes, *estava bem formado*, isto é, estava apto para lidar no meio da illimitada estupidez humana. Por isso entendeu do seu dever trocar a honrada immundicie dos bons tempos de Diogenes pela caixeiral pelintrice do seculo.

E alli estava bacharel como toda a gente que se preza e candidato a um logar no vasto parasitismo nacional.

Então o Menezes o abraçou com alacridade :

— Meus parabens ! meus sinceros parabens !
E accrescentou, encarando-o cerimoniosamente :

— Mas isto não está direito, senhor doutor ! Isto é uma negra traição de V. Ex^a, senhor bacharel ! V. Ex^a devia communicar aos seus amigos, com a devida antecedencia, o extraordinario acontecimento, afim de que se tomassem desde logo as devidas providencias !

Sair assim, quietinho e enxuto, não !

E' preciso molhar o canudo ! Fica, pois, V. Ex^a convidado para uma esbornia com Champagne e femeaço, no proximo domingo !

— Não, filho, esse dia para mim é sagrado.

— Que fazes tu no domingo, oh renegado phariseu ?

— Levanto tarde, córto as unhas e leio a Biblia !

— Britannicamente ?

— Aborrecidissimamente !

— Então fica para a segunda-feira ?

— De pleno accôrdo ! Não ha coisa mais agradavel do que a gente se divertir, quando tem a cer-

teza de que o resto da humanidade moureja no arrôxo do trabalho ! Tópo !

—Bem, falemos agora em coisas sérias, disse o Menezes. Tu vais começar a vida pratica...

—Tendo já bastante pratica da vida, ai de mim !

—Não é isso! Quero referir-me aos nossos famosos programmas de Renascimento Literario e ao teu não menos famoso romance, «essa obra forte, que viria acutilar de rijo o largo toutiço da burguezia», conforme affirmavas com solennidade...

—Com ingenuidade é que era, interrompeu o Xavier, com desconsolado humor.

—Oh ! gritou o Menezes, num gesto que abrangia o mundo. Não venhas com esses ares doutoraes renegar ingratamente o passado. Tu não podes negar que trabalhaste a serio, tomaste apontamentos e entalaste no olho o monoculo da Analyse!

—Estás eloquente, menino !

—Falo a verdade. E, pondo paternalmente a mão no hombro do Xavier, insistiu:

—Dize com franqueza, tu passas agora a ser uma ignobil traça do Fôro, a roer autos bolorentos no meio das outras traças? Não tens nenhum plano de Arte?

O Xavier ergueu-se de prompto, estirou o braço

direito e espalmou a magra mão no ar, como sobre o Livro Santo dos Evangelhos, e gritou :

—Juro que nunca sujarei esta mão na immunda papelada juridica, por onde escorre a iniquidade humana, no meio de solecismos e vituperios ! Prefiro a peste, ou a politica !

—Muito bem ! exclamou o Menezes. E então ?

O Xavier sentou-se, cofiou os bigodes, molles e pendentes como galhos de chorões, e curvando o braço direito á altura do thorax, uniu o pollegar no indicador e começou a falar, com vagar e com methodo, como si preleccionasse do alto de uma cathedra :

—O caso é este... Mas interrompeu-se, porque o criado, nesse momento, chegava com dois calices de vermuth numa bandeja de prata.

O Xavier sorveu um trago e proseguiu:

—O caso é este. Eu de facto pretendi escrever um romance naturalista, uma dessas vigorosas devassas em que se apanha a incorrigivel besta humana em flagrante delicto, como no *Assomoir*, em *Madame Bovary* e no *Crime do Padre Amaro*.

Ora isso não se pôde conseguir sinão á vista crúa e palpitante do Documento Humano.

Para conseguil-o, invoquei os manes de Balzac, e sahi a campo. Fui curioso, fui indiscreto, fui temera-

rio. Metti o nariz na vida do proximo, enfiei os olhos no buraco das fechaduras e misturei-me em todas as camadas sociaes.

Bocejei, na vasta pasmaceira dos nossos chamados salões aristocratas, onde as *mademoiselles* nos contam o euredo dos *Tres Mosqueteiros* e do *Homem das calças pardas*, mas dizem, com um biquinho de desprezo, que nunca leram uma pagina de Machado de Assis, nem um verso de Olavo Bilac.

Outras vezes, vestia uma blusa ensebada, ingeria um quarto de cachaça, «para ter o cheiro local», e, agitando uma vasta cachamorra, tomava parte em paredes de operarios e entrava nos seus conciliabulos secretos, jurando esfuracar o ventre rotundo da burguezia; ou então, na imperturbavel pacatez da classe média, ouvia dengosos recitativos ao piano, fazendo ôlho doce ás meninas sentimentaes...

Mas o certo é que d'ahi me advieram não pequenos desgostos e, por fim, uma experiencia desanimadora, que me fez estacar no meio da tarefa. Em primeiro lugar, verifiquei que não tinha hombros bastante largos para tamanha empreza; por ultimo reconheci, que a sociedade brasileira, á falta de bazes tradicionaes, era como um fugidio chão de areia, onde vacillaria qualquer tentativa de literatura experimental:

Os costumes e os caracteres variavam com os ultimos figurinos de Paris...

A Republica ia ao boléo das ondas, como um navio de piratas, a cujo bordo os politiqueiros se engalfinhavam na divisão da presa, trocando palavões immundos. E em tôrno tudo se confundia no meio de uma tremenda agitação de quartel indisciplinado. Depois, o peor dos males é que o estudo consciencioso da realidade põe rugas na face de um mortal e lhe envenena a fonte de todas as alegrias. Assim, bastava olhar para aquelle pungente riso caveiral de Lça de Queiroz, o qual, sob o orgulhoso disfarce da ironia, lhe punha no rosto mil e uma pregas de soffrimentos; ou para a desconsolada placidez dos olhos de Flaubert, cançados de fitar e interrogar o perpetuo segredo das esphynges... Zola, esse, tinha a severa catadura de um Apostolo zangado... Por isso os estudos naturalistas eram assustadores: d'elles espipava a figura espantosa da Verdade, não com os attractivos da sua immaculada nudez, porém sangrando pelos bicos dos seios e com os flancos vergastados de dôr! Não raro apparecia tão enlameada e gottejante como si tivesse vindo arrastada pelas sargetas.

Mas ontras vezes surgia pura, bella e soffre-

dora, com sete espadas no coração, como Nossa Senhora da Agonia...

— E sabes de uma coisa? resumiu o Xavier, sorvendo o resto do vermuth, eu não tenho coragem para encarar a Vida assim tão de perto. Soffro torturas, na beira desse abysmo...

— E então, agora? inquiriu o Menezes, interessado deveras.

— Agora o meu sonho é este, simplesmente: subir á torre de marfim da Phantasia e lá ficar mergulhado na scisma e no silencio...

— Ora! exclamou o Menezes, contrariado. Ficas ahí a fazer phrases e não me respondes! Pão, pão! Escreves ou não escreves mais?

— Digo-te em duas palavras, homem sofrego! Pretendo escrever uma obra de imaginação em que perpasae um vulto aereo de mulher, balanceado numa absurda rede de sonhos. Quero inspirar-me nesses divinos phantasmas de luar chamados Beatrix, Ophelia, Belkiss, Salomé...

Para isso, tenciono colher um dos mais puros lirios do Valle da Escriptura e erguel-o deante dos olhos, tremulo como um junco, radiante como um astro, e todo vestido de aromas e pedrarias... O titulo desse trabalho? Será o *Livro de Esther*,

simplesmente, como na Biblia. E tu verás aquelle corpo claro e doce, como um vaso de 'prata cheio de mel, depois de unguido em oleos aromaticos pelo espaço de doze mezes, resvalar, tonto de perfumes, para o leito de ouro e de porphyro do poderoso rei Assuerus.

E, a carne perecível de uma virgem, tocada por um raio da immortal Belleza, salva desse modo o destino do povo judaico, para mostrar á raça boçal dos *homens praticos* que a perfeição de um verso e o fulgor de uns olhos num rosto lindo são ás vezes mais uteis a uma nação que a sciencia dos charlatães e o dinheiro dos usurarios. E' só isto. Que te parece?

O Menezes ergueu-se de um salto e abraçou fortemente ao Xavier, exclamando com sinceridade :

— Esplendido! esplendido! Deus queira que saia logo, que não fique em promessa!

Então o Xavier, que não gostava de revelar os seus enthusiasmos, lhe retrucou com perversa ironia:

— Muito depressa eu creio que não poderei deslumbrar o Brasil com essa futura maravilha...

— Por que ?

— Porque não teria leitores, simplesmente.

— Tens razão, concordou o Menezes. Isto é um paiz essencialmente agricola e politiqueiro :

o que devemos todos é commetter fraudes e plantar batatas !

LI

Tinha terminado o jantar de festa em honra á formatura do Xavier. O agape fôra servido em casa do Menezes, a fim de que pudesse haver a mais illimitada liberdade entre os convivas, que eram os tres inseparaveis amigos de sempre, visto o Xavier pedir que se não estragasse o seu paladar com a presença de qualquer figura exotica. Toda roda que excedesse de tres pessoas elle considerava aglomeração de povo, e esta entidade lhe causava uma invencivel repugnancia. Dahi os seus irreverentes paradoxos, com ares de sentenças definitivas. O povo, dizia elle, em Athenas como na Beocia, é sempre malcheiroso e irracional. Por isso, todas as assembléas, a começar pelas legislativas, são o ventre fecundo da sandice humana.

Doze homens, embora sejam doze sabios, reunidos numa sala, com um presidente e uma campainha hão de forçosamente escoucinar o bom-senso.

Essa era a razão por que a respeitavel instituição do Jury tanto tinha de antiga como de immoral. E

os juizes, depois de assignar uma das suas sentenças, não deviam lavar simplesmente as mãos, na commoda bacia de Pilatos, mas, por hygiene d'alma, deviam tomar um banho de lixivia, da cabeça aos pés. O Xavier costumava dizer estas coisas consideraveis, olhando para o bico das botinas, ou palitando os dentes, como quem está no seu juizo perfeito...

Mas nessa tarde tinham comido bem e bebido melhor, por isso o grave Xavier estava tão jovial como o leviano Seixas, que pelo menor motivo ria sem parar, num largo riso satisfeito, torcendo o corpo no canapé, com a voluptuosidade de um animal que se espolinha... E em guinchos curtos, exgottava a escala dos sons, patenteando a dentuçã amarellenta, como o velho teclado de um piano...

Tinham tomado o café na varanda, lentamente, conversando e fumando.

O sol, no occaso, ia morrendo com a serenidade de um justo. Vinha do jardim, castigado o dia inteiro pelo calor, uma aragem agradavel, em que havia por egual o aroma de muitas flores.

As rosas, pendentes das grades, tinham a languidez de um corpo sensual, depois de ser muito beijado.

Começava-se a sentir uma pontinha de preguiça:

vontade vaga de rolar por aquellas nuvens do poente ou de morrer de saudades na gostosa penumbra de uns cabellos muito compridos, compridos e emballadores como o enredo das novellas orientaes...

Então o Meuezes, reagindo contra aquelle torpor de giboia, soltou um brado de commando:

—A' cidade, ao deboche, camaradas!

E o Seixas, agitando o bengalorio como uma espada triumphante, cantarolou fanhosamente:

Allons, enfants della patrie...

Foram a pé, ziguezagueando de rua em rua, com infinita vagarosidade.

Assim, quando chegaram á rua Barão de Itape-
tininga, já o Viaducto estava todo pontilhado de luz. Os sinos de Santo Antonio repicavam na doçura do ar parado, derramando uma grande serenidade nas almas. Longe, lá para as bandas do Bexiga, um foguete espipocou, pondo no espaço uma comprida lagrima côr de fogo.

E só quando pararam junto ao escriptorio do «Diario da Tarde» é que souberam das importantes novidades politicas, que eram o grande assumpto do dia em todas as palestras.

O dr. Valentim Rodrigues pronunciara na Camara um discurso notavel, declarando que « esta não era a Republica dos seus sonhos, que o paiz estava á beira de um abysmo e que, como era preciso sair disto, custasse o que custasse, elle, Valentim, se dispunha a avançar á frente dos caracteres sem jaça, para salvar a patria que, ou devia ser livre na America livre, ou devia desaparecer do mappa das nações cultas. (Dilemma cruel !)

Assim, erguia elle a bandeira Revisionista, em nome dos sagrados principios democraticos. A Constituição de 24 de Fevereiro estava errada. A correcção havia de fazer-se por bem ou por mal, embora fosse necessario correr o sangue dos patriotas, nas aras santas da Democracia !»

O amago da tremenda peça oratoria era esse, não contando o introito e certos babados exclamatorios, em que para logo se percebia a garra do feroso jornalista que, com uma simples *nota*, rascunhada ligeiramente, fazia o Estado inteiro estremecer, como sacudido por um abalo sismico.

O Xavier escutava estas coisas fazendo caretas de nojo, como se estivesse nas visinhanças de uma sentina. E commentava assim:

—E' de arromba ! Estes politicos o que não têm é

vergonha de mostrar *aquillo*, sempre que abrem a bocca em publico. Reles no estylo, reles no character.

—Não, disse o Seixas, não concordo. Acho que é um bello movimento de civismo. E que o Valentim é um primoroso jornalista, é.

—Por que? inquiriu o Xavier. E' elle que escreve os artigos que o Ruy assigna? Onde estão os seus trabalhos? Quanto ao *Jornal de S. Paulo*, excusas de cital-o, porque aquillo não passa de um sujo armazem de noticias. O resto, tesouradas no pobre *Jornal do Commercio* e umas pifias correspondencias do exterior, forgicadas aqui, para contar aos indigenas que o imperador Guilherme passou a usar os bigodes deste ou daquelle modo e que a rainha da Hollanda desovou mais um pincipeco. E acabou-se!

E, quanto ao lado moral da coisa, podes ficar certo de que quando o Valentim diz *precisamos sair disto, custe o que custar*, é porque foi contrariado em suas pretensões personalissimas ou melindrado em suas prerogativas de grande homemziinho, pertencente á nobreza republicana. E, nestas condições, o phraseado se traduz assim: «Preciso entrar nisto, custe o que custar, ainda mesmo que seja pela porta larga da bandalheira.»

Quem viver verá.

Tu bem sabes que estes nossos politicos não passam de uns azimões invertebrados, sendo, por natureza, incapazes de assumir uma attitude erecta no meio do lameiro em que se arrastam.

Ah! o tempo dos Feijós e dos Andradas já vai longe! Pedro II pedia uma pouca de terra brasileira para descançar a velha cabeça...

Os *imperadores desta republica* exigem impudicamente um punhado de ouro para tapar a bocca.

Mudemos, pois, de assumpto, a bem da nossa hygiene, e esses figurões que vão tratando de salvar a barriga, si não puderem salvar a patria. De resto, elles entendem que uma coisa vale pela outra...

— Sim, tens razão, filho, acabemos com isto, murmurou o Seixas, certo de que, nestes assumptos de politica, ninguem podia resistir á furiosa dialectica do Xavier, que logo inchava de colera, espinhado e aggressivo como um ouriço...

LII

Assim, passada a tempestade, alli ficaram, reconciliados e pacificos, contemplando o movimento da rua 15 de Novembro. Era a hora em que o povo costuma embasbacar para as vitrines das joalherias

e das casas de modas, com a evidente desconsolação de quem estende o olhar para o fulgor remoto de uma estrella muito alta...

Os devotos do chop acercavam-se do *Progredior*, onde a orchestra atacava os primeiros compassos de uma valsa estridente.

Carruagens de toda especie rodavam sem descontinuar, e muitas familias passavam, caminho do theatro Sant'Anna. As meninas seguiam na frente, duas a duas, empoadas e tesas como figuras de gêsso, os papás iam atraz, alastrando a calçada com a larga importancia das suas pessoas bem nutridas...

Mas o Xavier aborrecia-se. A cada instante um conhecido se approximava, para lhe dar parabens pela formatura.

E elle acabou por exclamar :

— Fugamos d'aqui, sinão eu morro moido nos braços da Hypocrisia !

Então o Menezes, que era sempre o guião e o «marchante», apontou para uma casa, logo á esquina, onde um grande relógio marcava as oito horas.

— Vamos até alli, ao Grumbach.

Era uma ourivesaria. O Menezes pediu anneis de bacharel. E, quando se abriu sobre o balcão um rico estojo forrado de velludo azul, onde os rubis

circumdados de brilhantes fulguravam tentadoramente, mandou ao Xavier que escolhesse um. O Xavier teve um brilho nos olhos, um brilho que passou depressa, como um relampago de cobiça. E, esticando o dedão magro e nodoso, enfiou um dos aneis e ficou a remirar o precioso rubi, que scintillava, com um reflexo quente e vivo, como uma gotta de sangue.

— Este me serve, está mesmo a calhar.

— Bem, fica com elle, disse o Menezes.

Mas, vendo o Seixas meio murcho, disfarçar o seu despeito, lançando em torno um olhar apagado, não o quiz deixar descontente, e offereceu-lhe, por sua vez, um relógio e corrente de ouro. O bohemio rejubilou:

— Obrigado, meu caro amigo! Já agora posso saber a quantas ando!

O Menezes pagava, satisfeito, sem reflectir que, com essas fidalgas liberalidades, que se estendiam dos amigos até ás cocottes de luxo, o dinheiro lhe ia escorrendo imperceptivelmente pelos vãos dos dedos...

Agora, disse elle, ao sair, bem jantados e abrihantados, só nos resta ir a um desses theatros, gosar um pouco de maxixe.

— Sem duvida alguma, acudiu o Xavier, é necessario proteger á Arte...

E dirigiram-se para o velho *S. José*. Não havia maxixe ; representava-se a *Dama das Camélias*. O Xavier começou logo a debicar :

— Diabo ! e eu que esqueci o lenço !

— Para que ? indágou o Menezes.

— Para enxugar as lagrimas...

Entraram, deram dois dedos de prosa no saguão, mas a orchestra dos entre-actos principiou a tocar, e elles foram tomar os seus logares nas poltronas. Havia uma bôa meia casa. Os camarotes da primeira fila estavam repletos. «As moças do nosso *high-life*, como dizia o Seixas, ostentavam os seus vistosos chapéus de plumas e flores, entre o nervoso esvoaçar dos leques, que pareciam borboletas tontas de luz, no meio de um jardim cheio de viço.

Cessou a musica ; subiu o panno ; a *Dama das Camélias* appareceu com o seu ramo symbolico e começou a viver, a amar, e a gastar dinheiro, e a gastar mocidade, até que o panno cahiu e houve na sala um sussurro de applausos, seguido de um geral arrastamento de passos. Os espectadores levantavam-se e quasi toda a platéa se derramava para os botequins. E, enquanto o Menezes e o Seixas se

dirigiam ao *buffet*, o Xavier permanecia no seu lugar, como num posto de observação. Levantou-se, poz o binoculo nos olhos e passou demoradamente em revista o vasto amphitheatro. Notou que, em geral, dos camarotes, só os homens sahiam, ao passo que as senhoras ficavam, hirtas nas suas cadeiras como num throno. E não havia trocas de cortezias entre as familias conhecidas.

Ninguem se visitava, de modo que cada camarote parecia uma cidadella de orgulho, propriedade de uma prole, que, comprando o bilhete, ficava com o direito de collocar sobre a porta de entrada o seu brazão hieratico. Assim, entre aquelle exaggerado rebrilhamento de joias, errava uma profunda somnolencia de inercia, e mais de uma boquinha côr de rosa, de onde só deveriam sair beijocas e palavrinhas bonitas, começava a abrir-se desconsoladamente num feio bocejo de tedio...

O Xavier safou-se, bocejando tambem.

No corredor o dr. Valentin Rodrigues, o homem da bandeira revisionista, mostrava os dentes podres, num colloquio muito amoravel com o agigantado pelintra dr. Hercules Moreira. O Xavier dardejou-lhes um olhar obliquo e passou de largo, considerando philosophicamente: «Ha politicos tão

viciados na politiquice, que nem teem tempo para escovar os dentes.»

Mas decididamente o Xavier não estava de sorte. Logo adiante esbarrrou com a grotesca figura do vasto poeta Jeremias Fragoso.

E teve de cair nos seus braços de velho taman-duá, que o queriam asphyxiar num «amplexo de amizade, pela sua gloriosa laurea academica», como elle dizia na sua linguagem alambicada.

Mas, vendo o vate metter a mão no bolso, para tirar o lenço, o Xavier raspou-se num momento, prevendo que o guedelhudo verzejador não tardaria em puxar pela versalhada. E, apressando o passo, galgou as escadas que davam para o *buffet*, onde o Menezes e o Seixas cervejavam placidamente. O Xavier arrastou uma cadeira, sentou-se e mandou vir um chop.

O Menezes perguntou-lhe que forças o tinham retido lá em baixo. Alguns olhares de gancho?

— Qual gancho, qual nada! Fiquei pasmando para aquella enorme pasmaceira.

Nisto, a sineta deu signal. Ia começar o segundo acto. E o Xavier, erguendo-se de vagar, supplicou aos amigos que o dispensassem de continuar naquelle sacrificio...

— Como assim? vais embora? perguntou o Menezes.

— Vou. Vocês hão de vêr que a tal Dama das Camélias, continuando naquella vida, ainda acaba por morrer tísica. E eu não quero concorrer para tamanha desgraça...

O Menezes olhou para o Seixas, indeciso; depois consultou o relógio e teve um dos seus costumados «rasgos de genio»:

— Bom, nesses casos vou eu também, que também sou bom christão.

Desceram a rua Marechal Deodoro e, proseguindo em linha recta, pela rua 15 de Novembro, foram parar no largo do Rosario. Passava das dez e meia. Cessara o grande movimento da *city*. S. Paulo retomava gostosamente os seus hábitos de cidade provinciana, que se recolle cedo e aferrolha a porta com cuidado, para tomar descauadamente o seu chá em familia.

— Tudo morto, nesta vasta necropole! — exclamou o Menezes, alongando aborrecidamente os olhos pela rua de S. João a fóra.

Era uma vista cheia de bizarria, áquella tranquilla hora da noite.

Do largo do Rosario até ao Polytheama, as casas

desciam, numa ligeira linha obliqua; dahi, formando um angulo obtuso, subiam numa outra obliqua, até se perderem de vista, engulidas pela distancia.

E as duas filas de lampeões, correndo lado a lado, davam-lhe a feição caracteristica de um grande compasso aberto...

O Menezes considerou um momento e, tomando o braço do Xavier, propoz uma visita de *reconhecimento* ao n. 10, da rua Formosa.

—Vamos terminar gloriosamente o nosso programma !

A casa estava mergulhada num silencio de velha Abbadia. Recebeu-os uma velhota obesa e nariguda, que falava e andava com o vagar majestoso de uma abbadessa, sacudindo as mamas molles.

—Onde está o *peçoal*? perguntou-lhe o Menezes.

A mulheraça respondeu-lhe que as mulheres tinham ido ao Polytheama e ao *Moulin Rouge*; mas não se demoravam, não, era só ter um pouquinho de paciencia.

Falava uma algaravia em que se misturavam pedaços mutilados de diversos idiomas. Assim, tanto ella podia ser franceza, como polaca, turca ou italiana. Podia mesmo não ser nada disso, para ficar sendo

unicamente grega. Aquillo, como disse o Xavier, era uma sallada de linguas, o caso tremendo da torre de Babel, numa tremenda torre de banhas !

—E não ficon nenhuma pomba no seu pombal ?
inquiriu o Menezes.

A baleia grunhiu que não havia comprehendido.

—Digo si não ficou nenhuma rapariga ? insistiu o Menezes.

—*Ah ! non, non, signore.*

E elles alli ficaram, murchos, sem uma idéa, olhando desconsoladamente para aquella indecorosa fealdade, que, certamente, não podia pertencer a nenhum dos sexos conhecidos... E' que aquillo dava a impressão de uma figura de barro a que o seu auctor, antes de concluir os traços, atirasse um pontapé no trazeiro, fazendo-a cair espapaçada na immundicie...

Mas, numa vóz lenta e lassa de folle cançado, o monstro perguntou si os cavalheiros não pagavam uma cerveja.

—O que ?!--rugiu o Menezes com uma evidente vontade de espancal-a.

Sahiram estuporados daquella casa de prazer e só tomaram alento na rua, deante do largo céu, muito

azul e muito limpo, onde as estrellas palpitavam como palpita um peito humano...

LIII

Eram oito horas da noite. O Menezes, que se preparava para sair, estava borrifando o lenço com essência de violeta, quando o Adão entrou com um papel numa salva de prata.

—Que é isso?

—Um telegramma para V. Ex.

—Bem, ponha ali nessa mesa e vá verificar si o *coupé* está prompto.

O criado sahiu.

E o Menezes continuou a remirar-se no espelho, já vestido, a vêr si concertava com mais um retoque aquella obstinada linha de elegancia, que elle fazia questão de realizar, sem uma falha e sem um vinco.

Assim passou alguns minutos embevecido na contemplação da sua esbelta figura, depois do que alli ficou, vergado sobre o aparador, a polir e repolir as unhas com um fino pó côr de rosa...

E foi só depois que terminou esse meticuloso ritual de homem chic, que elle, volvendo o rosto distrahido, deu com aquelle quadrado de papel, esquecido sobre a mesa.

Como não era supersticioso e não tinha nada a recear na vida, que sempre lhe correra direita e facil como um carro macio em liza estrada, não teve um minuto de vacillação; e, estendendo a mão num gesto decidido, abriu de prompto o telegramma. Mas a sua physionomia, logo ás primeiras linhas, se revestiu de uma profunda pallidez e as suas mãos começaram a tremer, numa perturbação dolorosa, como si aquella tenue folha de papel fosse o pedaço de um mundo, a desabar fragorosamente sobre a sua cabeça!

E alli ficou, sem uma palavra e sem uma idéa, hirto na sua dôr, como num poste de supplicio, a olhar estupidamente para aquellas letras, que lhe dançavam deante dos olhos, numa sarabanda ironica e diabolica! E as phrases lhe pareciam tão inintelligiveis como si aquillo estivesse redigido num idioma barbaro, de sorte que elle não chegasse a comprehender sinão alguns trechos destacados, desconnexos, formando um sentido absurdo, que a sua razão absolutamente não poderia aceitar! Passou as mãos pelos cabellos, limpou o rosto com o lenço perfumado, e, puxando uma cadeira, sentou-se, tomou um pouco de folego, para de novo remergulhar na afflictiva leitura, bem certo de que não estava sendo victima de uma allucinação momentanea! Então, as palavras

lhes foram cahindo na alma, com uma evidencia cruel, e lá ficavam chiando e fervendo, como gottas de vinagre numa chapa candente ! O telegramma era passado pelo seu correspondente no Rio, José Lucas de Góes, da firma Góes & Leme. Dizia isto apenas:

«Solimões, gerente Companhia Edificadora, fugiu, dando total desfalque. Diligencias policia sem resultado. Tudo perdido.»

Era só isso, e era um desastre irreparavel !

E o telegramma ainda falava em policia, exclamava o Menezes, furioso, como si estivessemos num paiz verdadeiramente policiado ! E, no desvario da sua desgraça, elle responsabilisava a republica, que democratisando ás pressas um paiz sem instrucção e sem disciplina social, viera accender um immoderado desejo de luxo e de goso em individuos que até bem pouco não passavam de uns pés-rapados; o governo, que só tratava de encher o bandulho, cercado de uma ninhada de filhotes tão exigentes e gulosos como os pintos ao saltarem da casca; e, por fim, o povo, essa besta ordinaria, que relinchava de prazer ouvindo o sacudir do milho distante, por mais pesada que fosse a carga e por mais duras que fossem as pauladas !

—Gente ignobil ! terra ignobil ! concluia elle, passeando de um lado para outro da sala, vestido de

casaca e com os braços cruzados nas costas, como um Napoleão furibundo...

Depois lhe sobreveiu um covarde abatimento moral, um profundo relaxamento de forças, como si dentro do seu corpo e dentro da sua alma tudo se estivesse esphacelando e apodrecendo, num total desabamento de energias...

E arrastando os passos, meio tonto, tal um homem que tivesse tomado uma pancada na cabeça, elle cahiu compridamente no sofá e alli ficou inerte, como um pedaço de materia bruta...

Nesse estado veio encontral-o o serviçal Adão:
—O *coupé* está prompto, sim senhor.

—Não saio mais, respondeu desabridamente o Menezes, e alli permaneceu por muito tempo ainda, prostrado e mudo, fechando os olhos e distrahindo o espirito, para não encarar de frente o fundo daquelle abysmo em que, por uma fatal imprevidencia da sua parte, acabava de rolar a sua fortuna, de envolta com as suas mais bellas esperanças! Nesse momento, como trazido pela implacavel ironia de um demonio galhofeiro, um realejo começou a tocar na rua aquelle trecho dos *Sinos de Corneville* em que se escuta um alegre tinir de moedas, a correrem, a correrem num comprido fio côr de mel e côr de sol...

Dlin... dlin... dlin...

Dlin... dlin... dlin...

E o Menezes, acabrunhado, monologava num tom cavo:

—O dinheiro ! sempre o dinheiro, o vil metal !

LIV

Então, com a divulgação desse desastre, as contas começaram a cair sobre a casa do Menezes, como baixam as aves de rapina sobre uma carniça que começa a exhalar.

E elle deixou de sair, «para não vêr certas caras», passando os dias mettido dentro de casa, aggressivo e desconfiado, como um bicho no fundo do covil, a escutar o latir da matilha que se aproxima...

E os credores proliferavam de um modo assustador: dir-se-ia que uns brotavam dos excrementos dos outros, porque nem bem elle acabava de tapar a bocca de um, já outro lhe surdia, escancarando uma boccarra mais faminta... E o Menezes já nem podia mais conciliar um somno tranquillo, pois que era sobresaltado de continuo por terriveis pesadellos, que o faziam

riscar phosphoros e pular da cama, livido e esgazeado, no meio dos lençóis revoltos... E era sempre a repetição do mesmo sonho horrivel: elle estava muito pobre, a dormir como um leproso, no fundo de uma espelunca nauseabunda. De repente, pelos buracos das paredes côr de barro começava a surgir uma alluvião de caras de pessoas conhecidas, que eram os seus credores, a exigir o pagamento das suas contas. E aquella porção de olhos scintillava com um fulgor sinistro, que ia augmentando, ia augmentando pavorosamente. Elle encolhia-se nos trapos e gritava que o deixassem pelo amor de Deus, porque não tinha dinheiro.

Então aquellas physionomias atacantes se metamorphoseavam em ratazanas, que immediatamente invadiam o quarto, numa chusma voraz e repellente. E cada qual tinha uma cauda longa, liza, lesmosa, que lhe causava calafrios de medo e de repugnancia. E elle ficava inteiriçado, sem poder tentar um movimento, quando, num mesmo instante, aquella hedionda bicharia saltava sobre o seu corpo, e começava a roel-o tranquillamente, com vagar e com methodo, desde a ponta dos pés até á ponta do nariz ! O Menezes despertava aos urros, com um suor de agonia no rosto transtornado...

LV

Decididamente não era possível continuar naquella situação insupportavel. Cada dia que vinha lhe trazia um accrescimo de soffrimentos.

O circulo das privações e dos vexames de momento a momento se estreitava.

E elle, para sua maior tortura, estava só, no meio de uma vida hostile, que o maltratava por todos os lados.

E o mundo assim lhe apparecia com a medonha insipidez, a immensa desolação de um mar uivante e largo... D. Carolina continuava encerrada na altiva mudez da sua inconsolavel amargura; os bons amigos de outr'ora, desde que o sabiam decahido, o cumprimentavam de longe, com muita pressa, sacudindo a pontinha dos dedos... E a maré da miseria ia subindo com um fragor sinistro. Era preciso, pois, pensar e agir, sem perda de tempo, a fim de saltar para fóra daquelles escombros que o suffocavam e partir para bem longe, a cicatrizar as feridas do seu peito no puro refrigerio de outros ares mais puros. Onde seria? Fosse onde fosse, comtanto que se libertasse daquelle mundo seductor e hypocrita como a face de um jago pestilento, pois em troca do dinheiro que elle

outr'ora lhe atirara ás mancheias, agora que elle não tinha mais o que dar, lhe devolvia mancheias de lama—que é o que se encontra no fundo dos lagos podres e dos corações ingratos. E só então elle poude comprehender a pequenez daquelles prazeres que o tinham arruinado e que, ao menor sôpro da adversidade, se dissolviam como um nevoeiro, deixando-o na attitude de um phantasma solitario, em meio ás incertezas do futuro... Ah! que bem lhe faria agora sentir o calor de um coração generoso, pulsando ao lado do seu, na partilha das mesmas desventuras! Mas si era facil arranjar um socio para as alegrias, principalmente quando tinha o bolso repleto, o mesmo não se dava com relação a um companheiro de infortunio. E foi seguindo o curso natural destes pensamentos afflictivos que elle chegou a cogitar na possibilidade de alcançar o completo perdão de d. Carolina.

Ella é sensivel e bondosa, pensava elle, mas occulta, debaixo daquella sua apparencia meiga e soffredora, uma dura camada de orgulho, que é preciso romper com geito e tenacidade. E' certo que elle, *sponte sua*, mudara de vida e mudara de genio; e, sem duvida, ella, que ignorava o descalabro de sua fortuna, teria notado com *sympathia* aquelle recolhi-

mento a que elle ultimamente se entregara, passando os dias trudo, meditativo, a arrastar os passos ao longo da sala, como um beneditino solitario...

Mas si ella soubesse tudo ou si tivesse adivinhado alguma coisa através da reserva que elle mantinha, lendo na sua face devastada a historia das vergonhas que o destruiam por dentro, como um verme invisivel?

Ah! então tudo seria inutil, porque ella possuia amor proprio bastante para repellir todos os seus protestos e sorrir sacasticamente de todas as suas promessas! E elle, em tal caso, ficaria sem refugio no meio dos homens, como um navio desmantelado no meio das ondas. Mas ao menos piedade ella devia ter, com certeza. E, depois, si fosse necessario humilhar-se deante daquella nobre alma, que elle tantas vezes humilhara immerecidamente, faria de bom grado esse sacrificio, em resgate das suas faltas antigas, daquelle tempo em que ella ficava no abandono, emquanto elle batia a cidade, numa sofreguidão de animal solto, dissipando alegremente o peculio da esposa, num gesto largo de semeador. E' que si tudo nella estava então contaminado pela insupportavel «catinga do morto», o dinheiro, que este ganhara com trabalho e juntara com paciencia e economia, não tinha cheiro

desagradavel... E agora, para seu maior castigo, allí estava, colhido por um embaraço ridiculo e quasi sem animo de realizar aquella reconciliação, como um seminarista apaixonado, que empallidece e treme, ouvindo o leve roçar de um vestido... Diabo ! precisava ser homem e metter a cabeça para a frente !

Entretanto, era bem facil vencer essa difficuldade, que a sua consciencia culpada exaggerava morbidamente, como si o caminho da sua vida estivesse obstruido por uma implacavel porta de bronze, quando a verdade é que d. Carolina era um ser apagado, era uma dessas naturezas passivas, que amam a inercia moral e que se deixam conduzir á mercê do destino, sabendo unicamente protestar pela mudez e resistir pela obediencia. Além disso, amava-o ainda, apesar de tudo; o seu coração pairava acima de todos os dissabores e de todas as injustiças, palpitando sempre por elle, como uma estrella fixa fulgura por detraz das nuvens, em meio ás convulsões de um céu caliginoso.

E muitas vezes, vendo o guapo Menezes sair de casa, irreprehensivel e lepidio, ella afastava de leve a cortina da janella e allí ficava encolhida, a segui-lo por muito tempo com um olhar enternecido e triste de

amante desdenhada, até que o vulto querido desaparecesse na esquina distante...

Mas o Menezes, comprimido entre o pudor e o receio, adia esse cruel momento, appellando sempre para um commodo «amanhã», emquanto o tempo ia passando e os compromissos iam crescendo.

Até que um dia o pobre Menezes se dispoz a romper para fóra daquella dissolvente apathia em que se deixava mollemente afundar, esporeado por um bruto credor, um «cadaver» teimoso, que o abordara, rancoroso e villão, a exigir-lhe o pagamento, no praso de vinte e quatro horas, sob pena de uma aggressão a bengaladas, em plena rua 15! Era, pois, inadiavel a partida, era urgente marchar em retirada!

E agora, pensando nisso, todo entregue a si mesmo, desligado dos maus amigos e inaccessible ás influencias corruptoras da cidade, o seu coração se abria delicadamente em sentimentos elevados e ternos, como uma pallida flôr de estufa, transportada ao fecundo calor do sol, se reveste de matizes mais vivos, exhalando mais puros aromas. E elle ficava horas esquecidas, debruçado sobre a janella que dava para o jardim, fumando cigarro sobre ci-

garro e a sonhar «outra vida melhor,» num retiro distante, enquanto as lentas fumaradas lhe envolviam a cabeça numa nuvem tão caprichosa e delirante como as suas idéas...

Sim, talvez ainda fosse feliz! Voltaria a Itapetininga, onde passaria a viver só para as tranquillias venturas do lar, amando, isto é, estimando a mulher e criando filhos sadios, com o carinho de quem cultivava flôres. Adquiriria logo uma chacara, nas proximidades da Lagôa Morta, sitio tão agradável, a lembrar as doçuras de um valle biblico pela abundancia dos seus fructos e pela paz abençoadora dos seus vastos horisontes. A casa devia ser muito branca e discreta, espiando entre as verduras pela palpebra azul das venezianas...

Sim, podia ser bem feliz!

Antes de partir, tirava uma provisão de advogado, comprava uma bella pasta de couro da Russia, collava na memoria umas retumbantes noções juridicas e lá em Itapetininga, muito breve, (por que não?) podia ser uma notabilidade de aldeia, um chavão tão respeitavel como o dr. Travassos, «aquelle porcalhão, que tinha menos livros na estante que caspas na cabeça!» E, todo enfunado pela propria imaginação, o Menezes começou a passear pela sala,

alteando o busto, orgulhoso, como si já estivesse a transpor a porta do Tribunal, entre alas submissas de povo, num dia extraordinario de sessão do jury.

E tão absorvido estava nesses pensamentos que, de repente, estacou no meio da sala e, abrindo os braços, num gesto sacudido e largo, que abrangia tudo, moveis e quadros, paredes e tapeçarias, exclamou com voz forte : *Exmo. Sr. Dr. Presidente do Tribunal ! Senhores Jurados !*

«Eu sou um paladino da liberdade, eu sou...»

Nesse momento o Adão entrou com um envelope. Nem foi preciso abril-o, para saber do que se tratava : vinha da casa Carvalho & Pinto, era uma conta antiga do seu alfaiate. E o infeliz Menezes concluiu funebremente a sua oração :

— Não, eu não sou o paladino da liberdade, eu sou a victima de um bando de abutres !

E caminhando firme, como quem desafia um perigo, entrou immediatamente nos aposentos de d. Carolina.

Estava dado o grande salto. Para o bem ou para o mal, a sua vida ia seguir um rumo differente.

LVI

Era uma linda sala forrada de papel azul, em cujo fundo de espaço a espaço se destacava o branco perfil de um Cupido, segurando um molho de lírios, atados por uma fita. A mobília severa, com o alto espaldar a desaparecer sob um nevoeiro de rendas, permanecia numa ordem perfeita. Sobre o piano, fechado e mudo ha tanto tempo, uma jarra de prata ostentava um languido ramo de rosas.

Sentada no sofá, d. Carolina bordava um passaro em talagarça, pondo naquelle trabalho, que os seus dedos executavam mechanicamente, um olhar distrahido e parado, como si o seu pensamento estivesse muito longe, bordando phantasias bem differentes... De um gracioso açafate posto ao seu lado, transbordavam meadas de lã de varias cores, e, ao fundo do mesmo, via-se uma infinidade de minusculos objectos, como tesouras, dedaes, fitas, agulhas de marfim, um leque fechado, uma figa de coral, tudo isso de mistura com um pequeno volume encadernado de preto, em cuja capa se lia *Imitação de Christo*, em letras douradas. Junto á porta da alcova, um bebêsinho louro esperneava no berço, com o

dedinho na bocca e um rosario de contas azues mergulhado nas roscas do pescoço.

Quando o Menezes appareceu, forçando um sorriso nervoso, ella depoz a tela no regaço e ergueu para elle uns olhos calmos e puros como dois espelhos.

— Queres alguma cousa ?

Elle arrastou uma cadeira para junto do sophá, sentou-se deante della e respondeu :

— Sim, eu desejo falar comtigo, longamente. E, num borbotão de palavras, começou logo a expor-lhe uma comprida historia, que havia planejado, na qual elle pintava o grande aborrecimento que lhe estava causando aquella vida nulla e pelintra que até alli arrastara na capital, «comendo sem ter fome, bebendo sem ter sêde e caminhando sem interesse no circulo sempiterno da mesma semsaboria !» E, depois, si fosse só isso ! Mas é que, empolgado por uma caterva de amigos ursos, elle esquecera por completo os seus mais «sacrosantos deveres de pae e de marido, ao ponto de quasi se converter num monstro moral!»

Nisto a vóz della se ergueu, calma como um perdão e, ao mesmo tempo, mais despedaçante que um latego :

— Não sei porque falas assim. Nunca me quei-

xei de ti. E's sempre o mesmo para mim, és sempre o mesmo...

Elle quasi saltou da cadeira, num protesto immediato ! Por que ella havia de ser cruel, para com elle, fingindo ser caridosa ? Não, elle não estava alli para representar uma comedia do sentimento. Procurava-a de coração aberto, para confessar francamente a sua culpa, e não para se convencer de que era um anjo sem macula. Felizmente ainda não estava tão degenerado para desconhecer que tinha sido um mau companheiro.

— Não tens razão, murmurou ella docemente. E's mais moço do que eu, precisavas de liberdade.

— Mas é que eu abusei dessa liberdade, despedacei todos os laços moraes !

— Que exaggero ! exclamou ella, entre um sorriso cheio de bondade.

Mas acabou-se ! Elle estava completamente modificado, e o seu olhar agora «só demandava o futuro.

A esse respeito é que viera conversar com ella, bem sinceramente, esperando que ella, por sua vez, lhe respondesse com toda a sinceridade. Então entrou a expor o seu projecto, miudamente, colorindo as palavras, com o gesto soberbo de quem vai rasgando um caminho facil no meio de uma espessura...

Ella o escutava, calada e immovel, num terno embevecimento, que mais parecia um extase de namorada...

E a vóz do Menezes, corrente e clara, ia desenhando todos os contornos de um quadro maravilhoso, em que a vida, dignificada por um trabalho activo e protegida por um amor serio, apparecia numa simplicidade pastoril, unindo os corações em torno do lar e perfumando as almas, como um cheiroso ramo de madresilvas, que envolve o tecto de uma choupana...

E, embalado pela musica das suas proprias palavras, elle evocava pequenos trechos dessa futura vida domestica, com a nitidez de um chromo, recortado á tesoura. Quando, ao fim do dia, (dia fecundo de trabalho) elle voltasse para a casa, suado ainda das lides forenses, ella o esperaria no portão da chacara, todo ensombrado por uma vasta paineira, sonorizada pelo assobio alegre dos passarinhos pretos...

Então elles trocariam um forte abraço, em que os seus braços, pesados sob a acção amollecadora do entardecer, difficilmente se desprenderiam. Ao seu lado o bebê, loiro e vestido de linho, como um raio de sol no calice de um lirio, bateria as mãosinhas, bradando :

— Papae, eu quero o doce ! papae, eu quero o doce !

E elle jantaria descançadamente, como um homem feliz, que encerrou no coração o horisonte das suas ambições, sabendo bem que tudo o que fica para além desse limite é só miragem e mentira—nuvens de poeira, castellos de illusão...

Por isso, desdobrando lentamente o guardanapo, enquanto a sôpa succulenta fumegasse na terrina, com que delicia elle contemplaria através da janella, a copa verde-negra dos limoeiros em flor, no repouso agradável do crepusculo...

Ella continuava calada, sem um movimento, com o busto ligeiramente inclinado, como quem se debruça sobre um rio que vai correndo e vai cantando...

Assim, voltariam a se amar na terra em que pela primeira vez se tinham encontrado.

—Em resumo, disse elle, estás disposta ao sacrificio ?

—Que sacrificio ? inquiriu ella, quasi offendida. Partir contigo, obedecer-te ? Seja para onde for, o meu prazer é seguir-te, como a sombra segue o corpo.

—Pois bem ! Nestes casos, só me resta beijar-te a mão e agradecer !

Mas uma duvida atravessou nesse momento o espirito de d. Carolina, como essas pequenas nuvens que de repente se formam no fundo claro de um céu de verão. Ella receava que o Menezes, sahindo dalli, daquelle suave ambiente, onde a luz, coando-se através das cortinas, dava á toda a sala um delicioso tom côm de perola, disputasse lá fóra, á luz crua do sol, e fosse de novo absorvido pela Cidade.

A Cidade ! esta palavra lhe suggeria ao seu espirito de enclausurada a idéa de uma immensa taverna, onde ha bebidas para todos os paladares—desde o absyntho, que faz sonhar, até á cachaça, que faz feder ! Alli todos os homens se reuniam, juizes e gatunos, sabios e estupidos, ricos e miseraveis, esvasiavam o copo, atiravam uma moeda ao balcão e sahiam transformados em bestas feras.

E ella como que já sentia o seu querido Menezes voltar para casa, ao fim de uma noite de extravagancia, batendo os sapatos com grosseria e atirando-se para cima da cama, quasi morto de cansaço e de tedio e com a physionomia tão alterada como si uma gosma espessa lhe recobrisse as faces. Era horrivel ! era horrivel !

E, não podendo conter-se, ella tomou as mãos do Menezes, e, escondendo as apprehensões da esposa sob as galanterias da mulher, perguntou-lhe:

—Mas isso que dizes é mesmo verdade, Menezes?

Elle franziu a testa, muito offendido:

—Então?! Ella exigia que elle jurasse sobre aquelle volume da *Imitação de Christo*?

Não, não era preciso. E, dando-lhe um beijo muito casto na face, ella explicou-se:

—E' que a gente sempre custa a crêr na felicidade.

Mas estava tudo decidido. O Menezes ergueu-se, fez uma caricia á criança e sahiu, avisando-a de que ia tomar as primeiras providencias.

D. Carolina ficou só. Estava tão satisfeita que correu ao berço, tomou o filhinho nos braços e começou a dizer-lhe uma porção de coisas pueris, enquanto elle sorria e agitava as mãosinhas. Mas subitamente ella ficou séria, depoz o petiz no meio das suas cambraias e foi sentar-se na cadeira de balanço, onde ficou a meditar. Até que enfim o bello Menezes voltava aos seus braços, tão naturalmente como o filho prodigo, regressando á casa paterna! E ella que, retemperada pela dôr, já se resignara a vêr o astro do

seu ideal para sempre afundado no lameiro, assistia agora a este resurgimento de esperanças, tão inverossimil como a resurreição de um cadaver! Mas ella estava bem informada de que estas puras alegrias nasciam de um medonho desastre pecuniario, como uma linda flôr que brotasse de uma caveira.

Tanto melhor! Si o dinheiro fôra a causa de todas as suas lagrimas, ella não lastimava essa perda, antes o via desaparecer com a satisfação de quem abre uma regueira por onde se esvasia um tanque de agua podre.

Para louge a azinhavrada immundicie!

Ella sentia-se bem, ficando com o coração limpo e as mãos desimpedidas para trabalhar e para erguer uma oração a Deus, que tinha ouvido as suas preces.

E então do fundo do seu sêr foi subindo uma onda suave de emoção, que lhe punha um brilho estranho nos olhos, sacudindo-lhe todos os nervos, num jubilo nunca experimentado!

E ella vibrava assim, depois de tantos dias de silencio e de magua, como um templo que, ha muito fechado, apparece de repente com todas as portas abertas e todos os sinos a bimballar...

LVII

Os preparativos foram rapidos, porque o Menezes, flagellado pelos credores, fez tudo ás pressas, como um soldado que accelera a marcha, sacudido pelo frenetico martellar dos tambores.

Agora, na vespera da partida, tendo previamente despachado as bagagens, occupava com a familia dois aposentos no Grande Hotel Paulista. Mas (coisa estranha!) elle começava já a sentir uma acerba, acabrunhadora saudade daquella bôa Paulicéa, onde se tinham passado, com a rapidez de um sonho, os dias mais intensos da sua juventude. Assim, apesar de ter resolvido ficar incognito até ao momento do embarque, afim de evitar encontros desagradaveis, não pode conter-se e foi, pela ultima vez, palmilhar o Triangulo, aquelle querido Triangulo formado pela rua 15 de Novembro, rua de S. Bento e rua Direita, tendo como vertice o largo do Rosario. E elle não podia disfarçar a commoção com que pisava aquelle asphalto glorioso, por onde tantas vezes passara como um vencedor, pautando a moda e arbitrando a elegancia, splendidamente futil, como um perfeito chanceller do gosto e das maneiras! Tambem é verdade que por alli muitas occasiões elle se arrastara descon-

soladamente, em longas horas de tédio, mastigando rancores e despeitos, ou carregando na alma o esquite das suas primeiras desillusões...

Era em julho, um frio fino e saudavel arrepiava os ares. O Menezes subiu pela rua de S. Bento, estugando o passo, estimulado pela deliciosa frescura da noite. Na rua Direita, consultou o relógio: eram oito e tres quarto. Accendeu um charuto e foi proseguindo, agora mais devagar, estacionando de vitrine em vitrine, e lançando um olhar lento e distrahido aos objectos expostos. Tudo lhe parecia indifferente; como que o seu espirito já se considerava muito distante, afundado definitivamente na bruteza das selvas! Então lhe perpassaram pelo espirito, com uma nitidez dolorosa, todos os aspectos da vida, numa cidade do interior, como Itapetininga. Era uma trama nojenta de intriguinhas reles, mordendo e destruindo as mais solidas reputações, como as formigas, tosando folha a folha, desnudam por completo a copa de uma grande arvore. Depois elle começou a revêr na imaginação, com o relevo de um traço de carvão na cal de um muro, a testa oleosa do pharmaceutico Victorino, e a bocca saparral de nha Veronica; ou, num plano mais sympathico, a figura do padre Miguel, negro e bojudo, caminhando entre as arvores do largo da Ma-

triz com o seu enorme guarda-sol debaixo do braço, a murmurar macarronicamente nas barbas do tabelião Nogueira:

—Eh ! caro filho ! tenho baptisado um solo bambino in questo domingo ! Porrcaria !

Mas peor que tudo isso, era a modorrenta semelhança dos dias, que na roça vão passando com a lentidão de uma charrúa, monotonos e vãos, entre a repetição dos mesmos actos e a insipidez das mesmas caras !

Em compensação, lá não havia a doirada miseria da capital, onde as dividas róem os vivos, como os vermes devoram os cadaveres. Lá elle podia, pois, vegetar em beato socego, no bruto seio da natureza, até que o seu pobre corpo e a sua pobre alma adquirissem a ideal insensibilidade de um tronco ou de uma pedra.

Trabalhado por estes pensamentos, ia o Menezes continuando o seu passeio e estava já a dobrar a esquina da rua 15 de Novembro, quando escutou uma voz que lançava o seu nome, da porta da Confeitaria Fasoli. Voltou-se e deu com a figura do Xavier, que atravessava a rua, atirando pernadas de cegonha.

—Oh ! Xavier, que felicidade encontral-o ! Não sei onde te somes de repente, que não ha quem te

descubra. Como que pertences aos corpos gazosos...

E o Xavier, passando os magros dedos pelo ventre:

—Gazoso não serei, mas soffro muito de gazes.

Mas por que dizes isso, procuravas-me?

—Sim: eu não queria partir sem te abraçar.

O Xavier espantou-se:

—Partir? para onde? vais descobrir o Polo?

—Coisa peor: sigo de mudança para o interior, volto a readquirir aquella preciosa estupidez, que é o solido fundamento da felicidade humana.

—Tolice, replicou o Xavier. Para que ir tão longe? Matricula-te numa academia, e no fim de cinco ou seis annos estás perfeito como o Seixas é perfeito.

—Por falar no Seixas, que é feito desse grande homem?

O Xavier sorriu com frieza:

—Esse grande homem anda espalhando por ahí que tem um relógio de ouro e outras coisas tambem de ouro, que lhe foram offerecidas por um sujeito que está a queimar os ultimos cobres de uma viuva.

O Menezes rugiu, com desesperado rancor:

—Typo ignobil! Si o encontro, racho-lhe o queixo de cavallo com um trompazio!

—Não vale a pena, considerou philosophicamente o Xavier, encolhendo os hombros. Este mundo está cheio de cavallos mais ou menos velhacos. Deixa-os esconcear á vontade... Depois, tu não sabes o que é S. Paulo. Esse tal Zeferino Seixas está destinado a um brilhantissimo futuro, nesta gloriosa terra do café.

—Com aquelle character ?

—Com aquelle character e com aquella queixada. O caso é simples. Ha por ahi um grupo de politicotes, da raça cornuda e ôca dos Gouvarinhos, que trata de fundar um jornal politiqueiro, cujo programma é defender a todo o transe a candidatura do grande benemerito dr. Fulano de Tal, á presidencia da Republica. Questão de hegemonia. Neste pareo de ambições estaduaes, S. Paulo faz questão de ganhar... ainda que seja pelas orelhas...

—E o canalha do Seixas que tem com isso ? inquiriu o Menezes.

—O Seixas será o redactor-chefe desse papel sujo. E está muito nos casos, porque para defender esse immoral syndicato, que negoceia com os dinheiros da Republica, é preciso que o individuo seja tão refinadamente cynico, que só tenha de humano «o gesto e o peito», como lá dizia o velho Camões.

O Menezes calou-se, acabrunhado, certo de que, por mais que rebuscasse, jamais encontraria uma phrase bastante rude para verberar o nefando rebaiamento dessa corja politica—verdadeiro bando de abutres a devorar o corpo vivo da Patria !

LVIII

Nessa conversa desconsoladora, foram seguindo com lentidão, até que pararam á esquina da Travessa do Commercio.

Porfim, o Menezes convidou o Xavier para um «chop» de despedida, no Schorchitz. Sentaram-se discretamente junto á parede do fundo, onde uma indecorosa borradura a oleo representava uns caçadores de bota e chapeirão, com a espingarda a tiracollo, passando idiotamente para uma garrafa de cerveja Antartica, que um delles segurava. Perto de um rio, uns cães sem junta, como feitos de pau, resfolegavam de cansaço e de calor, com as linguas pendentes e espumosas como trapos molhados.

Depois de sorver o primeiro golle, o Menezes voltou ao assumpto:

—Has de vêr, Xavier, que aquelle vilissimo Seixas ainda chega a deputado.

O Xavier concordou: achava tudo possível nesta republica meretricia. E accrescentou com supremo desdem:

—Tambem no Brasil, principalmente em S. Paulo, um deputado está valendo pouco mais que um casten... Uns exploram as barregãs, outros exploram a Patria. Tudo é viver regaladamente a sugar o suor alheio.

O Menezes sorriu com delicia.

—Homem, estás faltando com o respeito ao Poder Legislativo !

—E' verdade. Um ramo augusto da Soberania Nacional...

Houve um silencio. E, enquanto o «garçon» servia «sandwiches», o Menezes contemplava a espuma da cerveja com um olhar triste e parado. De repente exclamou:

—Oh ! Xavier ! nós é que nunca seremos nada !

O outro repetiu pausadamente:

—Nunca seremos nada ! E sabes a razão ? Porque somos paulistas, porque tivemos a desventura de nascer no Estado mais padraço da União. Isto é uma terra que só aproveita aos forasteiros sem escrupulos, que sabem alisar o pello destas cavalgadas.

O Menezes concordou, accrescentando:

—E quem é burro pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue. De resto, o paulista, em regra, é um sujeito muito sizudo e muito parvo, que gosta de fazer figura «entre os que vêm de fóra, carregados de basofia...»

—Bom proveito, disse o Xavier, com infinito desprezo.

Era tarde. E o Menezes, pagando as despesas, disse com amargura:

—Felizmente, vou deixar isto, esta ingrata cidade dos palacios, palacios alheios, tumulos das nossas esperanças.

Mas o Xavier, agora mais disposto, ingerindo o ultimo gole, retrucou, teso e firme:

—Deixa falar, não devemos arredar o pé daqui, não devemos ceder o terreno! E mudando de tom:

—Ouve cá, que idéa é essa de partires para o verde interior? E' só pelo prazer de pastar, como o João da Ega?

O Menezes respondeu vagamente:

—E' isso mesmo. Além de tudo, tenho um filho que precisa de mudar de ares, a conselho medico. E' só uma temporada, depois volto com o estomago mais rijo para supportar todas estas miserias de que acabámos de falar.

—Bem, a caminho, que ainda pretendo acompanhar-te até ao bond.

O Menezes, porém, logo ao sair, despediu-se de Xavier, com um abraço muito forte, agradecendo-lhe a companhia, pois que tinha alguns passos a dar. E' que lhe não convinha dizer que estava no hotel com a familia, o que podia gerar qualquer suspeita.

E agora, sósinho, atravessava elle o largo do Rosario. O commercio já tinha fechado as portas e todo o movimento se realisava nas confeitarias e nos cafés. A casa Castellões, illuminada como um templo, regorgitava de gente. E, como a noite cada vez mais esfriava, os bonds passavam repletos de familias que se recolhiam. E, no meio de um infundavel rumor de rodas, esses vehiculos corriam sem cessar, uns após outros, com todos os bancos occupados, onde avultavam os chapéus femininos, numa bizarra ondulação de plumas e de flores. E as moças, escondendo o peçoço na maciez das pelucias e envoltas nas suas ricas capas de inverno, davam a idéa de uns animaesinhos preciosos, que uma simples restea de lua póde matar... E assim eram mais bellas, por parecerem mais frageis conchegadas como um mimo de Sévres, junto ábarbuda severidade dos papás...

Mas já uma frigida neblina, delgada como um

halito, começava a cair, a peneirar, pondo em torno aos combustores da iluminação um largo nimbo de vaporosidades. Era a garôa classica, a lembrar todo um passado morto, quando S. Paulo, fiel ás suas tradições de conquistas e aventuras, era a pacata cidade das serenatas, poetisada de lendas academicas, em que não raro perpassava a graça de um rosto moreno, disfarçado sob o longo véu da mantilha...

E o Menezes recitou á meia voz:

Então, meiga Cidade da pureza,
Sobre a collina, como um lirio branco,
Eras um berço de ouro, uma belleza:
Ruas tortas, casinhas no barranco...

E esses versos evocavam no espirito do Menezes a recordação daquella antiga Paulicéa de casinhas baixas, onde as mulheres ficavam, confiantes e pudicas como Penelopes, a tecerem os seus bordado-por detraz das rotulas, enquanto os homens fortes, reunidos em bandeiras, afundavam por annos e annos no escuro labyrintho dos matagaes bravios...

Pungido pelas impressões desse ultimo passeio, quando o Menezes se recolheu ao hotel, tinha a alma embuçada num froco de melancolias tão regeladas, como a neblina que lá fóra continuava a cair, a pe-

neirar, pondo nos combustores da illumination um largo nimbo de vaporosidades...

LIX

Nessa noite o Menezes dormiu pouco. Causava-lhe repugnancia o contacto com aquellas colchas e lençoes de aluguel, que, por mais lavados e bruidos que estivessem, não passavam de uns trapos publicos, cobertas de todo o mundo ! Por isso elle ficou por muitas horas, de olhos abertos e fixos, a meditar em tantas coisas incoherentes, que as idéas se baralhavam no seu cerebro, á maneira de uma tropa de ginetes galopando em confusão, dentro de uma nuvem de poeira.

E elle escutava, no descorrer da noite infundavel, os quartos de hora que o relógio da torre de S. Bento ia batendo, de vagar, de vagar, de vagar... E pensava na viagem, fechava os olhos, abria-os de novo, e voltava a pensar na viagem.

D. Carolina dormia, o bebê resfolegava de leve. Só o Menezes velava. Oh ! como o irritara e aborrecera aquella palestra com o Xavier, bom rapaz, está claro, mas que tinha o defeito de exaggerar tudo, porque tudo enxergava através da sua escura luneta

de neurasthenico. Pois si os paulistas eram uns palermas, incapazes de metter os cotovelos no proximo e rasgar caminho na vida, que culpa tinham os invasores que os exploravam?

Quem lhe mandara a elle, Menezes, por exemplo, acreditar, com uma ingenuidade de donzella, nas labias e na barbicha de um tal José Solimões, entregando-lhe logo o seu dinheiro com a mesma facilidade com que os outros entregam as suas filhas? Ahi estava a explicação facil e clara de todas as desventuras. E quanto ao bom Xavier, esse, era um vencido, antes mesmo de entrar em combate. Andava eternamente a architectar e a destruir obras primas. Um talento, de certo! Mas onde estava o seu famoso romance naturalista, cujas bellezas ineditas já eram proclamadas e inaltecidas desde o seu primeiro anno de Direito, quando elle tomava as suas valentes carraspanas, ou abalava aventureiramente para a Penha, onde passava longos dias, de sucia com hespanholas, errando pelos cercados, numa completa vadiação bucolica, tudo isso sob o pretexto de que estava estudando e colligindo o decantado «documento humano?»

Onde o *Livro de Esther*, de uma tão delicada concepção? Tudo falhara. Por que?

Por falta de persistencia. Enquanto isso o Seixas, com a sua risada relinchante, ia geitosamente cavando brecha, minando e solapando, como bom «cavador» que era, e os pobres paulistas continuavam de cabeça baixa, tangidos duramente pelos adventicios, como um miseravel rebanho de porcos! E isto parecia ao Menezes um castigo tremendo, desses de que fala a Biblia e que muitas vezes deixam passar incólumes tres gerações, para rebenotar de chofre sobre as cabeças da quarta descendencia! Era, com effeito, uma fatalidade historica que os netos daquelles fortes varões conquistadores do seculo XVII acabassem covardemente conquistados, para dentro das muralhas da sua propria cidade!

E, por cumulo de ironia, no meio desta decadencia moral, o Estado prosperava materialmente, para regalo «dos outros», entulhando as alfandegas e os mercados do mundo com os fructos dos seus immensos cafezaes.

E dia a dia os navios partiam de Santos, numa fila interminavel, carregados e negros como os dromedarios no deserto. Era a rubiacea que lá ia, numa torre de saccas, para muito breve voltar em fórmula de libras tilintantes, perfazendo os milhões de um

novo emprestimo, que havia de ser distribuido entre as familias privilegiadas dos chefes privilegiados, em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo... E o que mais desolava era S. Paulo não ter brio literario, fazendo-se representar na politica e em tudo mais por um verdadeiro exercito de mercenarios que o forçavam a papelorios ridiculos, exhibindo-se em toda a parte como um chato Sancho Pança, cuja intelligencia não vai uma pollegada além do seu farto conteudo abdominal.

Neste sentido, razão tinha o Xavier quando se lastimava por não haver nascido no pequeno mas glorioso Sergipe. Talvez mesmo em Cucuhy ou Tabatinga fosse mais feliz.

Em summa, raciocinava o Menezes entre bocejos, S. Paulo ha de ter o fim grotescos de um banqueiro materialão, para quem a vida e o universo só têm dois polos maximos: o bandulho e a bolsa. Assim, estando elle bem nutrido e bem endinheirado, tudo vai bem, e Deus é grande. Por isso, em quanto os outros Estados apontam com orgulho para os seus homens de talento, S. Paulo indica com impafia o seu sordido sacco de dinheiro. Mas a riqueza é o mais precario de todos os bens. Vai e vem. Tem

fluxo e refluxo. Os bens spirituaes é que constituem o eterno patrimonio de um povo.

A Inglaterra ha de ser sempre a patria de Shakspeare, a Italia ha de ser sempre a patria de Dante e Portugal, apezar da sua pequenez geographica, ha de ser sempre a grande patria de Camões. Quanto a S. Paulo, é possível que um dia, ao fim de um lauto jantar, a sua gloria se desfaça com estrondo, num grande arrote. Até lá, concluia o Menezes já meio tonto de somno, que a terra do indio Tibiriçá seja feliz, coma bem, beba melhor, e si não tiver com que se distrair, tome um purgante, de vez em quando.

LX

A's quatro e meia da madrugada o criado bateu á porta.

— E' hora, sr. doutor. O carro está á espera. O Menezes saltou, esfregando os olhos.

— Que hora parte o trem da Sorocabana?

— A's cinco e quarenta e cinco.

Havia tempo, em todo o caso o Menezes tratou logo de despertar a sua gente e pôr tudo em movimento, afim de evitar precipitações. Dentro de

poucos minutos, estavam todos preparados para sair. O Adão carregava uma cesta, de cujo interior partiam, prolongados e lastimosos, os miados de *Satan*. D. Ritinha apertava nos braços o petiz, que ainda dormia, muito conchegado, com a cabecinha sumida na sua vistosa touca de lã. O Menezes, elegante no seu correcto sobretudo côr de pello de lontra, calçava calmamente as luvas, como si fosse para um theatro, quando d. Carolina appareceu, ainda friorenta, ageitando o chapéu, envolta numa larga pellica de inverno. Então foram descendo ás escadas, entre as amabilidades do criado do hotel, que, muito delambido, fazia jus á gorgeta, garantindo *ao sr. doutor* que «ia a muito bôa hora para apanhar o trem...» Tomaram o carro, a portinhola bateu com um ruido secco e os cavallos começaram a trotar na rua larga e muda, onde apenas, de espaço a espaço, se desenhava o negro vulto de um soldado, immovel e somnolento no seu longo capote.

Mas logo começaram a passar os primeiros bonds, no meio de um continuo retinir de campainhas, ao trote cadenciado dos muares. De tempo em tempo, alcançando e adiantando-se do carro do Menezes, outros carros mais rapidos galopavam para o lado da Estação da Luz. Ao fundo, ás vezes mal se distinguia

a figura de um homem, encolhido entre grossos volumes e malas de couro, a chupar nervosamente o seu cigarro. Estes tambem eram viajantes, pensava o Menezes.

Partiam. Para onde os atiraria a inconstante maré da fortuna, que assim se abalançavam áquella hora, cortando o frio da madrugada, entre os estalos de um chicote que, ao mesmo tempo que zurzia os animaes, podia symbolisar a dura implacabilidade de um destino adverso ?

Voltavam talvez das pugnas do amor, com o coração golpeado sete vezes e sete vezes escarnecido.

Ou talvez partissem, como os antigos Argonautas, no encalço de um puro ideal, alevantando para os astros o olhar cheio de ingenuidade e de esperança. A verdade é que partiam, esses viajantes desconhecidos, fumando um cigarro nervoso, no fundo escuro de uma carruagem. E o chicote estalava, estalava. Os cavallos corriam, levantando faiscas das pedras. E o cocheiro, imagem severa do Destino, pregava-se na boléa, immovel, impassivel e inexoravel, como um deus que dirige !

Mas por que tão desabrida velocidade, si o maior encanto da vida é bater os caminhos, numa infinita e lenta caminhada, á procura daquillo que jamais se

encontra e que jamais se alcança, por mais que voem os balões, por mais que avancem as locomotivas?! Allí estava elle, Menezes, que corra doidamente atraz do Milhão, pensando que corria atraz da Felicidade !

Porfim, tudo falhava.

E agora por certo não seria um pobre cocheiro com somno, a tanger uma velha traquitana de praça, que o havia de conduzir ao lendario paiz da Ventura !

Portanto, nada de pressa, vamos indo de vagar, pisando firme, enquanto os outros disparam, levantando bulções de poeira !

Em todo o caso, vamos tocando para a frente, vamos seguindo com coragem, cada qual por seu lado, carregando as suas malas e as suas illusões !

Assim considerava o Menezes, quando o carro parou deante de uma casinhola pifia, com um alpendre, coberto de vidro, debaixo do qual se acotovelava um povo mixto, na ancia de comprar bilhetes de passagem. Era a estação da Sorocabana.

Ao mesmo tempo chegava um destacamento de soldados com os capotes a tiracollo, so pesando as suas longas carabinas; entravam tambem uns homens corpulentos, typos de fazendeiros, com o palla ao hombro

e o chapéu do Chile erguido sobre a testa, palpando o bolso com desconfiança.

Outros iam chegando, mulheres e homens, todos pontuaes e todos preocupados, a olhar para o relógio da estação, cujos ponteiros marcavam cinco horas e vinte minutos.

O Menezes comprou as passagens e entrou. Ainda não era dia claro. Nos lados do nascente o horizonte estava percintado de grandes barras côr de sangue e côr de laranja. Uma aragem mais fina e mais fria começava a circular, pondo-lhe na epiderme um agradável arrepio.

O Menezes conduziu d. Carolina ao restaurante, para tomar café. Era um cubiculo indecente, que ficava ao fundo da plataforma. Alli homens e senhoras se atropellavam junto ao balcão, numa indecorosa lufa-lufa de feira.

—Café aqui, cidadão !

—Quantos pasteis comeu ?

D. Carolina provou uns goles de café. O Menezes sorveu um cognac, e saiu praguejando, ennojado daquella sordidez botequineira ! E examinava o sobretudo, como a temer manchas de sebo, rosnando com rancor :

—Companhia ignobil ! Pouca vergonha !

A machina manobrava, avançando e recuando, empencada de vagões, no meio de estridentes, repetidos apitos. Dahi a pouco o comboio se desdobrou ao longo da plataforma, prompto para seguir. Mas era cedo. Na pesagem das bagagens cruzavam-se empregados de bonet agalado, entre os carregadores, que gritavam, num portuguez espurio, cortado de pittorescas exclamações em italiano :

—Dio cane !

—Per la Madonna !

—Disgraziato !

E as carretas rodavam, retinindo, empilhadas de balús e canastras.

O tempo ia passando. Os passageiros tomavam os seus logares nos carros. Fóra, ouvia-se o prérgão dos engraxates e dos vendedores de jornaes.

Então o Menezes tambem foi tratando de se installar, tendo o cuidado de escolher um vagão quasi vasio, onde iam apenas dois rapazes palradores, com ares de caxeiros viajantes, um velho que dormia com a cabeça embrulhada num chale-manta e um reverendo, cujo carão, armado de oculos, se occultava atraz das folhas do «Jornal do Commercio», como atraz de um biombo. E era só. O Menezes, cercado dos seus,

formou um rancho á parte, sentando-se ao lado de d. Carolina, de modo a poderem conversar bem á vontade.

Elle, apezar de empobrecido, sentia-se feliz naquelle momento. Ella, por seu lado, não podia dissimular uma grande satisfação.

E' que, finalmente, o seu querido Menezes, desembaraçado das más companhias, que o exploravam, e das vis ambições de dinheiro, que o pervertiam, voltava de novo a ser só seu, inteiramente seu para sempre !

E aquillo parecia-lhe uma viagem nupcial, a fuga de dois corações que, depois de muito soffrerem e muito luctarem, uniam definitivamente os seus destinos. Assim, dois passaros, atravessando um céu tempestuoso, num vôo afflicto, vão descançar no mesmo galho de arvore...

Mas um apito soou, prolongado. O trem começou a mover-se. S. Paulo ficava. Adeus, cidade ingrata! murmurou o Menezes no intimo do coração. Accelerava-se a marcha. O trem passou sob uma ponte. Ruas, quintaes, porteiras, postes telegraphicos, bonds, bandeiras e chaminés, tudo isto ia rolando e desaparecendo, numa valsa phantastica.

Mais um apito repercutiu. O vulto da derradeira casa sumiu-se, entre espessos golfões de fumaça.

Então o Menezes que, apesar de todas as suas queixas e de todas as suas decepções, amava aquella grande Cidade, se debruçou á janella e, sem proferir uma palavra, envolveu-a num longo olhar, enternecido como um beijo!

FIM

Typ. Moraes, rua Senhor dos Passos, 101

18813

